

SEROES

N.º 20 Fev.º 1907



Rimarinho fot. 95

Marat

Summario

MAGAZINE

PAG.

OS AMADORES

Quadro de MEISSONIER..... FRONTISPICIO

EVORA ANTIGA — JANELLAS DOS SECULOS XVI E XVII

(16 *illustrações*) por A. F. BARATA..... 91

LINDOS OLHOS — POESIA

Por OSCAR BRISSOLLA 100

ALBUM DE EXOTISMOS JAPONEZES

(9 *illustrações*) por WENCESLAU DE MORAES..... 101

ELISABETH BROWNING — A PORTUGUESITA DE WIMPOLE STREET

(2 *illustrações e 2 vinhetas*) por MARIA PEREIRA D'EÇA O'NEILL 108

ASPECTOS DE S. CARLOS

(47 *illustrações e 2 vinhetas*) por ADRIANO MERÊA 112

A CARGA DOS DRAGÕES DE BRAGANÇA — NO TEMPO DOS FRANCEZES

(1 *illustração e 1 vinheta*) por F. SÁ CHAVES..... 129

A LENDA DO CANZARRÃO

(2 *illustrações e 1 vinheta*) por CONAN DOYLE..... 134

O QUE UMA FLOR ME DISSE

(1 *illustração e uma vinheta*) por João GOUVEIA..... 145

CARNE — POESIA

Por ALÍPIO MACHADO 148

A BIBLIOTHECA PUBLICA DO PORTO

(11 *illustrações e 1 vinheta*) por J. PEREIRA DE SAMPAIO (BRUNO)..... 149

OS SERÕES DOS BÉBÉS — O JOSÉ MATTAGIGANTES

(2 *illustrações e 1 vinheta*) 156

O TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS «SERÕES»

(*Margens da Ribeira de Sítimos*) Photographia do sr. THIAGO DA SILVA, Alcacer do Sal 160

(*Carta íntima*) Photographia do sr. BERGAMIN, Porto..... 168

ACTUALIDADES

(20 *illustrações e 1 vinheta*)..... 161

OS SERÕES DAS SENHORAS (24 *illustrações*)

CHRONICA GERAL DE MODAS — NOVIDADES DE MEIA ESTAÇÃO — MATERIAES PARA A PRIMAVERA — CASACOS E MANTOS DE ABAFO pag. 121
MODELOS DE CHAPEUS..... » 123

OS NOSSOS FIGURINOS pag. 123
A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... » 127
LAVORES FEMININOS..... » 128
CONSULTORIO DE LUIZA..... » 133
NOTAS DE DONA DE CASA..... » 135

A MUSICA DOS SERÕES

PAS DE QUATRE

Por HENRIQUE DA ROCHA PINTO..... 4 paginas

Quarto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

aos quaes pedimos se compenetrem bem das condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se.

O thema do quarto concurso é o seguinte :

Uma paisagem de character accentuadamente portuguez, podendo ter figuras humanas ou de animaes, com um titulo adequado (nome do sitio ou outra indicação que caracterise a significação da paisagem).

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.^a — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, com tanto que o minimo seja 9×12 centimetros.

2.^a — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.^a — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os efeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**».

4.^a — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remittidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.^a — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.^a — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Quarto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costa da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrião os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.^a — Haverá **tres premios**, sendo o primeiro de **10\$000 réis**; o segundo **Uma colleção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES**; o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES**, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

QUARTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 DE MARÇO

Titulo da photographia :

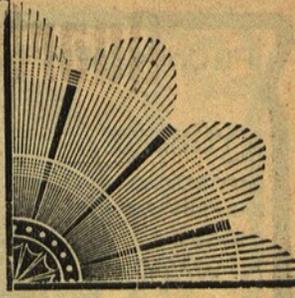
Local em que foi tirada :

Nome e endereço da photographia :

Declaração — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que unto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura :

Endereço : Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira L.^{da}, Rua Aurea, 132 a 138
— No verso do envelope a indicação : Quarto concurso photographico.



Typographia
DO
ANNUARIO
COMMERCIAL

DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

≡ OFFICINA TYPOGRAPHICA ≡

Movida pela electricidade — Installação apropriada

Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memoranduns, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.

Reproducção de planos. Cartas Geographicas.
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

≡ ESCRITORIO E OFFICINAS ≡

Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)

≡ CALÇADA DA GLORIA, 5 ≡

Telephone 1:239



LISBOA

PHONOGRAPHS
E
CILINDROS
IMPORTAÇÃO
DAS PRINCIPAES
CASAS DE
NEW-YORK
BERLIM
E
PARIS

REPRESENTANTE DO CENTRO
PHONOGRAPHICO
PORTUGUEZ

RUA DOS OURIVES Nº 109
RIO DE JANEIRO
AGENCIAS NO PARA E RIO GRANDE DO SUL



SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81, e Rua do Carmo, 83

LISBOA



AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os saos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.

LISBOA

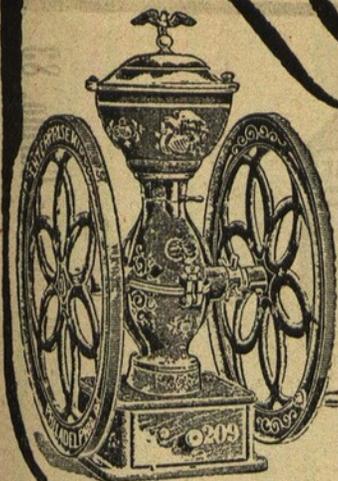
Ottoni. Silva & Cia

RUA PRIMEIRO DE MARÇO

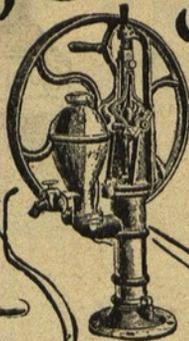
13 e 15

TELEPHONE 912.

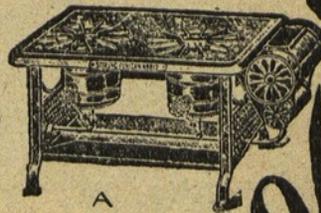
RIO DE JANEIRO



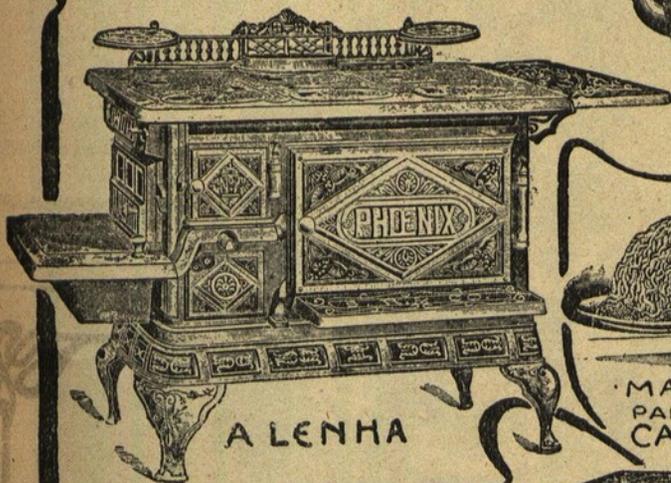
MOINHO
PARA CAFÉ



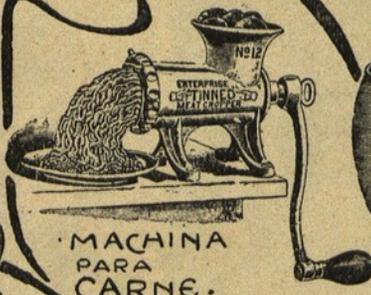
BOMBAS



A
PETROLEO



A LENHA

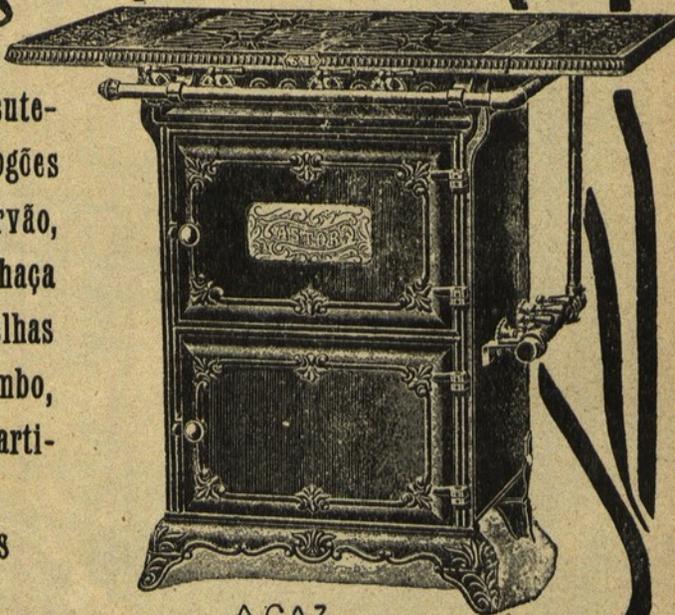


MACHINA
PARA
CARNE.



Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão, tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento, telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.

UTENSILIOS PARA COZINHAS



AGAZ

CAXAMBU

AGUA DE MESA





Pook

CASA
LAUSEN

RIO DE JANEIRO

P. Marinho Sr.

MUTAS



PASTA DENTIFRICA
 ——— **HYGIENICA** ——— **A**

Preparada na Pharmacia JULIO DO NASCIMENTO
 RUA DA PRATA, 115 e 117
 Unica que branqueia os dentes, desinfecta
 a bocca e fortifica as gengivas
 Boião 500 rs. Bisnaga 200 rs.

GRANDE DEPOSITO

—+ DE +—

Moveis de ferro e colchoaria

—+ DE +—

JOSÉ A. DE C. GODINHO



54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

A BRAZILEIRA

Casa especial de café do Brazil

A. TELLES & C.

Rua Garrett, 120 (Chiado) e Rua Sá da Bandeira, 71 — PORTO

Telephone n.º 1:438

Café especial de Minas Geraes

BRAZIL

Torrado ou moído kilo 720

Todo o comprador tem direito a beber uma chavena de café gratuitamente

Recommendamos os deliciosos vinhos da casa Borges & Irmão, do Porto, dos quaes somos unicos depositarios em Lisboa, e chamamos a attenção para os vinhos verdes especialidade d'esta casa.



Chamamos a attenção para as condições dos
annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados	18\$000	”	3\$000
Centro Commercial	15\$000		

Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrazado 3\$000

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6\$000
” com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da Renascença — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

VINHOGELHO DO PORTO



O impulso de entusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a authorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. É sob o influxo d'esse so-

berbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que, lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fôrma de lembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar emquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra

GUINLE & C.Engenheiros mechanicos,
hydraulicos
electricistas e empreiteiros

IMPORTADORES DE MACHINAS E MANUFACTURAS NORTE-AMERICANAS

Rua do Ouvidor, 64 B—Rio de Janeiro-Brazil

OFFICINAS E DEPOSITOS: 13, Rua Nova do Ouvidor, 13 e 89, Rua de S. Leopoldo, 89

FILIAES: Rua Direita n.º 7, S. PAULO

Rua dos Andradas n.º 349 e 349 A, PORTO ALEGRE — **Agencia:** Rua da Bahia,
BELLO HORIZONTE e Rua Conselheiro Saraiva, 34, BAHIA

Telephone n.º 385

Endereço postal: Rio, Caixa 954 Endereço postal: S. Paulo, Caixa «Q» — Endereço
postal: Porto Alegre, Caixa 64 — Bahia, Caixa 164
Endereço teleg. Rio, S. Paulo, Porto Alegre e Bahia «FUSE» — Codigos
A. I., A. B. C., Liebers Especial e Western Union**UNICOS REPRESENTANTES NO BRAZIL DAS SEGUINTE FIRMAS:****General Electric Co.** Apparehos electricos para força e luz.**Felton Water Wheel Co.** Rodas de aguas turbinas, etc.**Mercedes Daimler.** Automoveis.**Babcock & Wilcox Co.** Caldeiras a vapor.**J. G. Brill Co.** Trucks para carros e vagon.**The Chloride Electrical Storage Company Ltd.** Accumuladores electricos.**A. L. Ide & Sons.** Machinas a vapor "Ideal"**Chicago Pneumatic Tool Company.** Machinas e ferramentas de ar comprimido.**Cleveland Twist Drill Co.** Brocas americanas.**L. S. Starrett Co.** Ferramentas finas.**John A. Roebling's Sons Co.** Cabos e fios para transmissão de energia electrica.**Billiken Brothers.** Construcções de ferro, aço, pontes, etc.**J. A. Fay & Egan Co.** Machinas para trabalhar em madeira.**Lozier Motor Co.** Motores e lanchas a gazolina.**American Locomotive Co.** Locomotivas.**Cincinnati Tool Co.** Ferramentas.**Goodell-Pratt Co.** Ferramentas finas.**Globe-Wernicke Co.** Mobilia de escriptorio.**Worthington Pumping Engine Co.** Bombas a vapor.**Mietz & Weiss.** Motores a gaz e kerozene.**Otis Elevator Co.** Elevadores electricos.**The Gutta Percha and Rubber Mfg Co.** Artefactos de borracha.**Sherwin-Williams Co.** Tintas preparadas e vernizes.**Swan & Finch Co.** Lubrificantes.**International Paper Co.** Papel para impressão.**Hall Signal Co.** Signaes para estrada de ferro.**Standard Varnish Works.** VERNIZES.**Hammond Typewriter Co.** Machinas de escrever.**Victor Talking Machine Co.** Gramophones e accessorios.**Eastman Kodak Company.** Apparehos photographicos.



DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Sociedade de Seguros

Mutuos sobre a vida

terrestres-maritimos

SÉDE SOCIAL

AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)

FILIAL EM PORTUGAL

LARGO DO CAMOES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, quer sejam dirigidas á séde ou á filial.

LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, LIMITADA

Rua Aurea, 132 a 136 — LISBOA

DEPOSITO GERAL DE VENDAS

DAS SEGUINTE PUBLICAÇÕES DO

Annuario Commercial de Portugal

Annuario Commercial de Portugal. — 27. ^a Edição — volume de 2:450 paginas, Preço (só a de 1907), Réis	2:500
Agenda do Annuario Commercial de Portugal. — Preço: Réis.....	1:000
Diccionario Criptographico, — para corres- pondencias secretas. Unico n'este genero — Preço: Réis	1:500
Guia Illustrada de Lisboa e seus arre- dores. — Edições especiaes em Francez e Inglez — Preço: Réis.....	1:000
Pautas das Alfandegas do Continente de Portugal, ilhas e Ultramar. — Preço: Réis	400
Tabellas de Cambio. — Directo entre Portugal, Inglaterra e Brazil — Desde 6 ^d a 54 ^{31/32} ^d por 1:000 réis — Preço: Réis	200

NOTA — Aos preços acima mencionados accresce a importancia de transporte para fóra de Lisboa.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

DO

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES (PALACIO FOZ)

(Passagem do Annuario Commercial)

LISBOA

SANTOS REIS

Medico-cirurgião

Affecções pulmonares, partos e clinica geral

Consultas das 2 ás 5 da tarde e das 7 ás 9 da noite

Chamada a qualquer hora, dia ou noite

RUA AUGUSTA, 166, 1.º

A VIDA SEXUAL

A VIDA SEXUAL

PELO

DOUTOR EGAS MONIZ

Lente de medicina pela Universidade de Coimbra

1.ª Parte: **PHYSIOLOGIA**

Extracto do indice: Os orgãos sexuaes. A puberdade. A menstruação e a menopausa. O instincto sexual. O acto sexual. Fecundação. A hereditariedade. (Origem dos sexos). A esterilidade artificial na mulher. A fecundação artificial na mulher. O casamento e a hygiene na vida sexual.

1 vol. in-8.º 350 pag. com gravuras Br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

2.ª Parte: **PATHOLOGIA**

Extracto do indice: Preambulo. Introducção. Neuroses sexuaes. Heterosexualidade morbida. Homosexualidade. Asexualidade. Perversões moraes. A vida sexual dos alienados.

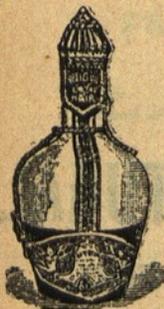
1 vol. in-8.º br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS Pelo correio, franco de porte

A VIDA SEXUAL

PERREIRA & OLIVEIRA, LIM DA — Livreiros-Editores — 132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

ORTIGUIL
FOR THE HAIR



900 RÉIS

DEVE ESTAR EM
TODOS
OS TOILETTES,
EVITA A QUEDA,
FACILITA O
CRESCIMENTO
E TIRA A CASPA.

PERFUMÉ ESQUISITO

Vende-se nos bons es-
tabelecimentos de Por-
tugal.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO

R. dos Retózeiros, 141
LISBOA

Obras primas

D. Quichote de la Mancha

Edição illustrada em 3 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

Ultimos dias de Pompeia

Edição em 2 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

A' venda na livraria

FERREIRA & OLIVEIRA, L. DA

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

LIVROS Á VENDA na Livraria Ferreira & Oliveira, L.^{da}

Henrique Lopes de Mendonça

NÓ CEGOPeça representada em D. Maria
1 volume em 8.º..... 300

Conego Anaquim

**O genio portuguez
aos pés de Maria**

1 vol..... 600

Raul Brandão

A FARÇA

NOVELLA DRAMATICA

1 vol. br..... 600

Luiz Guimarães, F.º

Pedras preciosas

VERSOS

1 vol. ed. de luxo... 1\$000

ANTHERO DE FIGUEIREDO

Recordações e viagens

SUMMARIO: Gosto de recordar — Na City — Três cemiterios italianos — Uma casa minhota — Na Franconia — Nas aguas de Capri — O Bom-Jesus-do-Monte — Entre Southampton e Vigo — Uma aldeia espiritual (Assis) — Lisboa — O mosteiro do Canigou — O Minho-pesarôso — O Valle do Tet no Rossilhão — Unhaes da Serra — Davos-Platz — Uma tarde em Biarritz — Nos Avants — Um amigo da sua terra — Paginas de um «Bloc-notes» — Post-Scriptum.

Um volume in-8.º br..... 600 réis

FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{da} — LIVREIROS-EDITORES132 — Rua do Ouro — 138
LISBOA

A NACIONAL

 Companhia Portugueza de Seguros
sobre a vida humana

CAPITAL 200:000\$000 RÉIS

RAMO A. — Seguros de todas as cathogorias a premios semanaes, semestraes, trimestraes ou mensaes.

RAMO B. — Seguros populares — sem exame medico a premios semanaes desde 20 réis.

PEDIR TARIFAS E CONDIÇÕES

Rua do Alecrim, 7 — LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS :

- Threnos** — Por Jeronymo d'Almeida — Fol. de 80 pag. — Guimarães, 1906 — Versos que denunciam inexperiencia de forma, mas espontaneidade e graça poetica, dignas de apreço.
- **Melhor Caminho** — Dois actos em prosa por Luis da Camara Reys — Coimbra, 1907 — Cremos que estreia do auctor na escabrosa litteratura dramatica. Facilidade e levesa no dialogo, incerteza desculpavel na factura. Boa promessa.
- Renascença** — *Revista mensal de letras, sciencias e artes* — Anno IV — Janeiro de 1907 — N.º 35 — Rio de Janeiro — Summario: — Dr. Vicente Machado — Dr. José Candido Ferreira — O estado do Paraná — Curytiva — Colonisação no Paraná — Paranaguá — Coração — Deslumbramento — Olhos velados — Antonina — Viação no Estado do Paraná — Incontentavel — Sim? — Dom Quichotte — Ao crepusculo — Sonata do luar — Chronica musical.
- Accordãos do Tribunal da Relação de Loanda.** — Anno de 1906.
- A Crise Vinicola e a sua Solução.** — Pelo Dr. José Lopes Vieira — Summario: — Identificação da crise duriense com a do Centro do sul do paiz — Dados do problema da crise vinicola, sua discussão e resolução — Lançamento e cobrança do imposto de produção sobre vinhos.
- La Lectura** — *Revista de Ciencias y de Artes* — Año VII — Febrero 1907 — N.º 74 — Summario: — La casa da contratación de las Indias — Vasco de la Zarza, escultor — Las razones del «Arte Social» — Sociologia: Un programa — Crónica.
- Construção Moderna (A)** — *Revista ilustrada* — Anno VII — N.º 20 — 1 de Fevereiro de 1907.
- Revue de la Société des Etudes Portugaises** — *Fondée à Paris en 1902 sous le haut patronage de Sa Majesté le Roi de Portugal* — Directeur: Xavier de Carvalho — 5.º Année — Janvier 1907 — N.º 4.
- Revista Ilustrada** — N.º 1 — 16 de Fevereiro de 1907 — 1.ª serie.
- Vinha Portuguesa (A)** — *Revista Mensal de Viticultura de Agricultura Geral* — Dedicado aos progressos agricolas e principalmente viticolas do paiz — Anno XVII — Janeiro 1907 — N.º 1.
- Boletim Official do Governo Geral da Provincia de Angola** — N.ºs 1, 2, 3 e 4 — Janeiro de 1907.
- Revista de Artilharia** — Publicação mensal — 3.º anno — N.º 29 — Novembro de 1906 — Summario: — Influencia da altitude sobre o angulo de tiro da bocças de fogo da costa — A artilharia de campanha de tiro curvo — Estudo sobre a região fortificada de Lisboa — Armamentos da bateria de costa — Variedades — Noticiario — Bibliographia.
- A Cidade e os Campos** — *Revista mensal illustrada* — N.º 8 — Fevereiro de 1907 — Anno I — Artigos principaes: — As leis nefastas — O Divino Raphael — O dr. Lopes Vieira — Mortalidade infantil — A missão das commissões de Beneficencia Escolar — Concurso litterario, etc.
- Portugal Agricola** — Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias — Summario: — Novo processo de alimentar as plantas — Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa — Revista das Revistas — Solução pratica da questão das carnes — A cultura do algodão e a industria algodoeira — Livros, conferencias e communicações — Informações e noticias — Secção official.
- Revista de Manica e Sofala** — *Publicação mensal illustrada* — 3.ª Serie — Fevereiro de 1907 — N.º 36 — Summario: — O caminho de ferro e o porto da Beira — Galeria da Revista — Conselheiro J. J. Machado — O Gungunhana — Um novo paiz algodoeiro — As estradas no territorio de Manica e Sofala — Alguns usos e costumes indigenas de Sena — Relatorio d'uma viagem — De toda a parte — Chronica — Carteira da Revista.
- Nova Silva** — *Revista illustrada* — N.º 2 — 17 de Fevereiro de 1907 — Summario: João Chagas — A «Nova Silva» — Soneto — A liberdade e o calendario — Boa vizinha — O carnaval no Porto — Amor mystico — Avançando — Vulgarisação doutrinaria — A uma mulher simples — Varia — Typos das ruas.
- Estudos Sociaes** — *Revista catholica mensal* — Anno II — Dezembro 1906 — N.º 12 — Summario: — Estudos sociaes — Fernando Brunetier — A insinuação régia dos vigarios capitulares — Descanço semanal e descanso dominical — A questão social — Chronica social do estrangeiro — Bibliographia.
- Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes** — 4.ª Serie — N.º 12 — Tomo X — Summario: — Pelourinhos, cruzeiros e outros monumentos — Cruzeiros notaveis — O Pelourinho de Paredes de Coura — Acta da sessão de assembléa geral em 9 de julho de 1906 — O castello d'Evora-Monte — Casa onde morreu o poeta visconde de Castilho — Catalogo das moedas e medalhas do Museu do Carmo.

AVOIA ANTIQ



Os amadores

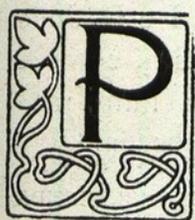
Quadro de Meissonier

Evora antiga

JANELLAS

DOS

Seculos XVI e XVII



OR vezes foi Evora côrte de reis e morada de fidalgos e de ricos, nos seculos passados do viver autonomo de Portugal.

Por diversas vezes aqui estive na primeira dynastia D. Fernando e sua côrte, habitando o antigo palacio dos Estáos, actualmente destruido, ou, antes, transformado. Na segunda, foi esta cidade côrte de D. João II, de D. Manoel, de D. João III, e por vezes de D. Sebastião. Filipe II visitou Evora na terceira dynastia.

Sem permanencia de consideração, aqui estiveram varios monarchas da actual dynastia até ao Senhor D. Carlos.

Com a permanencia da côrte, aqui mandaram construir seus palacios e casas nobres os fidalgos cortesãos, os senhores de grandes terras no vasto Alemtejo.

Desses palacios só subsistem hoje restos, com rarissimas excepções nos do Duque de Cadaval, condes de Basto (Castros das 13 arruellas) e no dos Mellos na rua Alconchel.

De crer devemos que assim como em Evora trabalhavam architectos famosos, que construíram a maravilha da igreja de S. Francisco, viessem outros ou os mesmos erguer as casas no-



JANELLA NA RUA DA MOEDA

bres dos fidalgos, graças aos haveres de quem as mandava construir.

Vestigios notaveis dessas edificações fidalgas são ainda pela cidade as janellas de muitos delles, em que não pouco tem que admirar o artista e o archeologo, e talvez mesmo que aproveitar.

Desenhos e boas execuções delles offerecem, se não absolutas novidades, amostras dignas de attenção e de estudo ás artes de desenho, a constructores, a muitos que estimam o nosso passado monumental.

Na diaria transformação por que vae passando a cidade de Evora, é conveniente e dever patriotico salvar por meio da estampa esses restos de uma passada grandesa artistica, que nobilitou esta nação a par das estrangeiras, e construiu Belem, a Batalha e Thomar.

Nesta contribuição exigua o fazemos, mandando á posteridade as re-

liquias subsistentes da grandesa artistica de Evora, acompanhadas de alguns dados historicos preciosos por melhormente serem avaliados.

parencia, actualmente, mas que póde ser o que resta de rica construcção, onde se vê a janella representada na estampa, na verdade, elegante.

Annos ha foi o nome de rua do *Tinhoso* convertido em rua da *Moeda*, não porque subsista documento que prove o ter sido n'aquella rua a *Casa da Moeda*; mas por perpetuar a memoria de que D. João I e D. João IV aqui a bateram, como é comprovado de numismas existentes em museus.

DA CASA DE GARCIA DE REZENDE

Da casa que pertenceu ao chronista de D. João II,



FRONTARIA DA CASA
DE GARCIA DE REZENDE

NA RUA DA MOEDA

Na antiga, estreita e tortuosa rua do *Tinhoso*, em Evora, hoje chamada da *Moeda*, uma das que da Praça de Geraldo descem para poente, para o bairro que foi dos Judeus, ha uma casa humilde de ap-



JANELLAS DA RUA DOS INFANTES

Garcia de Resende, mais immortalizado no *Cancioneiro geral* do que na *Chronica*, que mais parece ser de Ruy de

Pina do que delle, fazem parte coeva as janellas representadas na estampa.

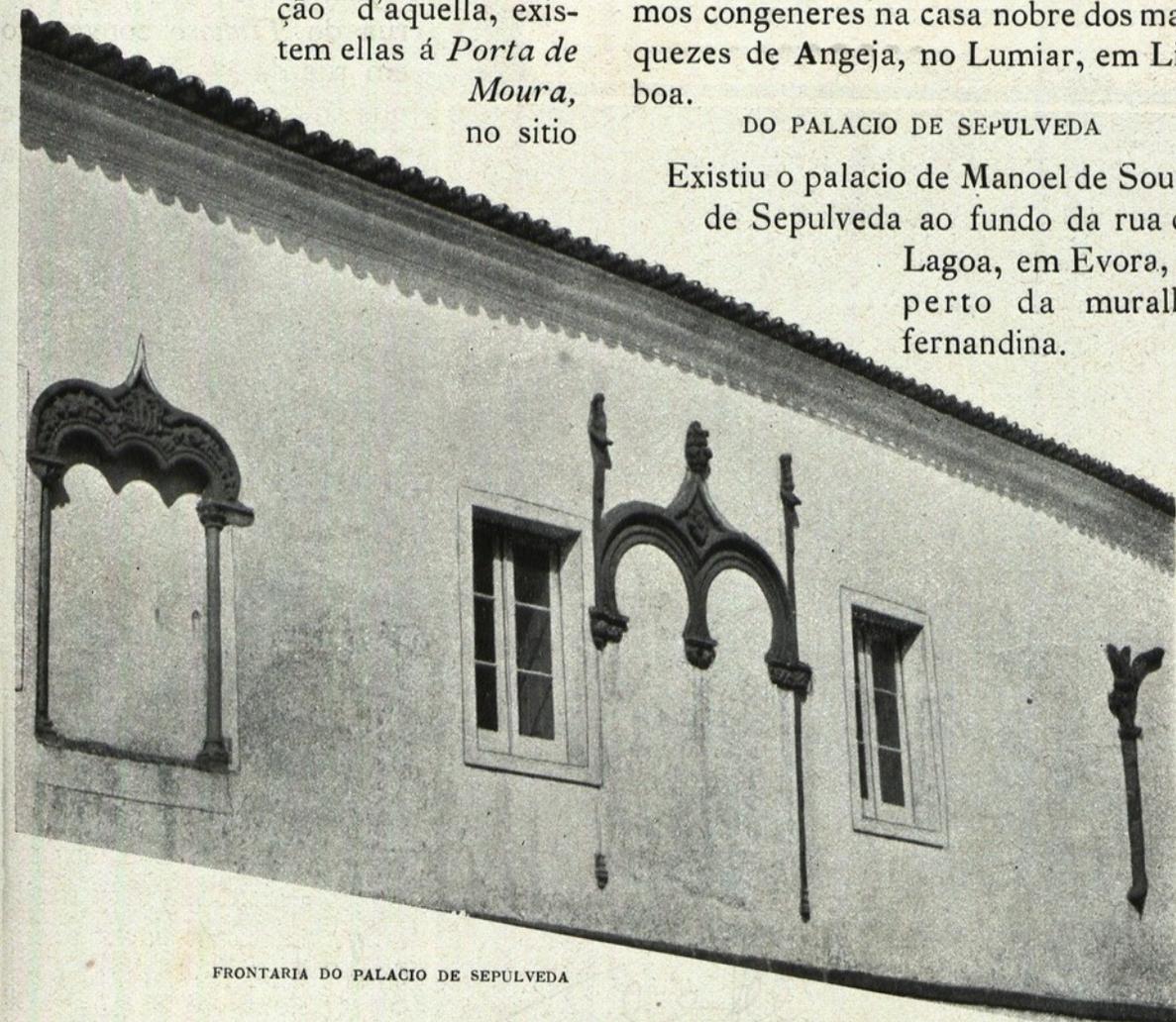
Formosas, e umas das mais lindas da cidade, maiormente a da direita, porque a outra parece ser uma imitação d'aquella, existem ellas á *Porta de Moura*, no sitio

rua dos Infantes. De quem fôsse tal casa em tempos antigos difficil, se não impossivel, é hoje o dizer-se.

Com tal desenho, outras não tem Evora actualmente, e só lhe conhecemos congeneres na casa nobre dos marquezes de Angeja, no Lumiar, em Lisboa.

DO PALACIO DE SEPULVEDA

Existiu o palacio de Manoel de Sousa de Sepulveda ao fundo da rua da Lagoa, em Evora, já perto da muralha fernandina.



FRONTARIA DO PALACIO DE SEPULVEDA

chamado antigamente *Paço de Selbrosos*.

Genuina do estylo *manuelino*, ou nacional, póde dizer-se que, tirante as que subsistem do palacio de D. Affonso de Portugal, de que adiante fallaremos, não tem a Evora actual mais elegantes.

Possa ella ser respeitada do camar-tello transformador, quasi sempre mandado de nescios executantes como de pouco illustrados mandantes.

NA RUA DOS INFANTES

As duas janellas, representadas na estampa, existem em casa humilde na

Dado que fôsse do infeliz cantado de Camões e de Jeronymo Côrte Real, e não de um homonymo, de seu palacio pouco existe.

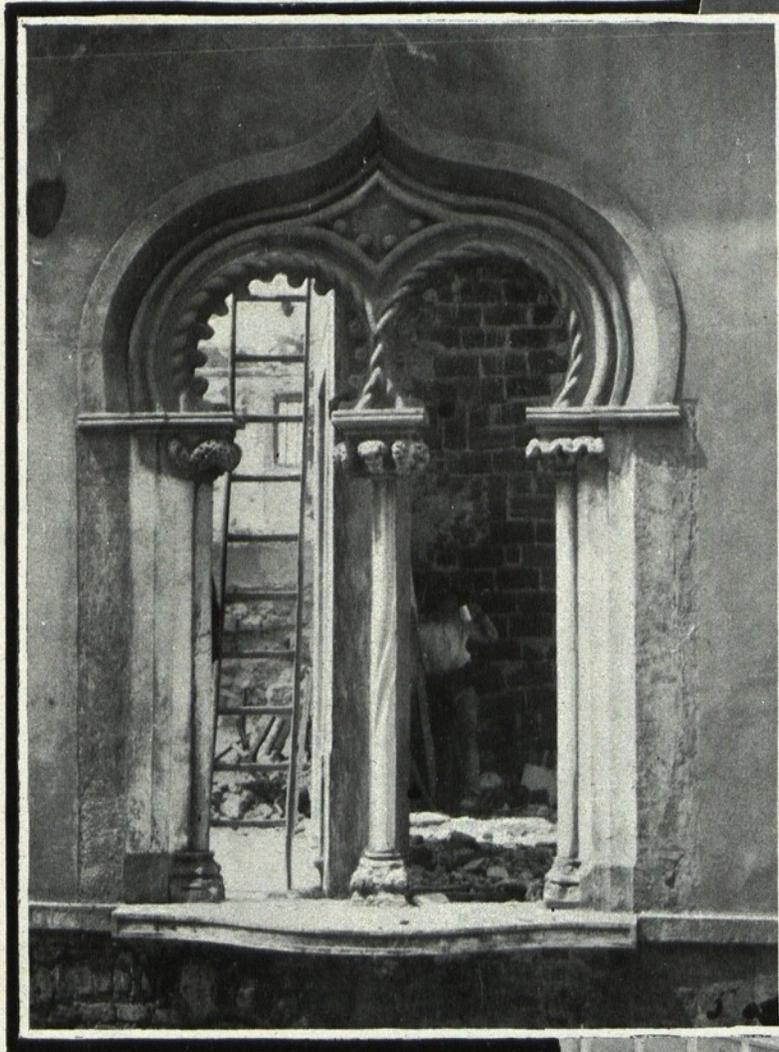
Adquirido, talvez por compra, pelo Cardeal D. Henrique, foi o palacio accommodado ao Recolhimento, que nelle fundára, de S. Manço para donzellas, donde o ter ficado este nome até ao presente ao transformado edificio.

Na sequencia do tempo, este Recolhimento serviu de fabrica de moagens, soffrendo mais transformações, como ultimamente outras lhe fizeram, as

obras necessarias para servir, como serve, de *Adega regional*.

Póde affoutamente dizer-se que dessa casa nobre de Evora só existem encravadas na parede externa, que dá para a rua da Lagoa, as janellas represen-

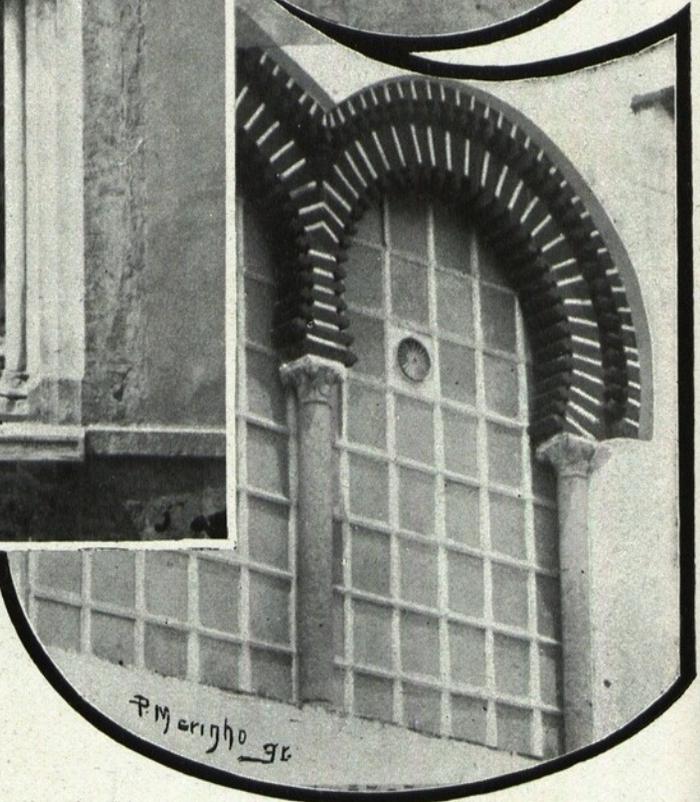
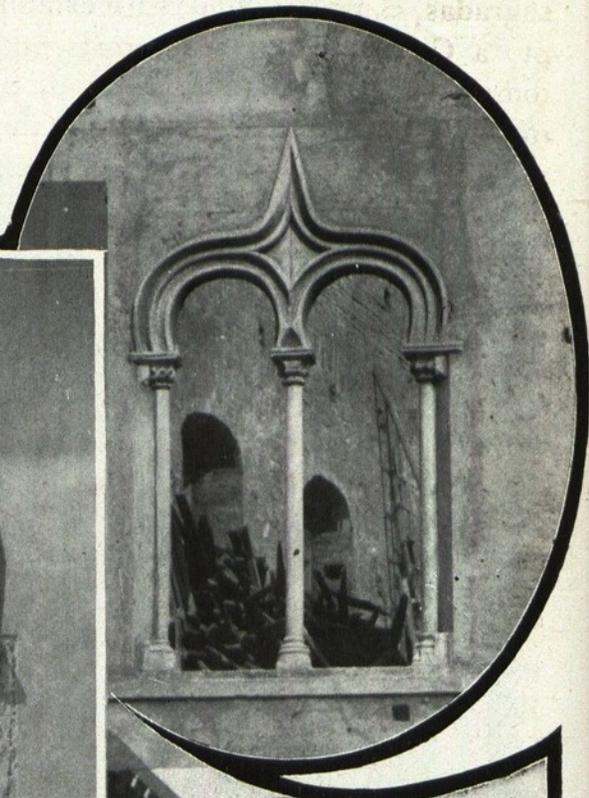
JANELLA DA CASA DA CAMARA



JANELLA DA CASA DA CAMARA

tadas nas estampas, e nas paginas da historia de Portugal o nome tristemente lembrado de Manoel de Sousa de Sepulveda e de sua esposa D. Leonor, que

«Verão morrer de fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os cafres asperos e avaros,
Tirar á linda dama seus vestidos;



JANELLA DE ESTYLO ARABE

Os cristalinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despídos,
Depois de ter pisada longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente »

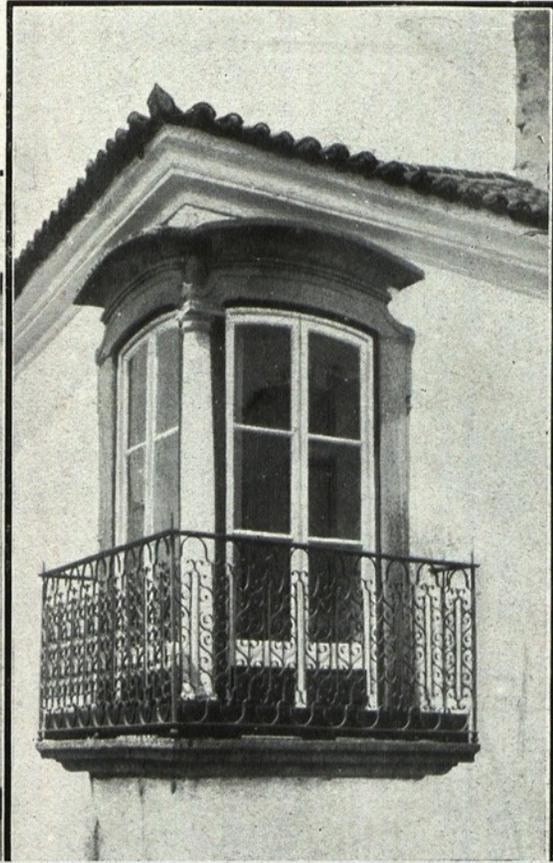
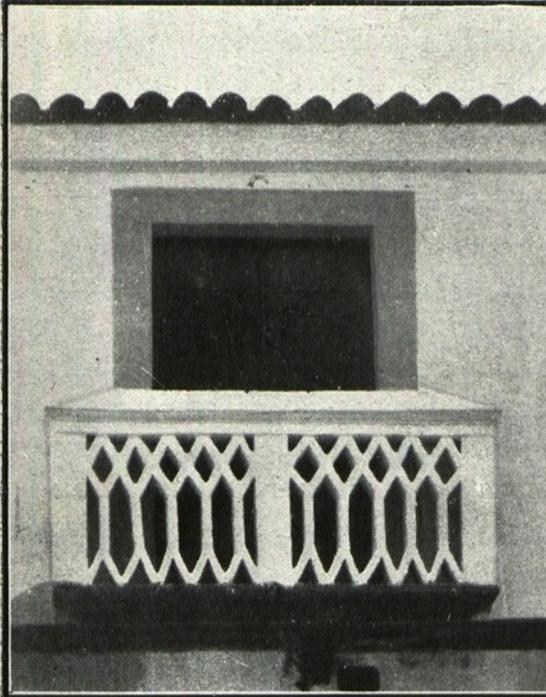
Esta segunda estrophe das tres consagradas, como é sabido, deram assumpto a Corte Real para obra de maior tomo, o *Naufragio de Sepulveda*, começado:

zia parte o grande cidadão João Mendes Cicioso.

Davam ellas para a varanda do edificio, donde, em 1637, os representan-

«Um successo infelice, um triste caso,
Um funesto discurso, a morte horrenda
De Sepulveda canto

JANELLA NA RUA DA MISERICORDIA



JANELLA DE UMA CASA
Á PORTA NOVA

DA CASA
DA CAMARA

São da antiga casa da Camara Municipal de Evora outras janelas que reproduzimos em gravura.

Mandára construir o edificio no seculo XVI a verreação de que fa-



JANELLAS DA INQUISIÇÃO DE EVORA



JANELLA DO PALACIO DOS PEGAS

tes do povo soltaram dos labios ao povo, que na praça tumultuava, o primeiro brado de liberdade, o primeiro de independencia de Castella.

João Barradas e Sizenando Rodrigues ficaram, pelo facto, immortaes na historia de Portugal.

Vendido pouco ha, o edificio foi agora derruido até aos fundamentos, para no local ser construido um edificio para *Agencia do Banco de Portugal*.

Desappareceu pois, de vez, o edificio historico, que bem deveria ter sido considerado como monumento nacional, por ter sido nelle que se iniciou praticamente a realisação do que parecia um sonho, a liberdade portugueza, alcançada, finalmente, trez annos depois, por alguns portuguezes denodados, em Lisboa, no primeiro dia de Dezembro de 1640.

Fique neste vasto repositório de

cousas da patria ao menos um vestigio do historico edificio.

JANELLA DE ESTILO ARABE

Em casa, que foi parte integrante da Inquisição de Evora, cujo pateo ainda conserva a porta por onde saiam os condemnados para os *Autos de fé*, existe a janella de arcos de ferradura no estylo arabe, compostos de tijolos moldados, como os que estão no jardim da cidade, por baixo da varanda dos paços de D. Manoel. Tem um *facies* de moderna esta janella, donde o poder-se conjecturar que seja ella uma imitação das do jardim publico.

Esta fórma de ferradura dada aos arcos, dá-nos a lembrar a existencia ainda em tempo de D. Manoel de artistas arabes em Portugal, como por sem duvida temos que os havia muito depois da expulsão delles do extremo occidente deste paiz. No castello do Alandroal ha disto vestigios indubitaveis.

NA RUA DA MISERICORDIA

A janella de esquina de casa, bipartida de columna, e não de columnello, como costumavam ser no seculo xvi, existe na rua da Misericordia perto da esquadra da policia civil.

Deve esta casa, em que se abre a janella, ser representante transformada do palacio dos condes de Farão, ou Faro, que desde o edificio actual da Misericordia até alli se prolongaria.

Encosta esta casa a uma torre do cinto de uma muralha romana, em cujos baixos existe a capella de S. Manços e mais recordações tradicionaes do santo.

À PORTA NOVA

A janella representada na estampa existe á Porta Nova em casa humilde, revelando grande antiguidade.

Foi este aproveitamento do tijolo a cutelo muito usado em Evora em cousas congeneres. Ainda n'um ponto ou outro da cidade se veem construcções semelhantes, revelando muito bom gosto, como no miradouro das freiras do mosteiro do Calvario e no do convento do Salvador. Esta janella, porém, dá tanto nas vistas ao visitante da cidade e lhe prende tanto a attenção, que apropriado nos pareceu o dar de taes construcções noticia e amostra ao leitor.

DA INQUISIÇÃO

N'uma casa que foi da Inquisição de Evora, olhando ao largo da Sé, hoje do Marquez de Marialva, existem as janellas representadas na photographia: estão na parte do predio que dá para a rua de Vasco da Gama.

Datadas de 1637, não pertencem ellas ao seculo aureo não só de letras, mas das artes em Portugal. Recommendam-n'as a simplicidade e os esgrafitos que encimam a casa, especie que abundava na cidade e vae quasi extincta. Era uma ornamentação trabalhosa, mas elegante, como se vê das estampas, e que esteve em uso por toda a Europa.

Poucos mais existem na cidade.

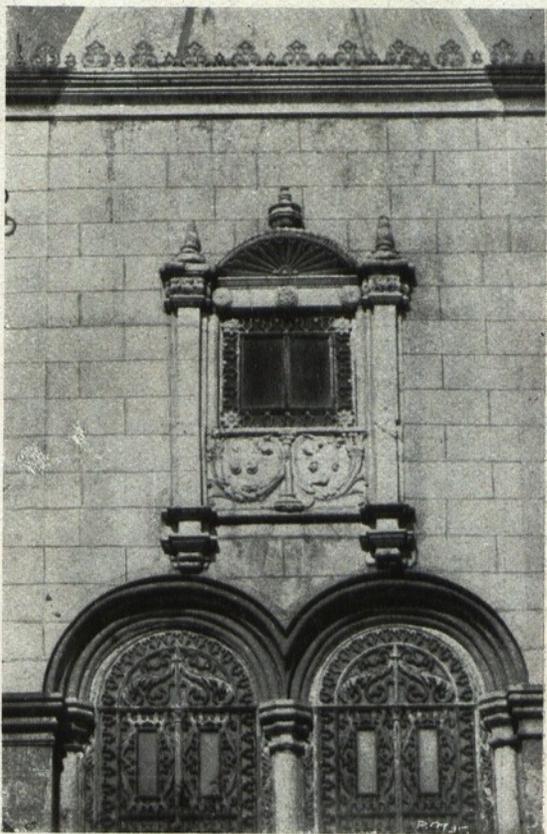
DO PALACIO DOS PEGAS

Diz-nos a tradição que fôra do palacio dos Pegas, em Evora, a janella formosa e ampla, que a estampa representa.

Comprado nos ultimos tempos do viver do Dr. Barahona, foi por sua ordem accommodado ao edificio do correio, em que está.

Tinha elle para a rua do Paço uma janella manoelina, muito linda, que se apeiou, e ouvimos que fôra cedida por cem mil réis a um forasteiro, que ao tempo das obras se achava na cidade.

A nosso pedido ao fallecido benemerito, foi conservada a que a estampa representa, que olha para o pequeno quintal do palacio, composto, como todos os do seculo XVI, de grandes salas de tectos esguios, encimados de penduraes de madeira bem ou mal trabalhados.



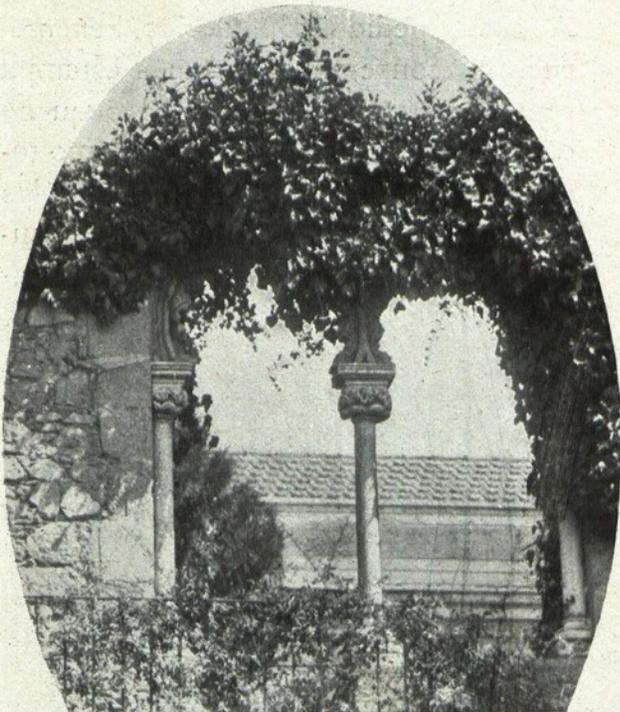
PAÇOS DE D. MANOEL, NO JARDIM DA CIDADE DE EVORA

Não se vê da rua publica esta janella elegante, mas sómente do interior do edificio.

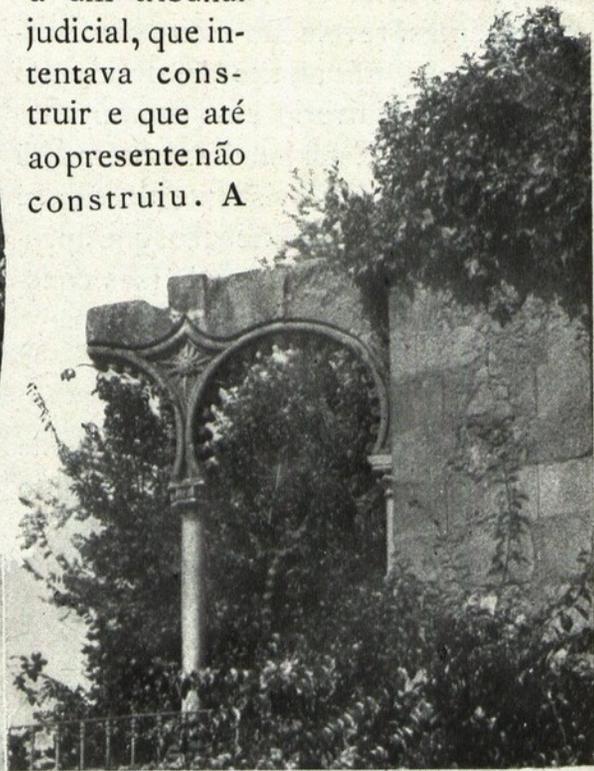
DOS PAÇOS DE D. MANOEL

Da cupula do atrio de entrada para a *Galeria das Damas* dos paços reaes de S. Francisco, ou de D. Manoel, são as lindas janellas de que damos exemplar em gravura.

Variadas nos desenhos e bem trabalhadas do cinzel offerecem ellas em Evora especimens unicos no genero.



desacato á arte contribuiu o quererem aproveitar umas columnas que a Camara Municipal comprára com destino a um tribunal judicial, que intentava construir e que até ao presente não construiu. A



JANELLAS DO PALACIO DO BISPO D. AFFONSO DE PORTUGAL
NAS RUINAS FINGIDAS DO JARDIM DE EVORA

A *Galeria das Damas* só tem hoje da primitiva a parte inferior, tendo sido modificada com infelicidade na parte superior de modo a representar uma estufa envidraçada, que destoa formalmente do estylo do edificio. Para este

estampa de todo o edificio bem claro mostra a infelicidade do acabamento.

Estes paços reaes tanto se adeantavam pelo convento de S. Francisco que os frades se queixavam amargamente da absorpção. Já quasi todo o convento



PAÇOS RECONSTITUIDOS DE D. MANOEL, NO JARDIM DE EVORA

pertencia ao palacio, já por elle se communicava a côrte com a egreja, onde existia a regia tribuna, a que anda presa a lenda galante dos amores do pintor *Grão Vasco* com uma dama da côrte, a qual fora surprehendida um dia na tribuna a rir e a zombar do pintor. Pintava elle o quadrinho subsistente do Anjo S. Gabriel. Não levára a leviana dama a melhor, porque o artista, por vingança da galhofeira, poz no rosto do diabo, que pintava, o rosto della, permanecendo o escandalo de demonio tão formoso por alguns annos, até que um Guardião do Convento o fez cobrir de uma nuvem grosseira como permanece.

O anjo S. Gabriel encadeiando a uma nuvem! Tão destoante é isto no quadro, aliás formoso, que bem pode-

ria, por isso, assim originar a lenda referida.

DO PALACIO DOS CONDES DE VIMIOSO

São as ultimas janellas deste artigo um reflexo material de uma epopêa de nobresa, de estudo, de saber, de valor nas armas, de gentileza no paço, de garbo e dextresa nos torneios e, por fim, da *bohemia* tão deploravel que chegou a ser cantada nas guitarras do tempo:

«O conde do Vimioso
Um grande golpe soffreu
Quando lhe deram a nova
Que a Severa já morreu» (1)

Foram tão lindas janellas do palacio dos condes do Vimioso, vindos do pe-

(1) Cigana conhecida em Evora e Lisboa.

nultimo bispo de Evora, D. Affonso de Portugal.

Creatura não das boas graças de D. João II, solteiro ou não, foi elle compellido a se ordenar de presbytero, ao tempo em que já era pae de trez filhos.

De modo insufficiente se esclarece o ponto da legitimidade delles, como o da causa do desamor do rei para o pae: uma bastardia talvez que naquelles tempos fosse cousa vulgar e bem recebida, até no alto clero. Bastardo fôra D. João I.

Elevado a bispo de Evora, viveu elle com seus filhos, ou no paço episcopal, ou no palacio fronteiro á sé, donde foram as lindas janellas, por elle mandadas edificar, ou pelo filho D. Francisco, primeiro conde do Vimioso.

Na sequencia dos tempos foi este palacio ter ás mãos de um particular, o qual lhe mandou arrancar as formosas

janellas para as substituir por outras de ogiva lanceolada e de alvenaria esboroante, como ainda existem.

Parte dellas encontrou Cinatti em montão de pedras, quando, antes de 1866, fôra convidado a delinear o passeio, o jardim da cidade de Evora, e nelle aproveitou as subsistentes, concedendo as ruinas do passeio, em que as aproveitou.

Abraçadas por heras, hoje, são de uma poesia singular e de um encanto notabilissimo, especialmente de tarde, a quem através dellas vir o sol poente no céo sem nuvens.

Ao que as contemplar sem attenção, dão ellas ideia perfeita de ruinas verdadeiras e reaes, e não producto architectonico da mente inflamadamente artistica do bondoso italiano, que aqui conhecemos pessoalmente em 1870.

A. F. BARATA.



LINDOS OLHOS

A Olavo Bilac

*Lindos olhos! sois tristes como o abismo:
vosso esplendor engana os corações!
Como do «radium» as emanações,
vós penetraes tambem nosso organismo!*

*Lindos olhos, de um terno sensualismo,
que viveis a cantar ternas canções:
sois indomaveis como dois leões,
olhos crueis de sentimentalismo!*

*Lindos olhos! sois tristes como o oceano,
mas tendes um poder mais soberano
do que a prece de um justo quando implóra!*

*Lindos olhos! si o pranto vos invade,
eu penso, em lendo a vossa falsidade:
— assim tambem o crocodilo chóra...*

Oscar Brisolla.



O FUGIYAMA

Album de Exotismos Japonezes



ra, eis aqui está o que se chama — modestia á parte, — um excellent titulo para um livro que tratasse do Japão. Sahi-me dos bicos da penna

agora mesmo, por acaso; e, francamente, se me propozesse refundir as minhas impressões escriptas sobre o paiz nippnico (calamidade de que julgo salva a paciencia do leitor), seria sob esta epigraphe suggestiva que as daria de novo á luz da publicidade, subordinadas ao plano que do proprio titulo se depreheende: — uma gravura, uma illustração qualquer (preferindo á photographia o traço livre do pincel); e, ao lado, algumas linhas apenas, que lhe completassem o sentido. — Nós, os occidentaes, somos decididamente os homens dos longos tratados da sciencia de matar

pulgas, das vastas encyclopedias dos processos para fazer crescer o cabello, ou, em termos mais sisudos, os homens das explanações enfadonhas, das minucias interminaveis, os homens da analyse, n'uma palavra; convindo accrescentar que nem sempre as proporções do assumpto se encontram á altura do extremo escrupulo nos detalhes. Os japonezes, pelo contrario são, por indole, por educação, os homens da synthese; aprazendo-se em resumir a maneira de exprimir a emoção sentida, aproveitando da scena vista apenas os traços capitaes, deixando o resto ao cuidado da imaginativa individual — o leitor em litteratura, o contemplador em arte. — A obra impressiva do europeu é geralmente uma amplificação; a obra do japonéz é geralmente uma miniatura.

Ajuntarei eu agora que a existencia forçada, durante annos seguidos, n'este meio onde me encontro, ter-me-ha naturalmente embebido um tanto o espirito das preferencias d'este povo. Para o caso que citei, agradam-me mais as phrases curtas do que as largas divagações á volta de um assumpto; parecendo-me que, de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento no difficil mister da concisão, o «desideratum» litterario — embora nunca attingivel — seria o de escrever um livro com uma só palavra; essa, porém, tão bem escolhida, tão persuasiva, tão intensiva, tão perfurante, que fôsse prompto ferir a imaginação do leitor, como um punhal — salvo seja — que lhe atravessasse o peito!...

Disse — um «desideratum» nunca attingivel. — Para casos especialissimos de aguda morbidez, de affectibilidade exaltada, é concebivel o livro empolgante com uma só palavra. Ao homem que se morre de amores, que chora um ente querido que lhe fugiu dos braços, que mais emocionante leitura se lhe poderia offerecer, do que a d'este simples termo — *Saudade* — ?... Ao avarento, que mais commovente epopéa do que este outro vocabulo — *Thesoiro* — ?... Estou-me referindo á psychologia do europeu. O japonês, em pleno equilibrio da sua mentalidade, conhece o livro de uma só palavra e com elle se deleita: é o *gaku*, o quadro suspenso da pare-

de, contendo uma unica phrase, um unico symbolo, um unico caracter, sobre que os olhos se poisam com amor, no remanso do lar; phrase, symbolo, caracter que, pela interpretação que se lhe deve attribuir, e tambem pelos rasgos calligraphicos do pincel que o desenhou, impregnados da nervosidade affectiva do auctor, e ainda pela suggestão do meio ambiente, acorda no mysterio sentimental do nipponico uma successão de ideas captivantes, que o prendem, que o enleiam, que o delicias... Ora, não se poderia, com effeito, imaginar livro melhor!...

Não perdendo de vista que não somos japonezes, mas cingindo-me quanto possivel ao principio em que acabo de insistir, vou offerecer aos leitores um capitulo de impressões — não um livro, — mas ao qual outros capitulos virão possivelmente succeder-se; apparecendo a illustração, e ao lado a phrase

que a complete, curta, concisa, fugindo aos longos devaneios, que são como que pedaços do rojante manto de velludo com que a dama Rhetorica, por petulante garridice, tanta vez se apraz em revestir-se, quando se acerca de manso da secretaria onde escrevemos...

FUJIYAMA

A subida ao monte Fuji, o sagrado Fujiyama, é peregrinação muito em valia entre nipponicos; exequivel apenas durante o fim de julho e todo o mez



O TIRA-OLHOS

de agosto, quadra que corresponde á grande força dos calores n'este paiz. A chusma indigena, algum estrangeiro occasionalmente se reune.

Os que lá vão contam após as proprias impressões, inolvidaveis, do espectáculo imponentissimo, quando, cerca da cratera, entre terra e céo, tendo aos pés vagos amontoamentos de nuvens pardacentas, contemplam as divinas auroras, os sublimes occasos, vaporizados no fundo do azul immenso. Poucos lá sobem porém, relativamente. No entanto, a parabola graciosissima da montanha e a alva cabelleira do vertice, constituida por eternas neves, avistadas do mar alto desde longa distancia, avistadas do solo em treze provincias ao redor, são bem conhecidas do japonéz, e tambem do estranho que pisa o solo de Nippon. Para mais, a litteratura e a arte empenharam-se em divulgar profusamente a maravilha, aqui, em toda a parte. Na boceta de charão, no bule de porcelana, no circulo da ventarola, na face do biombo, em mil outros artigos, vos apparecerá frequentemente o traço do Fuji. Não se poderia mesmo conceber o Japão sem este monte: elle é, por assim dizer, o symbolo heraldico d'este paiz de delicio-



A RÃ

sas chimeras, de requintados exotismos...

AS ILHAS TIRA-OLHOS

Uma vez, ha muitos seculos, ha cerca de 2600 annos, o imperador Simmu, que foi o primeiro na lista dos imperadores d'este paiz, teve o capricho de subir ao cume de uma alta serra, na provincia de Yamato, com o fim de relancear todos os seus dominios, que bem resumidos eram; e então, após haver lançado em torno da scena a vista e reflectido um tanto, virando-se para os varões que o acompanhavam e traçando no espaço, com a mão aberta, um gesto amplo, proferiu uma augusta observação, pouco mais ou menos como segue: — «As minhas terras têm a forma de um tira-olhos, quando inclina o corpo para lamber o rabo.» — Desde aquella éra remotissima, um dos varios nomes por que é conhecido o imperio japonéz é *Akitsu-shima*, que quer dizer: — as ilhas Tira-olhos.

A RÃ

A rã, sem duvida a *kajika*, a rã de canto suave e harmonioso, que habita as margens das ribeiras rumorosas e delicia, em certas ho-



POSTURA RESPEITOSA NO JAPÃO

ras, os ouvidos dos nipponicos, inspirou um poeta dos velhos tempos, o qual lhe dedicou a seguinte poesia:

*Té wo tsuité,
Uta moshi-aguru
Kawazu kana!...*

Isto, traduzido, dá pouco mais ou menos:

Poisadas as mãos no chão,
Soltas canticos fagueiros
Em reverente postura,
Rã dos ribeiros!...

Para comprehender devidamente esta amavel referencia, convem saber, se se não sabe, que a postura respeitosa, com que o japonéz dirige a palavra a um superior, é a postura de joelhos, inclinando o corpo para a frente e poisando no chão as duas mãos; tal como a rã...

A CRIADINHA

A dama japoneza está longe de viver entre quatro paredes, na reclusão que é peculiar á sua vizinha, a chinesa. Encontra-mol-a nos theatros, encontra-mol-a nas lojas comprando os seus vestidos, em peregrinações aos templos, em excursões aos campos. No entretanto, a maior parte do dia, vota-se ella — e bem haja — ao seu lar, ao seu jardim, n'um ninho de paz e de mysterio, occulta ás vistas dos profanos.

Decididamente é a criadinha quem desde manhã até á noite dá vida ás habitações para o forasteiro, que passa de largo e relanceia. Na sua existencia em pleno ar livre, eis que ella se põe a sacudir o pó da casa junto da varanda escancarada, ou sáe fóra a regar a rua junto á porta, ou cerca, lava a roupa, ou lava o arroz, ou amanha

verduras, ou tira agua de um poço, ou passeia uma creança que se lhe escarrancha sobre as costas. Dá gosto vê-la. A criadinha, pela graciosidade do seu typo e do seu trajo, pela gracilidade do gesto, pelo sorriso perennal que lhe esvoaça no fresco rostinho côr de rosa, é, mesmo occupada nos seus mais infi-



A CRIADINHA

mos misteres, uma das gentilezas do Japão.

No lar, na intimidade patriarchal da vida japoneza, a criadinha é designada por titulos familiares, não humilhantes, mas derivados da sua condição hierarchica, inferior á de todos os membros da familia. É de preceito porém que o estranho lhe dê um tratamento respeitoso, o que põe bem em relevo a forma amavel da cortezia n'esta terra; este tratamento é de — *Ané-San*, a Senhora minha mana mais velha. — Gracioso, pois não é?...

TAMA-GHIKU

Aproveito—egoismoreprehensível?...
— aproveito um cantinho d'esta pagina
para estampar, a titulo de recordação
pessoal, a veronicasinha authentica, re-
passada de enlevo exotico, de languido
mysterio asiatico, de uma certa *musumé*
que algumas vezes vi; acompanhando
a illustração do seguinte ligeiro com-
mentario, que é a sua inteira biogra-
phia:

Tama-Ghiku, o Malmequer Precio-
so, é uma *gheisha* de Kobe; dizem os
conhecedores do genero que uma das
mais graciosas na cidade, de entre o
enxame; e parece ponto assente que a
primeira de todas pela melodia da sua
voz, quando solta dos labios velhos
cantares da lenda, acompanhando-se
da inseparavel guitarra indigena, o *sha-
misen*, cujas tres cordas de fio de seda
choram amores, sob a percussão, sob
a pressão, dos seus finos dedos muito



TAMA-GHIKU

alvos, feiticeiros. A rhetorica occiden-
tal compara por vezes a voz das gran-



A GERAÇÃO NOVA

des cantoras á do rouxinol dos bosques; comparêmos modestamenta a voz de *Tama Ghiku* á da rã das ribeiras...

A GERAÇÃO NOVA

Desde o inicio da guerra que ha pouco terminou, desde a noticia das primeiras victorias ganhas nos campos da Manchuria, entrou e está entrando, por este Japão dentro, uma tremenda multidão de arremedos de usos e de costumes europeus, que é mesmo coisa de espantar!... As tendencias para a transformação já se iam manifestando de longa data; mas agora é positivamente a febre, é o frenesi, é o delirio. As creanças, especialmente, en-



A DISCIPULA DE RABECA

carregam-se de fornecer fartos exemplos d'esta verdadeira mania pelas innovações, isto sobretudo nos grandes centros — Tokyo, Yokohama, Kobe, Nagasaki, Nagoya, etc. — Parece que a intuição juvenil não pode comprehender heroes sem chapeo, sem calças, sem saias, sem meias, sem sapatos... e consequentemente sem callos. Fóra com o *kimono* e fóra com as sandalias!... Esta geração nova, — rapazes e raparigas — frequentando hoje as escolas primarias e pullulando por todas as ruas das cidades, accusa em mil detalhes, á nossa observação em pasmo, a curiosissima epocha de transição por que o Japão está passando. Esta ge-

ração nova constituirá em breve trecho, dentro de quinze annos, a massa da força viva da nação — força dirigente e força de trabalho. — Confiemos em que, embora a sua exterioridade caricatural se mostre susceptivel de todos os arrojões, a alma nipponica, dotada de tão nobres dotes, de tão galantes predicados, permanecerá inalteravel, inatingivel. O habito não faz o monge. Em todo o caso e considerando apenas um cantinho da face esthetica do prisma, se por exemplo vos apraz contemplar, *touriste* amigo, a belleza de um pé nú de *musumé*, nunca deformado pelo contacto do coiro de um sapato, poisando em desenvolturas ondulantes sobre a palha immaculada da sandalia, vinde depressa, muito depressa!...

A DISCIPULA DE RABECA

Um dos variadissimos productos d'esta febre de europeanis-

mo, a que estamos assistindo no paiz do Sol Nascente, é a discipula de rabeca. Ainda até ha poucos annos, a japoneza, no tocante a prendas musicaes, contentava-se com o popular *shamisen*, com o delicioso *koto*, especie de harpa, mas collocado horisontalmente sobre a esteira, e com mais dois ou tres instrumentos de puro typo indigena, modestamente resonantes e moderadamente exercitados. Agora já nos ameaça com o martyrio das valsas martelladas ao piano; e ha já a discipula de rabeca, que encontramos cirandando pelas ruas, sobraçando a enorme caixa negra, lugubre, a lembrar um caixãozinho de menino.

Um caricaturista de certo periodico de Tokyo, n'um comico presentimento da futura existencia nacional do seu paiz, desenhou ha pouco tempo a seguinte pagina humoristica: — A gentil dona da casa delicia-se com a rabeça, imprimindo ao arco trememente os soluços da propria inspiração; o filhito rabeça a um canto, espernea sobre a esteira, com fome talvez do seio; e é o pae que o acalenta, buscando em vão acalmar-lhe o azedume... — Se isto assim continua e vier a estalar uma segunda guerra com a Russia (do que os deuses nos defendam), serão os maridos que fiquem em casa a tomar chá e as japonezas que marchem para o combate?... Não duvidemos de que os russos se renderiam sem demora, com armas e bagagens, os babosos... Mas tenhamos esperança em que o feminismo japonês não subirá a taes alturas...

OS MEUS AMORES

E porque não?... Quem ha que não os tenha, mesmo aos cincoenta annos, mesmo aos sessenta annos, mesmo á beira do tumulo?... Ora pois, não seriam, porque o caso não é digno de motejo, e escutem o que digo... Os meus amores resumem-se presentemente n'uma gata, cuja effigie me apraz aqui apresentar, — gata japoneza, de côr branca levemente salpicada de negro, lindos olhos amarellos e sem rabo...

Kobe, Julho d 1906.

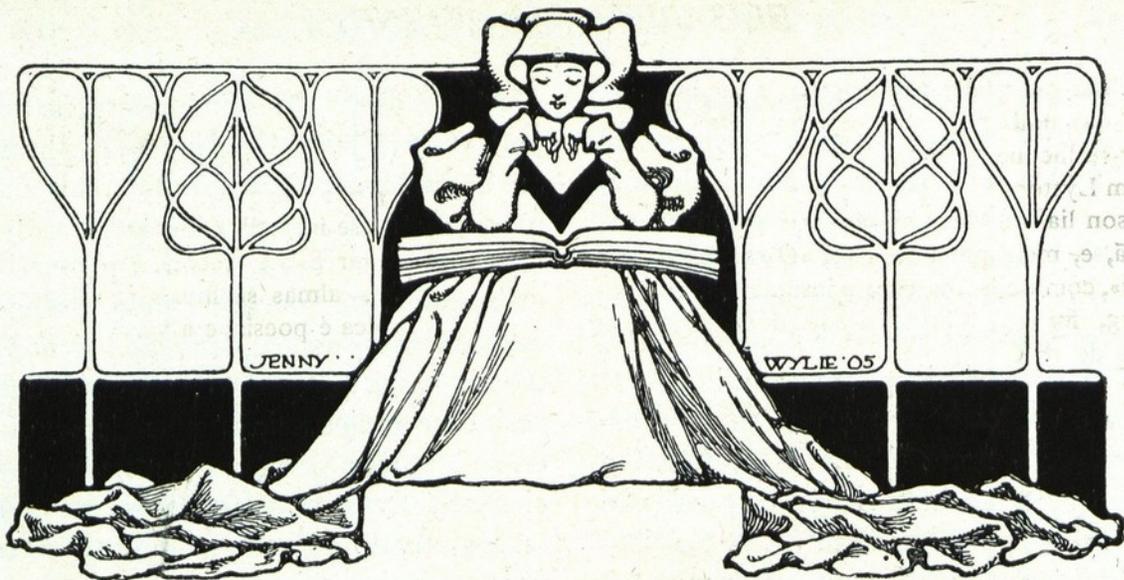


OS MEUS AMORES

A vida de relações do homem, no que respeita o «Eterno Feminino», — phrase exuberantemente proferida, mas não banal de modo algum — poderia dividir-se por capitulos, como um enredo de romance; começando pelo prologo, que corresponderia á idade inconsciente, para a qual o supremo bem reside no meigo seio maternal; seguindo-se-lhe uma longa serie de peripecias affectivas, commoventes, ou burlescas, tendo por fito a mulher; té os ultimos annos da existencia, quando então não é condição indispensavel que o ente dos nossos affectos tenha de enfiar um chapellino de plumas na cabeça e de perfumar de almiscar o fino lenço de cambraia; o que é preciso é que nos olhos lhe brilhem doçuras de perdão, de piedade, de condescendencia pelos nossos afagos, isso que é como que a benção derradeira com que a consciencia universal nos gratifica — subtilissimo apanagio do sexo delicado, mas independente das especies.

Ora, na quadra psychica e chronologica em que me encontro (admitto uma influencia particular de determinadas eventualidades da existencia), asseguro-lhes, justificando-me, que não ha mais digno altar para o nosso culto pelo «Eterno Feminino» do que uma gata japoneza, de côr branca levemente salpicada de negro, lindos olhos amarellos e sem rabo...

WENCESLAU DE MORAES.



ELISABETH BROWNING

A portuguesita de Wimpole Street



Isabel Barrett Browning um dos mais interessantes e originaes typos de mulher com que se honra a litteratura inglesa. Primogenita de Eduardo Multon Barrett, d'uma familia de origem inglesa, da Jamaica, e de Maria Graham Clarke, de Fenham Hall, nasceu em Coxhoe Hall, residencia de seu tio Samuel Multon, no condado de Durham. A sua saude, extremamente debil, exigiu sempre os mais assiduos e ternos cuidados, e talvez pela doença lhe vedar os jogos e folguedos, proprios da idade, se lhe inclinou o espirito á poesia, quasi *desde o berço*. Aos oito annos já fazia-versos, e aos dõze compôz a *Batalha de Marathona*, que seu pae mandou imprimir e distribuiu pelos amigos.

M. Barrett era um homem muito jovial e até um pouco zombeteiro, mas extremamente sensível e autoritario. Prohibiu a todos os filhos o casamento, talvez por entender, como todos elles, excepto a poetisa, que não se podia formar familia com um rendimento inferior a nove contos de réis annuaes. Fosse ou não, o que é certo é que a tres, que lhe desobedeceram, no numero dos quaes estava Isabel, nunca perdoou, nem quiz vêr.

Não o censuremos; é tão difficil discriminar factos, e sobre tudo intenções! Lembremos antes que elle era *muito sensível* e que,

não raro, um sentimento exagerado leva á pratica d'um acto mau.

Lamentemol-o; privou-se, e aos netos das santas alegrias de avô. Soffreram estes, inconsciente e despreoccupadamente, o castigo, que doeu aos paes e, talvez mais que a todos, ao proprio, que o dictou, que os filhos confessam ser pae ternissimo.

Era Isabel a sua valida; tinha n'ella a mais viva e justificada vaidade; sentia necessidade de a rodeiar de tudo que lhe podesse ser util ou agradavel. Quando mais tarde a doença a prostrou no leito, vinha elle mesmo muita vez trazer-lhe flôres. A filha era o seu idolo: elle seria encantador, se não fosse despótico, mas... quem não tem o seu *senão*? A mãe, absorvida pelos cuidados caseiros e já minada pela doença, que aos quarenta e oito annos a victimou, tinha menos enthusiasmo pelos trabalhos litterarios de Miss Barrett sem comtudo se desinteressar d'elles.

No circulo da familia, Isabel era adorada. Seu tio Samuel, seus irmãos, seu primo João Kenyon, o grande philantropo, que involuntariamente lhe deu a felicidade, (foi elle que volvidos annos a relacionou com Roberto Browning e depois de casada lhe estabeleceu um rendimento com que podessem viver desafogadamente) todos á uma porfiavam em incondicional admiração. Isabel, se não fôsse a intolerancia paterna e a doença, poderia dizer: Sou a

mulher mais feliz do universo; e, ainda assim, foi das mais felizes. O espirito pôde comprar-se-lhe na permuta de bellas e altas ideias com Lytton, Carlyle, Kinglake e outros; Tennyson lia-lhe Maud até ás duas e meia da manhã, e, mais que tudo isso, «*O rei dos mysticos*», como ella chamára o insigne poeta Browning, foi seu marido desde dôze de setembro de 1846: é um cumulo! A gloria tinha-a attingido, mas o que é ella comparada ao amor para um coração de mulher?

Roberto Browning dizia d'ella:

«Meio d'ave, meio d'anjo, um amôr lyrico.»

Isabel Barrett escrevia-lhe:

«Sim, ha amôr em todo o universo: o nosso.»

Os seus corações batiam unisonos, as suas mentes voavam a par. Tinham o ceu na terra.

Browning chamava-lhe a sua «portuguesa», e este gracejo fôra originado pelo poemeto

«Catharina a Camões» e pelos sonetos que elle, Roberto, lhe inspirára. N'um retrato da illustre poetisa, que se publicou por occasião do centenário do seu nascimento, que a Inglaterra celebrou, notei que a sua physionomia era mais meridional do que muitas meridionaes: n'um rosto oval, de feições finas, que emmoldura uma sedósa e opulenta cabelleira, que lhe cai sobre os hombros em longos aneis, destacam-se uns bellos e expressivos olhos. A sua figura não tem o ar d'avesita ti-

mida com que, na sua ternura, o marido a descreve tanto no physico como no moral; mas na harmoniosa irregularidade de todo o seu conjuncto ha não sei quê d'inspirado e quasi divino, e não de infantil, como tenho ouvido, que faz lembrar Santa Cecilia. Estou até em suppôr que as almas se lhes assemelhavam, porque a musica é poesia, e a verdadeira poesia é musica, e

d'uma e d'outra eram ellas sublimes interpretes. Intitulando a sua obra *portuguesa*, Mrs. Browning honrou-se e honrou-nos; por isso a nós, mais que a nenhum outro povo, cabe saudá-la: é esse o fim que me proponho, visto que até hoje ninguem o fez.

O seu poemeto e sonetos não seriam mais quentes nem intensamente sentidos, se tivessem sido escriptos sob o nosso ceu azul, sem nuvens, á luz do nosso deslumbrante sol, do que o fôram na brumosa Londres, n'um triste



ELISABETH BARRETT BROWNING

quarto de doente, na sua casa de Wimpole Street. É, na opinião de muitos, a sua melhor obra os «Sonetos traduzidos do português» e, não inferior a esta, reputo o encantador poemeto já citado. N'elle, Catharina morre emquanto Camões está longe, e faz allusão ao poema em que o grande épico, e não menor lyrico, relembra a dôce expressão dos seus olhos. Contém, como os sonetos, a par do irreprehensivel da fôrma, uma suavidade deliciosa de expressão; é esta, a meu vêr, uma das

prendas que mais distingue Mrs. Browning. Catharina tem a mente e coração resignados, mas sente uma saudade infinita, que um ciu-me, ligeiramente humano, torna mais pungente. Que magoa que elle possa dizer dos olhos d'outra:

«Estes olhos tão meigos, que por outros
Em tempo algum se viram equalados.»

Depois no canto XVIII o seu character revela-se-nos inteiro quando exclama com sentida indignação:

«Meus olhos, que fazeis? perfidos, perfidos,
Tão sem razão gabados, se verteis
Uma lagrima só na esp'rança d'outra
Que dos seus olhos caia...»

E, quando emfim a alma despe todas as vaidades da carne, enuncia o desejo, tão generosamente feminino, de que elle possa encontrar outros olhos, mais meigos do que os seus. Que santa elevação n'esta renuncia moral de quanto lhe foi vida e alegria!...

«Os sonetos traduzidos do portuguez» são a historia do seu coração. Ha n'elles a dôr do espirito aparelhado ao sacrificio quando exige:

«Affasta-te de mim, que para sempre
Na tua sombra fico.»

O receio do abandono vivamente expresso no final do soneto XV:

«Sinto além da memoria o esquecimento
Como se olhando d'alto sobre os rios
Enxergasse inda além um mar de magoas.»

E a mais nobre e elevada resignação quando escreve:

«Viver d'amôr, porém, sem uma esp'rança,
Amar-te, mas dizer-te face a face
Que renuncio a ti.....»

E por ultimo o grito do invencível e immortedouro amor, quando supplica:

«Ô dize ainda uma vez, e muitas mais, que me amas.»

As obras de Mrs. Browning são um limpido crystal atravez do qual se lê claramente no seu nobilissimo coração e vasto espirito. Tinha, vê-se, todas as requintadas delicadezas, todo o excesso de affecto d'uma alma perfeitamente creada á imagem e semelhança da

Grande Alma, que nos rege. Ha n'ella muito de divino e pouco de humano. Atravez dos seus escriptos é facil ve-la em diversas epocas da sua vida. Creança, devaneando nos jardins de Hope End, emquanto sobre os joelhos lhe descansa Homero ou Eschylo, alegre e animada, inclinada sobre a mesa de estudo, procurando com seu irmão Eduardo decifrar uma phrase grega, mais ou menos arrevesada, que lhe mereça á lição um elogio de Stuart Boyd, distincto hellenista, que lhe servia de mestre; na adolescencia, occupando-se do «Ensaio sobre o raciocinio», trabalho didactico na meditação do qual o rosto expressivo da sua auctora devia tomar um ar grave e reflectido, que faria certamente um delicioso contraste com a sua phisionomia ainda infantil. É sympathico ver como ella elogia calorosa e sinceramente a romancista Maria Russell Milford, George Sand, e outras contemporaneas suas, como as olha modesta e admirativa, não lhes sendo em cousa alguma inferior, no seu innato entusiasmo por tudo o que é bello e grande, e no espontaneo encarecimento com que falla de todos os verdadeiros talentos desde o escriptor ao artista; vê-se que é alma lavada de todo o mesquinho sentir.



ROBERT BROWNING

Aos vinte e dois annos ella no escabroso dever de ser mãe dos seus irmãos e consoladora de seu pae de quem preconisa a fortaleza d'alma, e que ama quasi com a adoração devida a Deus; o pae é para o seu coração ternissimo um ser infinitamente superior.

Que dor não seria a sua na perda provavel d'esse affecto? — Paga-se tão caro a felicidade ás vezes!... Depois, quando a fortuna paterna se embaraça, é ella ainda que tenteia, repara, pondera, sugere, instiga, e ajuda os seus a supportar alegremente as tristes vicissitudes e perdas; e embora lhe sangrasse o coração ao vêr vender Hope End, onde passara a meninice e lhe faltára a mãe, é com o sorriso nos labios que passa a Lidmouth e d'ahi a Londres.

Ha muitas vezes nos seres physicamente fracos uma robustez moral, que arca victoriosa com sacrificios e energias, que prostariam muitos fortes. Mrs. Browning pertencia a esse numero. No seu quarto de Wimpole Street,

condemnada pela doença ao leito, ei-la resignada lendo as suas obras a João Kenyon, o sympathico creoulo, confidente, amigo e animador entusiasta dos seus trabalhos.

Depois, n'uma villegiatura em Torquay, surpreendeu-a rudemente a morte de seu irmão Eduardo no naufragio da *Belle Sauvage*. A dôr desinteressou-a de tudo por longo tempo; com o seu character excessivo devia ser assim.

Mais tarde, sahindo do affectuoso conchego do ninho paterno, que confrangimento não seria o seu pensando nos que deixava! que amargura não seria a sua escrevendo a Roberto Browning:

«Se eu renunciar a tudo por ti, farás tu o mesmo? Serás tudo para mim? Não lamentarei nunca a perda de quanto tenho amado?»

Só um coração de mulher ou de poeta pode comprehender bem os mil e contrarios affectos, desejos, saudades e temores, que se debatem no espirito d'este ser affectuoso e bonissimo n'uma tão lamentavel colisão. Foi largamente compensada dos seus sofrimentos encontrando no marido tudo ou mais do que desistira.

O seu *tudo*, como ella diz em mais de uma referencia a Browning, amou-a do mesmo amor, e o seu mutuo carinho, talento e gostos uniram-se, ou para melhor dizer, entrelaçaram-se estreitamente e cada vez mais até que a morte, sempre brutal e violenta aos felizes, os separou cruelmente. Foi em Florença que Isabel

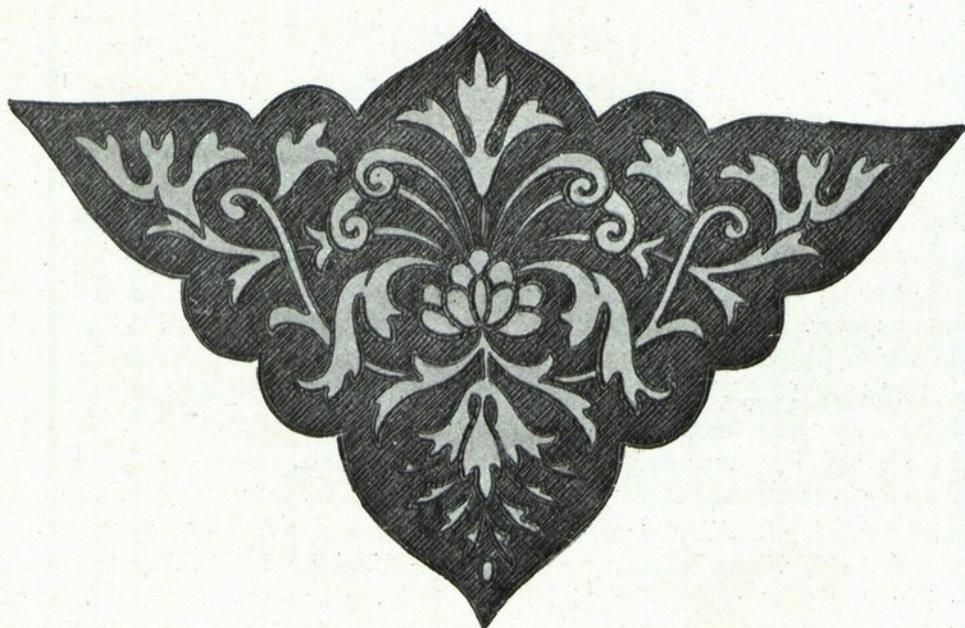
adoeceu gravemente; conscia do seu estado, revestiu o fragil corpo da energia do espirito para poupar ao homem que amava a menor dor. Ella não queria custar-lhe uma lagrima, e n'uma heroicidade simples, como tudo o que é grande, sabendo o vacuo que deixava n'aquelle coração tão seu, privou-se das doçuras d'uma despedida grata decerto ao seu coração de mulher e de poetisa; teve animo de estar, para o illudir, fazendo projectos para o proximo verão e — sacrificio supremo entre todos os outros! — não beijou o filho. Prohibiu-se de envolver n'um ultimo e mesmo olhar esses dois entes queridos que eram todo o seu amor. Elle era *tudo*; tudo lhe sacrificou.

E, após phrases da mais viva e repassada ternura, foi dizendo-lhe sentir-se *magnificamente* que ás 4 e meia da manhã de 30 de junho de 1861 se desprendeu da terra aquella alma de eleição ou antes a deixou aparentemente: *Elle ficava...*

Quem póde sondar os mysterios da morte e o poder d'um infinito amor?

Ella partiu? talvez, mas praz-me antes pensar que o acompanhou sempre, sombra muda e invisivel, até que a implacavel morte, ceifando-o, lhe juntou o seu *tudo*. Então poderam ambos repousar a par, como tinham vivido, em Westminster, na infinda paz do tumulo, na gloria, que a gloria terrestre não attinge nem perturbará ja.mais.

MARIA PEREIRA D'EÇA O'NEILL.



ASPECTOS DE S. CARLOS



TÍTULO d'este artigo deve traduzir com sufficiencia os intuitos

discretos de quem se propõe apenas referir, com os salpicos de leves considerações, alguns casos e coisas vividos n'um theatro que por largo tempo deu o tom, e ainda por muitos annos fornecerá, naturalmente, o motivo principal da grande symphonia munda-na que ao bater o inverno, esgrouviado e desabrido, rompe na capital lisboeta.

Não existem, pois, intenções da nossa parte de juntar novos annaes aos de S. Carlos, para o que seria mister apresentar os factos com a filiação e na sequencia exigidas pelos sagrados direitos da Historia. As contas que deveria haver entre o theatro da côrte e essa rigida matrona, liquidou-as o sr. Francisco da Fonseca Benevides na valiosa obra intitulada *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*, onde para todo o dilettante são para louvar no mesmo elevado gráo o espirito d'imparcialidade e a paciente investigação.

Bom Deus! que medonha trabalhadeira seguir o nosso Lyrico junto á extensa linha quebrada por que elle é symbolisavel nas suas multiplas vicissitudes!



REGINA PACINI

Nós contentamos-nos em vagabundear á tona do assumpto, como quem não tem rumo certo. Confiamos-nos quasi ao acaso, o que talvez não seja mau de todo, atenta a natureza do thema em vista, porquanto foi quasi sempre aos baldões do acaso que o nosso theatro d'opera atravessou um periodo mais que centenario.

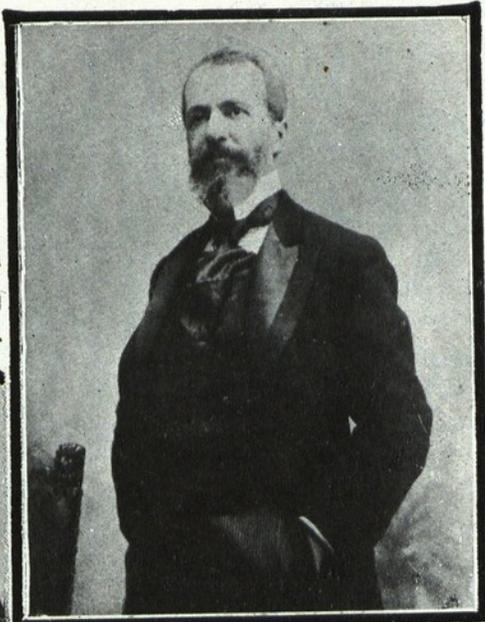
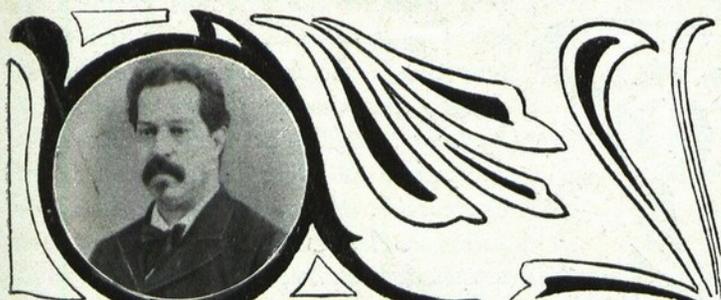
De S. Carlos são tantos os pontos de partida para a interminavel pradaria das reflexões! tantos os

themas susceptiveis de variações trabalhadas! tantas as verdades a mudar de côr segundo aquelle que as proclama! tantos e tão variados os acontecimentos de que tem sido theatro!

Com tal somma d'aspectos é para lastimar que a moda, em tudo mettediça, nem o jornalismo poupasse ao seu auctoritarismo apeando o plebiscito para tornar corrente a *inter-view*.

Se assim não fôra, viria agora a pêlo uma consulta sobre qual o lado mais interessante por onde encarar o nosso theatro lyrico. Uma das perguntas seria naturalmente:

S. Carlos e a Arte. Aspecto pouco votado: não é de bom raciocinio perder-se o tempo com questões inconciliaveis.



LUIGI MANCINELLI



MARINO MANCINELLI



Viria de-
pois :

S. Carlos e o mercantilismo. Este seria prosaico e descompassadamente longo, velho como é a acompa-

nhar S. Carlos logo nos seus principios, nos tempos em que havia empreza que, a titulo d'uma qualquer compensação, pedia lhe deixassem importar quinze mil moios de trigo, e pretendente a ella que nas condições da proposta incluía a do privilegio exclusivo d'introduzir em Lisboa, isenta de direitos, quanta aguardente quizesse.

Depois viriam muitos outros; entre elles :

S. Carlos brigão. Hoje, com o regimen dispeptico a que parecem sujeitos os *dilettanti*, seria logo posto de banda; supposto, porém, que vingasse, não faltaria ao articulista material para escolher, a começar por uma refrega

em fevereiro de 1814 em que d'um ou mais camarotes vieram parar á plató pratos, garrafas, copos, ossos e quantos projecteis houve á mão, provenientes

do botequim, n'uma tormenta promovida por um grupo luso-britannico de desordeiros, cuja sanha os da guarda nacional foram incapazes de conter. Este aspecto poderia derivar para sanguineo, retinto, quando recordado um conflicto surgido em 1824 nos corredores de S. Carlos entre um medico e um militar, ambos estrangeiros, e terminado a poucos passos do theatro por seis punhaladas traiçoeiras vibradas pelo militar no outro dilettante que se chamava Ardouin; e de tetrico que o aspecto era assim, sombriamente revestido, de brigão como se apresentou a principio, poderia colorir-se de phantasia, ser esturdio e aventureiro, evocados os nomes de José Vaz de Carvalho, D. João de Menezes, Sant'Anna e Vasconcellos, Luiz Forjaz e d'outros homens d'animo irrequeto e entusiasta, assignalados na bohemia dourada de ha cincoenta annos atraz.

S. Carlos politico, S. Carlos e o entusiasmo civico, S. Carlos subversivo (convém não esquecer que em 1828, S. Carlos, hoje a pacatez em theatro, soffreu a determinação de lhe mandarem fechar as portas, como perturbador da ordem publica) podiam apresentar-se em globo, subordinados ao mesmo rotulo, por se-

GUILHERME COSSOUL
DALMAU
RAFAEL KUON





EVA TETRAZZINI

seria figura em fóco uma tal Fiorina, amante de Marcos Portugal, com quem a policia se mostrou féra a termos de mandal-a sahir dó reino, como qual-quer acrata, pelo motivo tão simples de se apresentar em S. Carlos n'uma *toilette* quasi calcada no estylo primitivo.

S. Carlos desbragado. Justifica o extranho titulo um episodio sobrevivendo durante a epoca tumultuosa dos *barilistas* e *boccabadattistas*, e que mostra como a exaltação d'animos fez S. Carlos competir em phraseologia com o Café do Refilão. Entre os partidarios da Boccabadatti havia um tal Salema, capitão da guarda nacional, para quem grande satisfação era fazer exasperar a Barili. A certa altura d'uma recita, não está averiguado que partida o boccabadattista

fez á Barili, mas é historico que ella no meio de uma cavatina, á falta de melhor projectil,

REY BALLA
na *Africana*VITALI
HELENA THEODORINI

rem aspectos por demais conhecidos nas suas modalidades, de paginas pertencentes a varios livros como o supracitado, de Fonseca Benevides, *Lisboa d'outros tempos*, de Pinto de Carvalho. *Summario de varia historia*, de Ribeiro Guimarães, *Memorias de Castilho*, por Julio de Castilho, *Excentricos do meu tempo*, de Luiz Augusto Palmeirim, paginas a que, reunidas em volume, se poderia dar o titulo de *S. Carlos anecdotico*.

S. Carlos impudico. D'este aspecto



descarregou-lhe esta apostrophe: — *Sargento di milicia, sargento di...* (fecho da phrase, *le mot de Cambronne.*)

S. Carlos e os artistas recalcitrantes. Já quasi ninguem se recorda do *pied de nez* feito pela Patti, findo o primeiro acto da *Carmen*. Dos dois casos mais modernos, um, de Paderewski, é recentissimo. Conhece-o Lisboa inteira de vêr noticiado nos jornaes que este pianista, tão talentoso, quanto telhudo, como o incommodasse a loquela d'algumas espectadoras, suspendeu a execução d'uma sonata para directamente lhes dizer que o magoava immenso perturbar-lhes a conversação. O caso da Cavalieri, a meia duzia d'annos já decorridos não o apagaram da memoria de quem assistiu a essa recita sensacional. Conhecimento intimo de *vieux marcheurs* dinheirosos, Lina Cavalieri era, sem favor, uma mulher modelar nas linhas ondulantes do corpo, no rosto oval, correctissimo de feições, o cabello farto e ondeado á heroina de d'Annunzio, negros os olhos que longos cilios velavam de melancholia. Pisou o palco duas vezes na *Nedda dos Palhaços*. Na primeira noite, o publico absorto na contemplação da plastica, mal pensou na voz; na segunda, porém, cuidou em ouvir a esbelta cantora, e então ella por mais sorrisos que lhe florisssem no rosto não logrou chegar ao fim da opera.

A pateada, surda a principio, foi crescendo até lhe fazer crer que a carreira em S. Carlos estava terminada; a meio do 1.º acto, a Cavalieri, compenetrando-se d'essa verdade, serviu-se dos torneados braços e dos dedos afilados para um gesto ultra-desdenhoso, depois do que se foi com o desembaraço de quem levava tenção formada de não voltar a Lisboa. E pena é que não volte, porque, á força d'estudo, a Cavalieri é hoje artista afamada.

S. Carlos amoroso. Assumpto é este de que se faria um livro ancho e corpulento como um antiphonario. Imaginemol-o sem proemio para não o avolumarmos ainda mais. Enfiando logo no objecto a historiar, o capitulo a abrir seria o amor casto, d'olhos baixos, ares perdidos, o amor sentimental, feito de suspiros e anceios, o amor á portugueza, o amor para bons fins, para o que a Sicard, de quem ha muito só a memoria resta, com a novella da babucha, daria um romance á Julio Diniz.Titulo da obra: *O Sapatinho da Sicard*. Ou então a Sannazaro, da qual se devem ainda recordar alguns vetustos *dilettanti*, visto que a

sua belleza peregrina a tantos enfeitiçou. Guilherme Cossoul foi um dos que lhe pretendiram a mão.

Para amores d'outro genero, com fins mais decididos, os que nasceram na alma de fogo d'uma aristocrata pelo barytono tambem aristocrata no porte e na arte de cantar que foi Philippe Coletti.

Tambem chegaria a vez ao amor ligeiro que, embora ephemero e doidejante, se compraz em operar pela calada da noite, envolto em negra capa e de chapéo meio derrubado pretendendo occultar pupillas a chammejarem de volupia. Aqui entra em scena o marquez de Niza com as suas ousadas proezas, qual d'ellas a mais conhecida, como a do rapto da cantora Olivier, levado a effeito com todos os matadores: *travesti* da heroina, extrema dedicação d'amigos, sége improvisada em aconchegado ninho e batedor afamado, d'antes morrer que parar.

Estes foram amores d'opera-comica; mas, annos antes, outros houve em S. Carlos que, pelas especiaes circumstancias que os revestiram, se deveriam considerar de tragedia lyrica. Foram os da cantora Luiza Mathey com o irresistivel Luiz Mendes de Vasconcellos, cuja inconstancia levou a pobre Mathey a apparecer na *Norma* nas mesmissimas circumstancias de desespero da protagonista da inspirada opera. Este pequeno rol de factos amorosos é méra pitada de subsidios para um estudo que, tratado por mão destra, deveria prender muitas attenções. Todavia, entre os aspectos de S. Carlos, existe ainda um que, quando aberto o plebiscito, talvez os vencesse a todos. Eil-o:

S. Carlos e o publico.

No que apresenta a um tempo d'abstracto e de real; de conciso e de diffuso; de força esmagadora e d'energia inconsistente; de subtilidade de matizes e fortes colorações,—o publico, hydra de mil cabeças para os que o temem, e simplesmente acephalo para os que o desprezam, tem sido e será sempre objecto d'analyse para psychologos de polpa, como Tarde, Le Bon, Pasquale Rossi e muitos mais. E' pena que desde alguns annos uma boa parte dos nossos intellectuaes se tenham desacostumado de frequentar S. Carlos, pois nenhum recinto como o lyrico offereceria aos nossos primeiros criticos de costumes campo mais vasto d'observação, maior abundancia de problemas sociaes a resolver. Formular-se-hiam curiosis-

simas conclusões da idiosyncrasia da gente lisboeta.

Longe de nós o intuito d'analysar-lhe o funcionamento organico e os phenomenos especiaes da sua maneira de ser. Com escarpello d'estanho como seria o da nossa penetração critica não iriamos além da epiderme do assumpto. Mas, como para nós é este o preferido dos aspectos de S. Carlos, não fugimos á tentação de, como simples esboço, apontar as phases principais da evolução do publico.

Da liberalidade d'um grupo de capitalistas e dos esforços pertinazes de Pina Manique proveiu o nosso Theatro de S. Carlos, assim denominado em homenagem á collareja coroadá que foi D. Carlota Joaquina, a qual dois mezes antes d'inaugurado o theatro, havia dado á luz o primeiro rebento do seu auspicioso consorcio com



NAUDIN



CRESCI



FRASCHINI

aquelle mais tarde conhecido por Clemente por estulta indulgencia de quem assim o cognominou.

Após curto tempo d'existencia, viu-se logo sob que desfavoraveis auspicios o theatro fôra aberto. Por uma ou outra noite d'intima satisfação como as re-

citadas de gala, para o brilho das quaes o sanhudo intendente da policia caprichava em que nada faltasse, desde a ornamentação exterior e interior do theatro, até ás lautas ceias offerecidas aos convidados e a que tanta honra fazia o principe D. João; por esses momentos passageiros e custosos em que a vaidade de Pina Manique inchava de jubilo, quantos outros elle não teve de amargura, porquanto n'esse tempo era elle quem sanava todas as difficuldades levantadas dentro e fóra de S. Carlos. O que hoje de relativo a S. Carlos está sob a alçada do ministerio do reino, obras publicas, governo civil, ou edificio onde alto poder se abriga,

dependia então, unicamente, da intendencia geral da policia. Questões com os empresarios, sérias dissidencias entre artistas, cancans de bastidores qual d'elles mais desaforado, de tudo isso houve em barda; mas para Pina Manique que tanto concorreu para a construcção do theatro, o dissabor mais fundo foi a escassa concorrencia. Tornou-se então preciso conceder subsidios ao theatro. Os primeiros foram dados em metal, ou papel ainda n'essa occasião facilmente convertivel. Depois, a penuria augmentara; mas

acção exerceu na propagação do gosto musical. Tanto assim que em 1834, readquirindo o theatro a normalidade, o acontecimento occorrido a dentro do palco lyrico, por amor do qual a indignação do publico explodiu n'uma pateada feroz... Sabem qual foi? Um *padidu!* uma qualquer coisa choreographica, não exhibida por doença d'um dos dois bailarinos que a deviam executar!...

Ameaçado d'encerrar-se após a curta gerencia do empresario Antonio Porto, o Theatro de S. Carlos teve, emfim, a sua época de ma-



VOLPINI

MONGINI
JUNCA

SQUARCIA

Os creadores do FAUSTO em S. Carlos

como urgisse inventar para S. Carlos novos meios de protecção, permittiu-se-lhe a exploração de loterias, á qual por não dar ainda o sufficiente foi ajuntada outra, a da concessão exclusiva das casas de tabolagem, que foram quatorze.

As gulodices e os mimos terminaram com a morte de Pina Manique. Alguns annos depois dá-se a invasão de Junot, nome que em S. Carlos ficou significando fêmeirismo e prepotencia, e durante os 27 annos seguintes, assinalados por novas invasões francezas, ancias de libertação da influencia ingleza e encarnicadas luctas intestinas, S. Carlos nenhuma

gnificencia, quando de 1838 a 1840 o conde de Farrobo assumiu a empreza do theatro. Indubitavelmente, foi este o tempo aureo de S. Carlos. Nunca n'elle tinha existido, nê existiu depois, um ar de grandeza tão deslumbradora. Se á beira dos camarotes as formosuras emergiam d'entre os velludos lavrados e as mais trabalhosas rendas, refulgindo de pedrarias, no palco era tambem enorme o fausto na *mise-en-scène* esplendida e no conjunto de cantores dos melhores da época. Com tudo isso, o conde de Farrobo ainda não logrou que o publico frequentasse regularmente S. Carlos. Com tudo isso e mais outras



BOTTERO

NANNETTI

BENEVENTANO

vantagens que poderíamos apontar como, entre outras, a respeitante ao artigo 12.º do regulamento do theatro que facultava ao publico ao baterem as dez horas reduzirem-se os preços a metade, isto é, 300 réis a platéa geral e 480 a superior. Esta determinação é prova manifesta de como Farrobo conhecia o publico com quem tratava, porque era approximadamente a essa hora que principiavam os bailados, então sumptuosos. Mas tudo em balde, e gastos 40 contos em duas épocas, o conde de Farrobo deu-se por satisfeito.

A partir d'essa época, começou a decadencia de S. Carlos. Algumas quadras d'enthusiasmo provocado por artistas como Tamberlick, Stolz, Novello, Alboni, Castellani, não são mais que breve rememoração de noites grandiosas. De mão em mão, rastejando sempre, o theatro lyrico chega a ponto de não poder satisfazer os seus compromissos. Surge o conflicto com o famoso choreographo Saint

Léon, e o governo, sempre bode expiatorio nas solvencias das difficuldades de S. Carlos, salda-lhe a conta e toma a si o theatro, conservando-o até que a uma empresa se succede outra em que Campos Valdez faz a sua aprendizagem, e chega-se afinal á época de Cossoul & C.^a. Com esta empresa entra o theatro no seu pericdo mais sympathico, n'aquelle em que postos de lado intuitos de ganancia, elle foi dirigido no sentido de concorrer para o cultivo esthetico do publico.

Sendo raras as vezes em que Cossoul nos seus ultimos annos de vida apparecia em S. Carlos regendo a orchestra, já o não vimos empunhando uma batuta em que os competentes reconheciam qualidades superiores, entre as quaes avultava essa escrupulosa meticulosidade, propria dos musicos para quem o exercicio da arte é um culto a ella prestado. De Guilherme Cossoul assistimos apenas ao enterro, n'uma aspera e acinzentada tarde de novembro, d'aquellas em que a natureza parece incumbir ao vento varrer das arvores o resto da folhagem. De quando em quando soltavam-se do céu fortes aguaceiros a engrossar o tapete de lama sobre que os pés enregelavam. No emtanto, lembra-nos que em S. Pedro d'Alcantara, onde assistimos ao desfile do funebre cortejo, era muita a gente a abrir alas á passagem do carro dos bombeiros voluntarios conduzindo o corpo de Cossoul. E' que o finado pertencia a uma privilegiada raça de homens que attrahem a ponto d'impôr a sympathia de todos. A sympathia do povo, porque se houve coração humanitario foi o d'elle; dos profissionaes da sua arte, porque ella não teve obreiros mais sinceros do que elle; da classe aristocratica, porque esse homem que accorria a medir-se com os perigos d'um incendio e privava com os musicos executantes a ponto de com elles usar de brincadeiras—era um partidista incansavel!—só admissiveis entre intimos, era o mesmo que se distinguia no porte e na conversação nos salões em que triumphavam o espirito e a elegancia.

Não devia ser muito d'appetecer a exploração de S. Carlos em 1864 com a platéa mal semeada de *habitués* e a critica no estado deploravel de desmoralisação em que se revelara nas temporadas antecedentes augmentando as difficuldades creadas ao commissario do governo pelos caprichos e vaidades dos artistas em voga. O muito que os tempos mudaram, mostra-o o facto de [quando do conflicto entre a Tedesco e o então commis-



FRANCISCO D'ANDRADE



ANTONIO D'ANDRADE

sario D. Pedro do Rio haver um só jornal, a *Revolução de Setembro* que a elle não foi des-affecto. Documento de como então, com excepções, os chro-

nistas lyricos se entendiam com os artistas, é uma brochura intitulada: *Les Pêchés du Théâtre de S. Carlos, par Un Humoriste*. Quem quer que a escreveu, litterariamente, nem era humorista, nem coisa alguma. Não sabindo do rez do chão da Europa, humoristas foram Mariano de Larra, em Hespanha, e Camillo na nossa nesga peninsular. O auctor do livrinho não foi mais do que uma creatura de mãos limpas, com repugnancia a certos tunos a quem já não bastavam os cumprimentos dos cantores, os sorrisos das primadonas, os jantares em que a animação cres-

cia com os vapores do borgonha até chegar ao *cheio* da troca de protestos por entre os golles de champagne das melhores marcas. Eram peores que aquelle clerigo de Tirso de Molina que:

nunca a Dios llamaba bueno hasta después de comer.

Se desdobravam de todo o sudario dos elogios, era fixando o preço aos cantores. Eram a eschola e os processos de Fiorentino, embora empregados sem o espirito d'este famoso birbante da critica, que tendo amavelmente extorquido a Meyerbeer mil francos por occasião da estreia d'uma opera, como não conseguisse obter mais de quinhentos, dias antes da primeira representação d'uma outra, teve o desgarrre de escrever que a nova partitura de Meyerbeer valia metade da precedente do mesmo compositor.

Essas e outras difficuldades removeram-n'as o tacto e o bom humor de Cossoul e de Valdez. N'essa época tornava-se favoravel aos empresarios a acquisição de cantores. Assim se explica que n'um theatro em condições economicas longe de prosperas, durante nove annos se tivesse ouvido um nucleo d'artistas como Mongini (vindo da empreza anterior á de Cossoul), Naudin, Nicolini, Cotogni, Merly, Squarcia, Bagagiolo, Petit, o buffo Bottero, a Borghi-Mamo, Volpini, Rey Bala, Carlota Marchisio, Barbara Marchisio, a Lotti, a Fricci e ainda outros cantores de valor.

D'entre todos esses nomes destaca-se o de Pietro Mongini em tão poderoso relevo que ainda hoje os *dilettanti* de ha 40 annos quando evocam esse tempo saudoso chamam-lhe o de Mongini. E' que, ao que nos teem contado Mongini parecia reunir predicados artisticos que no seu equilibrado conjuncto não se encontravam em nenhum outro tenor. Em tempos a esses proximos, o tenor Miratti com o ventre pantagruelico barbaramente espartilhado, nunca poderia dar um artista com o desembaraço preciso. Fraschini, o inolvidavel Fraschini do *Baile de Mascaras*, pertencia á classe dos cantores immoveis. Escolhia a parte da ribalta que acusticamente lhe fosse mais favoravel, e depois... que o ouvissem.

Recuando mais, teriamos então o typo do tenor de que o Fancelli do nosso tempo foi curioso exemplar, com o seu gesto predilecto de acariciar o abdomen; iriamos emfim topar com o tenor ultra-material, bovino de passo, desazado de fantasia, abundante de voz e tão intemerato comilão, como beberrão insaciavel. Taes foram, entre outros, Baldanza e Swift. Este ultimo deixou o nome vinculado á historia anecdotica de S. Carlos n'um episodio impagavel, que não resistimos a referir:

No corra de Janeiro de 1853 deu-se a *Lucrecia* com elle e a Rossi-Cassia. Como por

demais é sabido, depois da barulheira da *stretta* da introducção, os companheiros de Gennaro deixam-n'o só, encostado a um banco, onde deve adormecer em obediencia á *rubrica*. Aparece então uma gondola, guinando mais ou menos, segundo a destreza da mão, que puxa a corda a que vem presa, e d'ella, envolta no proverbial negrume das vestes, sae *Lucrecia*, cautelosa, pé aqui, olho acolá, sem que no emtanto lobrigue a espial-a o quarto dos seus maridos. Canta o *larghetto*, volta a cantal-o, e ao concluir a cadencia, Gennaro deve acordar e levantar-se. N'essa tal noite, até esta altura do acto, nada houve de extranho; mas chegado o momento do tenor se erguer o caso mudou d'aspecto. Lucrecia puxa-o, aperta-o, sacode-o, belisca-o como deviam beliscar unhas de Borgias... Mas tudo esforços vão: o pan-no teve que baixar, porque um desmando alcoolico inhibira de pôr-se em pé o tenor Joseph Swift!...

Com antecedentes como este e outros, para cuja descripção o espaço não chega, no que respeita aos *galans lyricos* em S. Carlos até á época de Mongini, imagine-se que adoração o publico chegou a sentir por elle; o que não impediu que d'um embate de caprichos d'este artista e dos *dilettanti*, resultasse o seu nome não apparecer no elenco a partir de 1868. Pois, apesar do valor immenso de Mongini e do muito merito dos cantores citados, a empresa Cossoul & C.^a só conseguiu consecutivas enchentes com o *Fausto* quando dado pela vez primeira em Lisboa e tão bem cantado como, ao que dizem, nunca mais aqui o foi. Sete annos mais tarde, em 1872, é que o theatro foi bastante frequentado com a vinda de Cotogni. Quanto ás outras temporadas, receita e despesa, quando muito, orçaram uma pela outra. O unico a ganhar foi o publico que inquestionavelmente se educou. Para nós é ponto assente que se alguma vez se justificou a fama d'entendida da nossa platéa, foi durante e empresa Cossoul. E' tempo que vâa, o decorrido a ouvir quem conheceu muito de perto S. Carlos n'essa época, evocar recordações do que o theatro era na intimidade da sua vida artistica; a ouvir, por exemplo, Emilio Lami, um dos directores d'orchestra d'então.

Precisamente, porque o espirito do publico se esclareceu no ponto de vista lyrico durante essa época, é que d'ella data a entidade de director d'orchestra, olhada geralmente até ahí como figura subalterna, passar a merecer a

condigna consideração artistica. Cessaram emfim os tempos em principios dos quaes Marcos Portugal, já operista consagrado, auferia como regente da orchestra de S. Carlos, 672\$000 réis emquanto ao primeiro bailarino eram pagos 1:000\$000 réis.

Desde Cossoul até hoje os *maestri* mais notaveis foram: Dalmau, Kuon, Marino Mancinelli e Luigi Mancinelli.

Durante a desastrada empresa Ferreira & C.^a se algum brilho o theatro teve, ás primadonas o deveu. Foi o periodo da Galetti, com a voz já em farrapos, mas com o temperamento ainda incolume; da Duval; da Ortolani; da Sass, cantora de tão grande voz, como estatura. A Ortolani, sua antecessora em S. Carlos, era pelo contrario uma mulher delgada e flexuosa, d'uma elegancia a frisar por um coquettismo de muito preoccupar o contrapeso d'um marido, cuja escriptura ella, com a sua, impunha a todos os empresarios. Quando com a mulher esteve em S. Carlos, era já Tiberini um tenor pilado, que á falta d'outras prendas conservava a de vocalisar muito regularmente, motivo este por que o seu escanzel-

lado corcel de batalha era a *Matilde de Shabran*. Tudo isto são impressões d'outrem. Tão novo era quem agora as sirze, que de volta de S. Carlos a pergunta unica que lhe dirigiam sobre a recita, era se a pateada havia sido grande, tão repetidos eram então os fiascos! Todavia, lembra-nos ainda d'uma passagem da rossiana *Matilde de Shabran*, quando a Ortolani, n'um duetto com o marido, arregaçando a saia entremostrava um pé que devia ser adunco e minusculo, um pé como até ahi não fôra visto em S. Carlos, porque ao pô-lo a possuidora um pouco mais a descoberto, era de notar o sussurro produzido n'esse momento pelos *dilettanti* ao soerguerem-se de repente, como se uma mesma moia os impellisse a todos. Maior

que a d'elles não seria ainda a anciosa cupidez d'um enxame de garotos, quando um amator de scenas movimentadas atira para o meio d'elles uma moeda qualquer para os vêr cahir-lhe em cima!

Em 1878 a *Aida*, distintamente apresentada em Lisboa por Cepeda, Biancolini, Bollis e Aldighieri, vinha quebrar o desconsolo em que o theatro se arrastava. E' d'essa época, tambem, o *Requiem* de Verdi, com a de Giulio-Borsi, Biancolini, Fancelli e Uetam. Mas foi passageira a aragem de fortuna, tanto que vindo a seguir á companhia italiana um grupo magnifico de artistas de opera-comica de que

o tenor Lhérie era o coripeu entre cantores do merito de De-reims, da Dévriés-De-reims, de Odezenne, d'um comico soberbo, chamado Mengal, apesar das representações de veras artisticas de *Si j'étais roi*, *Songe d'une nuit d'eté*, *Zampa*, *Voyage en Chine*, para que a sala não estivesse positivamente ás moscas, implorava-se d'um e d'outro a condescendencia d'ir passar a noite a S. Carlos...

Leitor, se já não sois do tempo da primeira *Aida* em Lisboa, com difficuldade podereis imaginar o que era S.

Carlos na maioria das recitas. Que aspecto de sala! Como aquillo era mortiço, sobretudo no começo do espectáculo! Pela pouca luz; pela falta de vida; pelo ar de desolação que circulava, aquelle vasto recinto tinha o seu quê de necropole. Geralmente, o panno subia com a platéa superior quasi totalmente desguarnecida. A' medida que a opera avançava, vinham chegando então as mesmas caras, inalteravelmente as mesmas. Um ou outro, mastigava ainda o seu palito, quasi occulto entre os dedos para não offender a civilidade. Atraz d'estes outros vinham, e a conversação generalisava-se. Quem fosse para as primeiras filas da geral, sabia já o que o esperava; era o inverso da esthetica da musica dramatica mo-



ADELINA PATTI



MARIE SASS

HERMINIA BORGHI-MAMO

derna : o dialogo estava em baixo, na superior, e a parte musical em cima, no palco. A conversação sustava-se ás vezes. Determinava a interrupção a passagem d'algumas retardatorias flôres da carne. Havia então troca de sorrisos, as boas noites dadas mal se movendo os labios e, depois, elles proseguiam no dialogo, ellas exhibiam-se a si e ás joias.

Essa gelada attitude desfel a Tamagno quando cantou o *Poliuto* com Herminia Borghi-Mamo. Na primeira noite, a Borghi produziu magnifica impressão na cavatina do 1.º acto que cantava optimamente, ao passo que Tamagno na *preghiera*, que lhe não estava na voz, foi recebido com frieza. Mas no 2.º acto sobrevindo a meio do concertante o *Credo in Dio*... não se faz idéa do delirio com que a sala estremeceu. Tamagno, n'esse tempo, principalmente, era cantor por instincto. Phrases que não sentia, como tinha magros recursos de relevo, passavam despercebidas; mas aquellas que n'elle verdadeiramente vibravam e que lhe estavam no bom registo da voz, o agudo, soltava-as com uma convicção e n'um arranco d'alma d'arrebatar pela força immensa do impeto. A musica de Donizetti com as suas trivialidades tem, como pouca, o condão de, em certas idéas melódicas, arrastar uma platéa inteira, quando confiada a cantores de

temperamento. Lembram-se da phrase do barytono no concertante da *Lucia*, no melhor tempo de Kaschmann?!...

A' época do *Poliuto* succedeu a do *Lohengrin*. Não nos recordamos de



BIANCA DONADIO

BORGHI-MAMO



outra temporada, tão fértil de peripecias, tão excepcionalmente accidentada como esta. Caprichos de artistas a irritarem a empresa, assignantes furiosos contra ella, por quem se diziam explorados, uns facultativos affirmando doente uma cantora, a Pasqua, ao passo que outros a attestavam superabundante de saude, operas representadas vezes sem conto, resurgimento de partidos entre cantoras, tudo isto houve na memoravel temporada de 1882-83 com a de Reszké, a Pasqua, Gayarre, Barbacini, Aldighieri e Eduardo de Reszké. Pateadas como terremotos, maiores ainda que as da época anterior, da policia disfarçada e disseminada pela platéa. Mas entremeados com o caldo

LOTTI



FRICCI



GALLETTI



TEDESCO

negro de Esparta de que os assignantes se queixavam, que banquetes opiparos de musica houve tambem em S. Carlos! Que Lohengrin—o primeiro na ordem chronologica e no brilho e consciencia do desempenho!— com a de Reszké, a Pasqua, Barbacini e Aldighieri!

E Gayarre? Esse era um artista em extremo curioso. Para darmos ás palavras accepção mais rigorosa, chame-mos-lhe em lugar de artista, cantor. Gayarre nunca foi um artista, como o não foram, em regra, os tenores antigos. De mistura com a mais desastrada gesticulação, vinha de vez em quando um violento bater de pé a recordar a rude profissão de que o libertou a

privilegiada voz. Se bem que nasalada, essa voz, quando aquecida, disfarçava um tanto esse defeito, e era communicativa, levantava um auditorio. Gayarre tinha phrases d'empolgar no duetto final da *Favorita*.

O *Spirto gentil*, posto nas hastes da lua pelos patricios d'elle e vizinhos nossos, como elle o cantava era um absurdo, visto atravez d'um prisma d'arte séria. Mas a platéa sorvia-o como um nectar. Quando a orchestra terminava o *ritornello* era tal o silencio, que se uma borboleta atravessasse a sala de S. Carlos se lhe ouviriam bater as azas setinosas. Começava então a escutar-se o *Spirto gentil*, que na bocca de Gayarre era méro pretexto para exhibição d'uma ductilidade de voz extraordinaria. Não havia rythmo, não havia pausas, as suspensões é que abundavam. E então é que era ver como a voz, ora se adelgaçava, ora entumecia, como elle a sujeitava ao esbatido d'um *smorzando*, como a elevava para deixal-a cahir de subito n'um *pianissimo* interminavel. E n'este fadario se

ouvia uma, duas e tres vezes o *Spirto gentil*, a cuja fórma de cantal-o Gayarre tão bem podia applicar a esthetica de lagarto de feira.

Um dos artistas predilectos ao nosso affecto que nos é grato relembrar como recordação de puras sensações de arte, é Enrico Barbacini.

Feio, muito feio, quasi tanto como a mulher, exacto resurgimento da de Socrates, este artista no palco transfigurava-se a ponto de ser plasticamente aceitavel no *Lohengrin*. Quer n'esta, quer n'outras ope-

compleição artistica, devido á qual o Nelusko da *Africana*, o *Hamlet*, o Valentim do *Fausto*, o Nevers dos *Huguenotes*, foram trabalhos inolvidaveis. Uma bella creação de Devoyod, o *Bois-Doré* da *Laureana*, de Augusto Machado, que tão victoriada foi. Volta na época seguinte e então ainda melhor cercado de artistas, pois que além da Sembrich, da Fidés Devriés, uma cantora divina e Nanneti, artista até á medulla, ainda os havia taes que sem pretenção a notabilidades, foram quanto bastou para com a Novelli, De Bas-

TAMAGNO



MASINI



BONCI



LHÉRIE



GAYARRE

ras, era sempre magistral. O saudoso e grande instrumentista que foi Augusto Neuparth pondo em paralelo Gayarre e Barbacini, comparava-os a dois gomis, ambos com valor de cinzel: o correspondente a Gayarre, reluzindo d'ouro, se o raspassem, quasi á superficie deveria n'elle apparecer o estanho; o outro era côr de bronze, mas se o perfurassem só bronze encontrariam!

O fremito de vida, o interesse, a franca expansão das manifestações, decresceram no publico logo na temporada seguinte, apesar do reaparecimento de Gayarre e da Donadio e da Borghi-Mamo. Então, quem mais feriu a attenção dos *dilettanti* foi Devoyod, robusta

sini e Sparapani, termos em S. Carlos a *Carmen* e com um desempenho como se não repetiu tão harmonico. No que mais uma vez se provou que um conjuncto de artistas com prestimo, bem aproveitados, prefere a uma ou mais notabilidades mal acompanhadas.

Veem depois: a Patti, com a meia desillusão que nos trouxe; a Scalchi-Lolli, um instrumento de precisão, applicado á execução da *Semiramis*; Masini, o musico patusco, mas cheio d'alma e de mimo, servido por uma voz suavemente timbrada e modulavel quanto possivel; Emma Nevada, — nevada por antiphase, que ella infiltrava lagrimas atravez do que cantava; Valero, o tenor mellifluido; a dra-



FIDÉS DEVRIÉS

HARICLÉE

DARCLÉE

BELLINCIONI

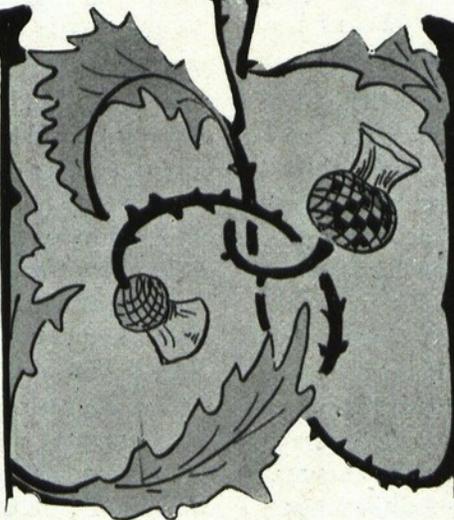
mática Theodorini a arrebatou a sala com rajadas de talento; Francisco d'Andrade, artista insigne, a quem devemos um *Rigoletto* sem par, e que com Theodorini e Antonio d'Andrade tanto concorreu para o marcado exito da *D. Branca*, de Alfredo Keil; Eva Tetrizzini, estreita alliança da correcção do canto e d'um talento raro de malleabilidade; a Van-Zandt a exhibir acrobatisms vocaes a toda a altura da sua voz agudissima.

Consignemos ainda o barytono Menotti, pujante organização artistica a empregar

um orgão vocal cada vez mais apagado; Regina Pacini, com a sua prestigiosa virtuosidade; Adelia Borghi e Tarquini d'Or, as duas melhores Carmens em S. Carlos; Thereza Arkel, a unica sobrevivente do naufragio do *Navio Fantasma*; Darclée, a distincção em toda a linha: no canto e na patricia elegancia; Victor Maurel a fazer render uns biscatos de voz á custa de superiores recursos scenicos; Marconi, o cantor maravilhoso para um quarto de hora, se tanto era o tempo em que lhe escutavamos o *O paradiso*, da *Africana*;



DE-RESZKÉ



PASQUA

Garulli, tambem tenor afamado, mas de cuja voz lá fóra saborearam a febra e nós roemos os ossos; Mario Ancona, cantor embebecido de si, mas de avelludada voz, de que dispunha com pericia; De Lucia, tenor muito habil em que era de lastimar o uso e abuso de certos *rodriguiños* no canto; Alexandre Bonci, o ultimo abencerragem dos tenores do *bel canto*; Gemma Bellincioni, cantora incorrecta por vezes, mas artista a valer e de rara vibratidade.

E fiquemo-nos por aqui, que não ficamos

cisco d'Andrade, do *Hamlet* com a Devriés, uma *Ophelia* que tocou o apice da perfeição.

Depois de tudo isto é que começou a accentuar-se a concorrência a S. Carlos e n'um *crescendo* tanto maior, quanto tem sido o *diminuendo* verificado no publico pelo apreço do espectáculo d'opera. Na apparencia contradictorias, estas palavras terão talvez seus ares de paralogismo; mas faceis de desvanecer sujeitando o S. Carlos d'hoje ao confronto do que foi ainda não ha muito tempo. Quem de ha uma duzia d'annos, temporada por tempo-



BATTISTINI

KASCHMANN

DEVOYOD

MENOTTI

COTOGNI

mal com a Bellincioni a fechar a lista das notabilidades vindas a S. Carlos no ultimo quartel do seculo passado.

Isto, como a principio frizámos, não é, embora succinta, a descripção dos acontecimentos na ordem da successão em que decorreram no Lyrico. São simples impressões fugitivas, breves relatos d'episodios, notas d'occorrencias d'opera, que como taes estão longe de dar a evocação do que foram no nosso tempo as grandes noites de S. Carlos, as do *Lohengrin*, do *Barbeiro* com a Patti, Masini e Cotogni, da *Gioconda* com Theodorini e Stahl e depois Tetrzzini e Pasqua, do *Rigoletto* com Fran-

rada, tenha seguido a evolução do publico não deve ter considerado radical a transformação; porém, aquelle que ausente de Lisboa durante esse lapso de tempo, voltasse agora a S. Carlos, que pasmo o tomaria ante a transfiguração n'elle encontrada! Não só no publico, tambem na sala que não pode subtrahir-se á furia vandalica de que continuou a ser vitima.

Ao atavismo simiesco a cuja influencia se não pensou em resistir, deve a sala de S. Carlos ter recentemente a orchestra dentro d'uma banheira immensa. Imitou-se Bayreuth? Não: macaqueou-se; e com prejuizo manifesto da sonoridade, por isso que a vantagem obtida,



FANCELLI, MAESTRO KUON, MAESTRO ZILIANI, UETAM,
GIULI-BORSI, BIANCOLINI
Interpretes da *Missa de Requiem* de Verdi, na epoca de 1878-79

quando sobrevindo um *tutti*, em se attenuar a crueza dos metaes, redundou em desvantagem desde que a corda passou a ouvir-se menos e os instrumentos de palheta, mórmente os oboés e os fagotes, mal se lhes consegue agora distinguir o som. Não seria mais sensato, mais conforme á construcção especial do theatro, restituir ao palco, se não todo o seu espaço primitivo, de quando a acustica, dizem, corria parelhas com a do Scala, ao menos aquelle barbaramente cortado em 1879 e proceder depois ao melhoramento na sonoridade da orchestra de fôrma que ella resultasse bem equilibrada?

Outra alteração em S. Carlos foi o quasi desaparecimento das varandas. Se bem que esse logar ainda esteja na tabella de preços do theatro, podemos consideral-o como já não existente desde que se acha reduzido a um cacifo irrespiravel. Actualmente, a classe menos abastada não tem um logar toleravel em

S. Carlos. É esta uma triste verdade, para vergonha nossa ainda aggravada com o facto de não haver nenhum theatro lyrico onde os menos protegidos da fortuna não tenham o seu logar menos confortavel que os dos ricos, mas, em todo o caso, supportavel. E todavia esse logar devia ser olhado com olhos compassivos, porque só trepavam ao *gallinheiro* os devotos da arte e os que mais careciam de levantar e retemperar o espirito na audição musical.

O *gallinheiro* tinha os seus direitos adquiridos na larga quota d'applausos que tanto concorria para tornar immensas as ovações das grandes noites. Mas na sinceridade de que o applauso brotava, provinha tambem os frequentadores d'este logar não reprimem os impulsos de desapprovação. D'ahi o considerem-o um agente perturbador da sujeição panurgica a que chegou o publico do Lyrico. O *gallinheiro* em S. Carlos era, com perdão do

paralelo, uma especie de minoria em S. Bento. Tinha tambem os seus ápartes no pigarro lá surgido quando o cantor desafinava; se uma empresa logo após uma opera com falta de ensaios, projectava levar outra á scena, sabia fazer obstruccionismo mostrando as condições em que aquella fôra apresentada; se havia escandalo, era o primeiro a farejal-o, a prevel-o, a levantar a ponta do veu mysterioso que o envolvia. Eliminadas, portanto, as varandas, a minoria desapareceu. Ficou em campo a maioria, aquillo que convinha, sabido por de mais que:

Les sots, depuis Adam, sont en majorité.

Actualmente, S. Carlos é uma oligarchia plutocratica. Quem tem assignatura obtem o seu logar por um preço nada excessivo; quem não possui haveres para assignar, se deseja muito naturalmente vêr o espectáculo uma ou outra vez, tem que pagar o seu bilhete por um preço exorbitante comparado ao dos assignantes.

Tudo porque a Moda com os seus mil tentaculos encobertos pela apparencia risonha e frivola com que para ahí a figuram, abarcou totalmente o Theatro de S. Carlos. Antigamente, em Lisboa, a abertura do theatro d'opera correspondia em influencia ao Grand-Prix dos parisienses, á primeira tourada annual em Madrid, a uma grande kermesse na Hollanda. Verdade é que no correr da época succediam-se ás vezes as recitas com a platéa semi-plena; mas n'aquellas em que o espectáculo era de molde a provocar enchentes, quando as festas dos grandes cantores se não desdobravam em despedidas varias e em ultimos e irrevogaveis apparecimentos, que noites de entusiasmo febril se não passavam em S. Carlos! Que estremecimentos d'alma, que palpi-

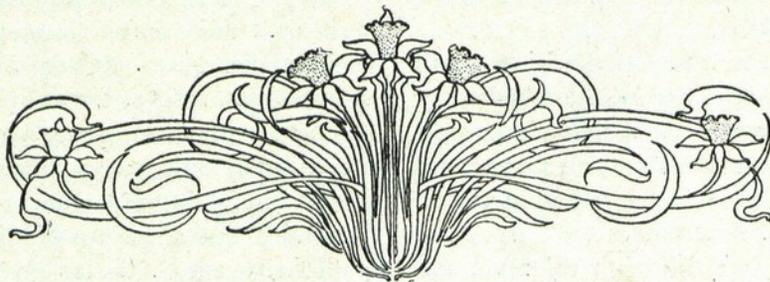
tação de vida, que vigor de seiva havia nos momentos das grandes ovações!

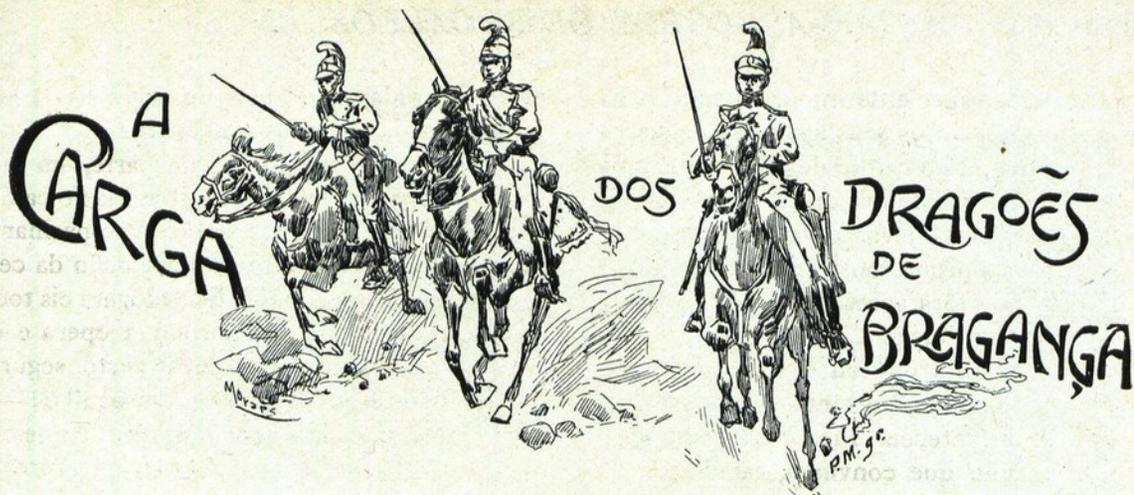
De ha certo tempo a esta parte, um mez antes de aberto o theatro, a romaria ao camaroteiro é incessante; e então é de pasmar o aneio mal disfarçado, a soffreguidão da certeza de que o logar não falte. O logar! eis todo o *desideratum*. Que importam a opera e os artistas desde que haja o logar certo, seguro, — privativo se possivel fosse conseguil-o! — o logar onde se sacie a sede de exhibição que devora grande parte dos actuaes frequentadores de S. Carlos!

Obtido o poiso onde ostentar a luxuosa plumagem da *toilette*, podem succeder-se os espectaculos. Todos se hão de assemelhar n'uma coisa: na indiferença com que serão ouvidos. Dir-se-hia que uma das prescripções do ritual da elegancia seria apparentar uma passividade assás visinha da insipidez. Voltas que a elegancia dá! N'outros tempos, o elemento propulsor das grandes manifestações em S. Carlos; quem preparava festas artisticas como verdadeiras glorificações; quem ateava as rudes pelepas entre os partidos das primadonas; quem planeava pateadas furibundas, como a que um grupo de titulares levou a effeito em 1838 conseguindo até metter em plena platéa a bigorna d'um ferreiro da rua da Figueira; quem tudo isto fazia, era, positivamente, a nata do janotismo lisboeta. Hoje, é o que se vê. No publico de S. Carlos os nervos são de baração: não vibram; a apathia venceu-o; a modorra é a sua disposição predilecta.

Para o Agapito da *Enseñanza Libre*, quebrado de corpo e de espirito, antevendo a morte no algido arrefecimento d'alma, farto de tudo, parecendo insensivel a tudo, ainda se encontrou remedio n'um par de castanholas. Revolvida a therapeutica inteira, para o publico de S. Carlos poderá haver algum?...

ADRIANO MERÊA.





(No tempo dos francezes)

(*Puebla de Sanabria, 4 de agosto de 1810*)

INICIARA-SE a Invasão de Massena. Cahira Ciudad Rodrigo. Almeida resistia ao cerco que devia terminar em breve, tornando-a como que a cratera d'um vulcão extinto, após a explosão do paiol, que, na noite caliginosa de 26 de agosto de 1810, illuminou e encheu o espaço com o sinistro reverbero das suas chammas, com o tenebroso ribombar do seu explodir!

Os proprios inimigos se maravilham!

Junot ao sentir o abalo, sahe do seu quartel-general (uma ampla e faustosa barraca de campanha), vae, olha e pasma! Sem poder conter-se, vôa a chamar a mulher:

— «Vem vêr, Laura; vem vêr! Que espectáculo! Almeida arde!!» (1)

*

Nos fins de julho, os 5000 francezes da divisão Serras, abeiram-se do norte do paiz, depois de terem escorraçado de

Puebla de Sanabria os hespanhoes de Taborda Gil.

— Elles ahi veem; elles ahi veem outra vez!! — noticiam, consternados, os fugitivos fronteiriços transmontanos.

Silveira, o conde de Amarante, de observação em *Bragança*, suspeita assim do perigo que os ameaça. Manda partir um esquadrão do 12 de dragões, em descoberta, e após este a 1.^a brigada de milicianos.

... O coronel Wilson, o commandante do destacamento mixto portuguez, volta, trazendo-lhe a bôa nova, de que o Serras retirara para *Mombay*, deixando, como guarnição no castello de *Puebla*, o 3.^o batalhão suiso, de Srafericed.

O espirito imaginoso do Silveira, a sua audacia e a sua energia de guerrilheiro, levaram-n'o a conceber e executar um golpe de mão sobre a pequena praça leoneza. Tomal-a com simples milicianos e a dois passos de 5000 homens de boa tropa, era na realidade um lance tentador. Se o conseguisse, mais uma vez se confirmava que os francezes de Massena, eram

(1) *Memoria biographica do coronel Francisco Bernardo da Costa e Almeida*, por João da Silva Mendes, pag. 203.

dos mesmos que haviam acompanhado Junot, e que a graça portuguezissima, insidiosa e pesada caricaturara assim:

*Um homem com cabeça de donato,
tendo por barretina uma caneca,
olhos gaxeos, bocca d'alforreca,
e pescoço estendido como gato;*

*burjaca suja e rota por ornato,
calça de brim na perna nua e secca,
uma espada que andou por secca e méca,
e dedos quasi fora do sapato;*

*uma pelle de cobra (1), sobre o lombo
cabacinha (2), panella e caçarola,
espingarda que leva muito tombo:*

*Eis um guerreiro da franceza escola,
agudo em manhas, em juizo rombo,
que outro Deus não tem que a passarola (3).*

*

A 2 de agosto, n'uma d'essas marchas que o general sabia exigir aos bons caminheiros da sua provincia, Silveira põe-se á frente da 2.^a brigada, que o 1.^o esquadrão do 12. de *Bragança*, (capitão Lobo) e uma peça de ferro de calibre 3 deviam apoiar.

Na madrugada seguinte, n'uma volta da estrada, na lombada da montanha, nos ultimos contrafortes da serra de *Cablana*, defrontaram com os campos que circundam *Puebla*, a desdobrarem-se em ondulações abruptas, a que a do castello, ao centro do valle, domina.

O *Sabor* ficara para traz, como uma enorme fita. colleando-se ao capricho dos movimentos do terreno, trecho de paisagem monotona e feia, d'uma vegetação de charneca.

Para Éste, ao fundo do quadro, mal

(1) Mochila.

(2) Cantil.

(3) Aguia napoleonica. Apud. Soriano, Historia da Guerra Civil... tomo 1.^o da 2.^a epoca, pag. 20.

se divisava *Momboy*; e mais perto, passado o *Teva* — que serpenteava muito manso e fraco dos excessos do calor — rasteja, emergindo d'um cómor, o modesto povoado do *Outeiro*. Era por ahi que o caminho ia passar, bordado então de prados, que o xadrez das vedações de pedra solta retalhava pittorescamente, n'um parenthese de oásis e, como que lavrado por insignificantes linhas d'agua, attrahidas pelo rio.

*

A ponto, das bandas do poente, n'um d'esses carris abertos pelas cabras — exclusivas serventias que listravam os flancos penedios da montanha — distinguio-se uma columna em marcha, que a impressão de surpresa tornou enorme! . . . Seria um rebanho ou soldados em fila indiana? Houve um tempo de paragem e de anciosa expectativa.

O quer que era, parou por seu turno.

O som roufenho d'um *buzinão*, mugidouro, espaçado e longinquo, repetido pelas quebradas, veiu ecoar nos ouvidos attentos das atalayas portuguezas.

O capitão Lobo accudiu ao reconhecimento; e alpendrando os olhos com a grande concha das mãos, prescrutou, com a sua vista de lynce, os flancos penedios da montanha, onde uma linha quebrada, de pontos negros, permanecia immovel, mas suspeita.

O *buzinão* insistia, atirando para o valle — a espaços eguaes, propositadamente medidos, como quem interroga — os sons roufentos, mugidouros, da sua voz caracteristica, impressionante e inconfundivel!

O sol illuminava agora, poderosamente, os flancos pedregosos da montanha; e da linha quebrada, de pontos negros, immovel e suspeita, soltaram-



se em cardume, as chispas denunciantes e seguras, que o sol arranca do brilho das armas...

— É a gente do general Taborda — acabou por garantir o capitão Lobo.

— São os hespanhoes! — repetiram os soldados, n'um grande alívio, agitando as espadas, em signal de saudação.

N'esse momento, como resposta corroborada, o *buzinão* tirou uns sons curtos, precipitados e alegres, tanto quanto lh'o consentia a sua garganta cava e sem modalidades quasi; e a linha de pontos escuros retomou, apresada, o interrompido movimento.

Eram, com effeito, os 800 hespanhoes que Serras escoraçara de *Puebla de Sanabria*, setenta e duas horas antes.

*

— *Que hacer?* — perguntou Taborda Gil, mal repostado ainda da corrida e apertando, com força, a mão que Silveira lhe estendia:

— Atacar immediatamente, general —olveu Silveira determinadissimo.

E entregando a empreza aos seus conterraneos, os *milicias de Villa Real*, que o seu proprio filho (o futuro marquez de Chaves) dirigiu em pessoa, Silveira e Taborda Gil, viram-n'os escalar e tomar, n'uma feliz arremetida, o primeiro recinto da praça!

Como em *Chaves* o Messager, um anno antes, em *Puebla de Sanabria*, o Srafericed era constrangido hoje a encurrular-se no segundo recinto e no castello da praça, d'onde poudo varejar os bravos milicianos, que se batiam com uma galhardia insupposta em soldados bizonhos, como aquelles com que Silveira sahira de *Bragança*, para baptisar no fogo.

... Para os lados de *Momboy*, para lá do *Teva*, o esquadrão do capitão Lobo vigiava os movimentos dos francezes.

*

Por volta das 10 horas da manhã de 4 de agosto as vedetas assignalaram a presença do inimigo...

O capitão Lobo chegou-se ao reconhecimento. Abandonou as redeas ao cavallo; e alpendrando os olhos com a grande concha das mãos, pode differençar, com a sua vista de lynce, a marcha vagarosa d'uma forte columna que se escoava da garganta do desfiladeiro, nos confins da paisagem...

Perto já, um esquadrão de dragões inimigos avançava trotando...

Na rapidez de exame e no determinado da concepção dos resolutos, ordenou aos 30 do alferes Miranda, que, aproveitando as trapadas á direita da estrada, fossem esperar que a cavallaria franceza entrasse no terreno da carga. O solo descia aqui em pendor suave para os lados de *Momboy*, pelo valle do *Teva*: a vantagem do terreno pertencia-lhe pois.

— Chegados a bom alcance, eu carregos de frente, emquanto o Miranda lhes corta a retirada — ordenou com energia e precisão.

Os trinta dragões de Bragança resvalaram subrepticamente, attentos, encobertos, sem anciedade, conscios de que iam vencer: o Silveira velava por elles...

... E o Lobo, a pé, detraz d'um castanheiro enorme, viu-os desaparecer n'um magote de arvores.

O esquadrão francez avançou, choutando, parando para reconhecer, com uma lentidão, que lhe insoffria a febre

de os acutilar. Para o attrahir, arremeçou pela estrada fora, como negaça, o alferes Falcão com 12 homens.

O estratagemma produziu o effeito desejado: os cavalleiros inimigos detiveram-se um instante e contaram-n'os.

— Que poucos! Que facil victoria! — pensaram.

— Viva o Imperador! Carregar! — ordenou o capitão.

A negaça, simulando de surprehendida, deu costas, ao galope... A furia franceza accudiu ao reclamo, voou á sua perdição, de redea bamba e de armas e capacetes luzindo, luzindo muito... Os officiaes, á frente — de braços e espadas estendidos para deante, na direcção do *Outeiro* — norteavam a carga. Moviam-se parallelamente á estrada, velozes, ebrios de enthusiasmo, saltando muros e vallas, no impeto guerreiro que a força moral da victoria estimula. Mais 200 metros e ganhariam o cómodo a que iam chegando os dragões portuguezes.

De improviso, corôa a altura o esquadraão do Lobo.

— Viva Silveira! Morte aos francezes! — bradam, como um só homem, os de Bragança, esporeando os cavallos e brandindo os sabres.

O solo treme debaixo da carga. Trepidam os dragões de Napoleão; querem voltar atraz. A velocidade adquirida precipita-os, porém. Dão uns contra os outros. Penetram-se, atacam-se, contudem-se, ferem-se, matam-se, derubam-se... O choque é terrivel. A confusão, medonha. A refrega, instantanea. A retirada, impossivel. Aos gritos de:

— Avança, avança! A victoria é nossa! — o Miranda toma-os de revez.

Então o horror!

Entre as fileiras um tanto ordenadas e oppostas dos dragões de Bragança, desfaz-se a pinha dos cavalleiros francezes, que se escoam, espalhados, sem cohesão, perdidos, e perdidos vão dar consigo em terra, á ponta das espadas dos trasmontanos, que audazes e febris, os massacram sem dar quartel! O chão amarello, queimado d'um sol forte, tingge-se de sangue francez; estruma-se de cavallos e homens, de espadas e capacetes!...

No fim de dez minutos, dos 70 cavalleiros inimigos, 28 jazem por terra; 30, mais de metade, acutilados, rendem-se prisioneiros, emquanto o capitão e mais 5 ou 6 se escapam, tendo por escolta sinistra 20 cavallos sem cavalleiros!!... (1)

*

Para os lados de *Puebla* o espingardear recresce...

... E uma hora depois, o Lobo, abandonando as redeas ao cavallo e alpendrando os olhos com a grande concha das mãos, poude differençar, com a sua vista de lynce, a marcha precipitada da forte columna, que mostrando-lhe as mochilas, se entranhava agora no desfiladeiro, aos confins da paisagem.

F. SÁ CHAVES.
Capitão de cavallaria.

(1) Claudio de Chaby — *Excerptos historicos*, tomc 6.º, pag. 138 a 145.

A lenda DO Canzarrão

Nota biografica sobre Conan Doyle

O nome do doutor Conan Doyle, autôr deste romance, é hoje popularissimo, não só na Inglaterra e na America, onde as edições dos livros deste prestigioso escritôr se contam por dezenas, senão ainda em todo o continente europeu, existindo mais de uma tradução das suas obras nos principaes idiomas da Europa.

Tratando como Gaboriau, romancista tão lido e apreciado pelos leitores portuguezes, assuntos sensacionais, rivaliza com o autôr do «Senhor Lecocq» nos dotes de imaginação, no imprevisto dos lances, excedendo-o, inquestionavelmente, já pelo ingenho das soluções, já pela correccão e magia do seu estilo, firme e conciso, elegante, as mais das vezes, e sempre á altura de um literato de primeira plana.

A personagem de SHERLOCK HOLMES, o policia dilétante, não representa, como o «Senhor Lecocq», uma entidade ficticia e creada pela imaginação do escritôr; antes pelo contrario, é um typo estudado do vivo, um facultativo militar, já fallecido, professor no hospital de Edimburgo, com quem o nosso autôr, em annos da mocidade, manteve estreitas relações, e cujo espirito de observação, cujas faculdades de penetração e deducção, deveras prodigiosas, inspiraram ao doutor Conan Doyle as suas tão extraordinarias narrações de casos policiaes.

O doutor Conan Doyle faz parte de uma distinta familia escossêsa, na qua é hereditario o talento; — neto do celebre H. B., escritôr satirico de pulso e eximio caricaturista, que durante trinta annos tanto intrigou o publico das ilhas britannicas com as suas pungentes sátiras e as suas cari-



SIR CONAN DOYLE

caturas anónimas, é filho do Dicky Doyle, outro caricaturista não menos distinto e um dos fundadores do celebre periodico humoristico «Punch».

Dotado de compleição herculea e de faculdades humoristicas que nunca se desmentem, optimo companheiro, homem de sciencia, SPORTSMAN e viajante por vocação, tem acompanhado a varias expedições scientificas, á Asia, á Oceânia, ao polo arctico, etc. Cultivou em tempos a especialidade de medico-oculista, escrevendo, por desfastio, nas horas de ocio, uma ou outra novêla analitica ou narrativa sensacional de viagem, para os MAGAZINES mais lidos. Da publicação das AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES NO STRAND MAGAZINE data o immenso exito literario das suas series sensacionaes, cuja popularidade, sempre em augmento, attingiu em nossos dias proporções inacreditaveis, podendo afirmar-se afoitamente que, de todos os escritores britannicos, Conan Doyle é hoje o que conta maior numero de leitores, em todo mundo civilizado.

«O doutor Conan Doyle, opinava recentemente um abalizado critico francès, possui o rarissimo condão de imprimir fórma nova e sempre original a um genero já tratado por mais de uma celebridade, genero que o talentoso escritôr do Reino-Unido soube aliás elevar á categoria literaria.»

E todavia caso singular, n'este côro de applausos e louvores vibra uma nota discordante: — os queixumes dos empregados do correio — o mithico, o lendario Sherlock Holmes é alvo de uma assidua correspondencia, e o verdadeiro, o legitimo inquietino, em carne e osso, do modesto predio de BAKER STREET diz mal á sua vida; já perdeu as esperanças de conservar criado ou criada, estafados de andar no corropio da porta; de noite, tem pesadelos, zumbe-lhe aos ouvidos o retintim incessante da campainha — um fadario de ensurdecer! Quer de dia quer por horas mortas chovem cartas, consultas a sério acerca de roubos e descaminhos, alvitres estrambolicos, soluções cerebrinas aos intrincados problemas, aos casos criminaes misteriosissimos, labirintos cuja meada á fenomenal sagacidade de hipotetico dilétante policial é a unica que possui o fio conductor.

E o maganão do nosso doutor, a rir do papo, a esfregar as mãos de contente; para o incorrigivel humorista a inócua mistificação triplica-lhe o gozo literario, representa um incentivo á procreação de novos casos estupendos, portentosos, cuja solução ingenhosa continúa a ser lançada na conta do effectivo do lendario Sherlock Holmes.

CAPITULO I

O senhor Sherlock Holmes

O senhor Sherlock Holmes, que tinha por costume levantar-se muito tarde, salvo nessas occasiões, assás frequentes, em que ficava a pé toda a noite, estava sentado á mesa, a almoçar.

Detive-me no capacho e peguei na bengala que o nosso visitante, por esquecimento, deixara ficar na vespera, á noite.

Era um pau, grosso, magnifico, com um castão bulboso, da especie conhecida pela designação de «advogado de Penang.» (1) Por baixo do castão, um aro de prata, muito largo, medindo quasi uma polegada. «A James Mortimer, M. R. C. S., os seus amigos do H. C. C., insculpido no metal, com a data «1885». Era o genuino typo da bengala predilecta dos classicos de algum dia — veneranda, rija e inspirando confiança.

«E dahi, Watson, que me dizes a isto?

Holmes estava sentado, de costas viradas

para mim, e eu nem por sombras lhe tinha dado a perceber o que me captara a attenção.

— Como é que sabes o que estou fazendo? Terás tu olhos na nuca?

— Na ausencia delles, tenho na minha frente uma cafeteira, de casquinha, a luzir que nem um espelho, retorquiu. «Mas não me dirás, Watson, o que é que deduzes da bengala do nosso visitante? Já que tivemos a má sorte de nos desencontrarmos com elle e visto não suspeitarmos, sequer, o motivo da sua visita, esta recordação accidental assume certa importancia. Vamos lá a ver como é que tu reconstroes o individuo mediante o exame do objecto.»

— A meu ver, encetei, cingindo-me quanto em mim cabia aos methodos do meu companheiro, o doutor Mortimer é um facultativo, já idoso, com uma bôa clientéla, estimado, visto as pessoas do seu trato lhe offerecerem este testemunho do apreço em que o tem.

— Muito bem! accudiu Holmes. Optimo!

Parece-me, aliás, existirem probabilidades favoraveis á circumstancia de elle ser um clinico rural effectuando o melhor das suas visitas *pédibus calcantes*.

— E por quê?

(1) Advogado que exerceu temporariamente a sua profissia na India inglêsa.

— Porque esta bengala, um primôr, nos seus tempos aureos, tem aguentado tão má vida, que me custa accreditar que tenha andado nas mãos de um qualquer clinico urbano. A ponteira, muito grossa, está gásta, prova manifesta de que o homem se tem farto de andar abordoado a ella.

— Absolutamente sensato ! aduziu Holmes.

— E dahi, temos ainda os «amigos do H. C. C.» Palpita-me que serão socios de um club qualquer de caçadores, de alguma associação local a cujos membros elle haja prestado os seus serviços, na qualidade de cirurgião, e que em paga lhe tenham offerecido este brinde modesto».

— Realmente, Watson, estás-te saindo, emitiu Holmes, arredando para trás a cadeira e acendendo um cigarro. «Cumpre-me confessar que em tudo que tens publicado, referente aos meus modestissimos commetimentos, tens sistematicamente amesquinhado a tua propria pericia. Não serás talvez luminoso, mas nem por isso deixas de ser um conductor de luz. Ha individuos que, sem serem fadados de genio, dispõem de um notavel poder no sentido de o estimular.

E eu, meu caro amigo, confesso o muito de que te sou devedor.

Nunca elle tinha dito tanto, e devo admitir que as suas palavras me causaram intimo prazer, visto que por mais de uma vez me senti melindrado por a sua indiferença ante a minha admiração e as minhas tentativas no sentido de dar publicidade aos seus methodos. Desvanecia-me, aliás, a convicção de me haver assenhoreado do seu sistêma a ponto de o applicar de modo a grangear a sua approvaçãõ.

Elle, tirou-me a bengala das mãos e pôs-se a examiná-la pelo espaço de minutos com a vista desarmada. Depois, exprimindo interesse, largou o cigarro, e, acercando-se da janéla com a bengala, submeteu-a a novo exame através de uma lente convexa.

— Interessante, comquanto elementar, proferiu, voltando a aninhar-se no seu cantinho predilecto do sofá.

A bengala apresenta uma ou duas indicações, não ha duvida ; ministra-me base para varias deducções.

— Escapar-me-ia qualquer coisa ? indaguei, um tanto ou quanto emproádo. Quer-me parecer que me não terá passado despercebida circumstancia alguma importante ?

— Custa-me declarar-t'õ, meu caro Watson, mas as tuas conclusões são erroneas, quasi todas. Eu, quando affirmei que me estimulavas, para te falar com franqueza, queria dizer que, notando as tuas illusões, me sentia eventualmente encaminhado para a verdade. Não quero dizer com isto que tu, no presente caso, labores absolutamente em erro. O individuo é, com certeza, um clinico rural.

E anda muito.

— Nesse caso, tenho razão.

— Tens, até ahi.

— «Exclusivamente.

— Exclusivamente, não, meu caro Watson, de modo nenhum. O que eu pretendo sugerir, por exemplo, é que um brinde a um facultativo é muito mais provavel o provir de um hospital do que de uma associação de caçadores, e isto tanto mais, dando-se o caso de se acharem as iniciaes «C C» collocadas depois do alludido hospital, e sugerindo naturalmente as palavras «Charing Cross».

— E' possivel que tenhas razão.

— Abundam probabilidades nesse sentido. E accetando-as como hipótese fundamental, temos uma nova base para assentarmos a nossa construcção, respectiva a este visitante incógnito.

— Muito bem, mas supponhâmos que H. C. C, queira significar «Hospital de Charing Cross», que devêmos deduzir d'ahi ?

— Não te parece sugerirem-se quaesquer conclusões ? Conheces os meus métodos. E' applicá-los !

— Apenas me accode a conclusão obvia de como o homem terá exercido clinica na cidade antes de se transferir para a provincia.

— Parece-me que podemos aventurar-nos a ir um pouco mais longe.

Considera o caso sob este ponto de vista. Em que occasião haveria maior probabilidade de ter sido offerecido este brinde ? Quando se haverão quotizado os três amigos para lhe offerecerem um penhor da sua estima ? É obvio que não deixaria de ser no ensejo em que o doutor Mortimer se despediu do serviço do hospital no intuito de encetar clinica por conta propria.

Sabemos que houve brinde. Suppõmos ter havido transferencia de uma cidade para um partido rural. Será pois levar longe demais as nossas deducções o dizermos que o brinde se effectuaria na occasião dessa transferencia ?

— Tem seus visos de probabilidade, não ha duvida.

— Assim, pois, não deixarás de ponderar que o homem não podia fazer parte do *estado maior* do hospital, visto que semelhante posição só póde competir a um pratico devidamente estabelecido e exercendo clinica em Londres, e o individuo em taes circunstancias jámais derivaria para um districto rural.

Que era elle, então? Se estava adjunto ao hospital, comquanto não pertencesse ao *estado maior*, apenas poderá ter sido cirurgião ou medico-praticante, pouco mais do que um estudante do ultimo anno do curso. E elle largou o serviço ha cinco annos, — cá está a data na bengala. Portanto, o teu medico de partido, homem serio e de meia idade, esvae-se como o fumo, prezadissimo Watson, e surge-nos um moço que ainda não trintou, amavel, desambicioso, distraído e dono de um cachô-ro predilecto, que eu descreveria, por alto, como sendo maior que um rafeiro e mais pequeno que um mastim.

Incredulo, desatei a rir, ao passo que Sherlock Holmes se refestelava no sofá a baforar uns anneis oscilantes de fumo para o tétó.

— Com respeito á outra parte do assunto, não tenho meio de te ir á mão, aduzi, mas sequer ao menos não será difficil o encontrarmos meia duzia de particularidades relativas á idade do individuo e á sua carreira profissional.

Fui-me á minha estantezinha de materia-medica, lancei mão do Indicador-profissional e folheei-o até topar com o nome. Encontrei varios Mortimers, mas um, apenas, que pudes-se ser o nosso visitante. Li de rijo os dizeres respectivos.

«Mortimer, James, M. R. C. S. 1882, Grimpen, Dartmoor, Devon. Cirurgião-interno, desde 1882 a 1884, no Hospital de Charing-Cross. Obteve o Premio-Jackson respectivo a Pathologia comparada, mercê de uma memoria intitulada «A doença representará uma reversão?» Membro correspondente da Associação Pathologica da Suécia, autôr de «Alguns casos de Atavismo» (*Lancêta*, 1882) «Acaso progredimos?» (*Jornal de Psicologia*, março, 1883). Medico de partido das paróquias de Grimpen, Thorsley, e High-Barrow».

«Nem palavra ácerca do tal club local de caçadores, Watson, ponderou Holmes, com um sorriso caustico, mas sim um facultativo rural, como tu mui astutamente observaste.

Quer-me parecer que se justificam completamente as minhas inducções.

Com respeito aos adjectivos, eu, se bem me lembro, disse: amavel, desambicioso, e distraído. Ora, diz-me a experiencia que os homens amaveis são os unicos que neste mundo recebem testemunhos de estima; os ambiciosos os unicos que abandonam a carreira em Londres com o sentido na carreira provincial, e os distraídos os unicos que deixam a bengala em vez do bilhete de visita, depois de terem estado á espera uma hora, na sala de qualquer pessoa.

— E o cão?

— Está acostumado a carregar com esta bengala, atrás do dono. Ora, como o pau é pesado, o cachorro abocava-o com força, pelo meio, e os sinaes dos dentes cá estão, manifestamente visiveis. A mandibula do cão, conforme se observa no espaço entre estes sinaes, é, na minha opinião, larga de mais para um rafeiro, e de menos para um mastim. E' possivel que seja... sim, por Jove, é um cão de agua de pêllo encaracolado.

Erguera-se, e passeava pelo quarto emquanto falava. Agora, estacára no vão da janéla. Havia um clangor tal na sua voz que levantei para elle os olhos, pasmado.

— Meu caro, como é que tu pódes ter a certeza disso que afirmas?

— Pela razão, simplissima, de estar vendo d'aqui o proprio cachorro assomar ao patim da nossa escada, e eis que retine o toque de campainha do dono. Não te levantes, Watson, é um teu collega, e a tua presença poderá representar para mim um auxilio. Eis chegado o lance dramatico da sorte, Watson, no acto de ouvirmos umas passadas na nossa escada, e passadas que vem invadir-nos a vida, sem que saibamos se será para bem se para mal. Que terá o doutor James Mortimer, o homem de sciencia, que indagar de Sherlock Holmes, o especialista em criminologia? Pode entrar!

O aspecto do nosso visitante foi para mim uma surpresa, visto como eu estava á espera de ver um clinico rural typico. Era um homem muito alto, magro, com um nariz comprido, tal qual o bico de um passaro, espetado entre dois olhos sagazes, pardacentos, muito juntos e a luzirem por detrás de uns oculos com aros de oiro. Trajava ao modo dos da profissão mas com um certo desalinho, um tanto sordido o casaco, e as calças, esfiampadas. Moço ainda, e não obstante, já um tanto alcachina-

do das costas, extensíssimas, e no acto de andar projectando em frente a cabeça, com uns ares de benevolencia, abelhuda. Assim que deu entrada, feriu-lhe a vista a bengala que Holmes tinha na mão, e correu para ella, com uma exclamação de alegria.

— Estou contentíssimo, prorompeu. Estava em duvida se a teria deixado aqui, ou no Escritorio da Agencia-maritima. Antes queria perder fosse o que fosse, n'este mundo, do que esta bengala.

— Uma offerenda, segundo presumo? proferiu Holmes.

— Sim, senhor.

— Do Hospital de Charing-Cross?

— De uns amigos que alí tenho, por occasião do meu casamento.

— Ai, ai, ai! isso é que não é nada bom! atalhou Holmes, abanando a cabeça.

O doutor Mortimer pestanejou através dos olhos.

— Nada bom! E porquê?

— Não faça caso. E' que o senhor vem transtornar algum tanto as nossas deducções-inhas. Do seu casamento, diz o senhor?

— Tal qual. Casei, e por esse facto, deixei o hospital, e com elle quaesquer esperanças de estabelecer consultorio. Tornava-se-me urgente cuidar do lar domestico.

— Vamos lá que, ainda assim, não lhe andámos muito longe, emitiu Holmes. E agora, doutor James Mortimer...

— Doutor, não; *senhor*, apenas... — um humilde M. R. C. S.—

— E um homem com o juizo no seu lugar, é evidente.

— Um chafurdador da Sciencia, sr. Holmes, um respigador de conchas nos areas do ignoto e vasto oceano. Presumo estar-me dirigindo ao senhor Sherlock Holmes e não a...

— Perdão, este senhor é o doutor Watson, meu amigo.

— Muito estimo conhecê-lo. Ouvi mencionar o seu nome em relação intima com o do seu amigo. O sr. Holmes inspira-me singular interesse. Estava longe de esperar o encontro de uma cáveira dolicocefala a tal ponto ou um desenvolvimento supra-orbital tão accentuado. Terá duvida em que eu corra o dêdo ao longo da sua sutura parietal? Um molde da sua cáveira, meu caro senhor, enquanto não estiver disponível o original, representaria um adorno precioso em qualquer museu antropológico. Longe de mim a ideia de suscitar assuntos

tristes, mas confesso que cubiço a sua cáveira.

Sherlock offereceu uma cadeira ao nosso visitante.

— O doutor, segundo vejo, é um entusiasta na orbita dos seus pensamentos, tal como eu, na dos meus, commentou. Do seu dêdo indicador deprehendo que tem por costume embrulhar os seus cigarros. Póde acender um, não faça cerimonia.

O sujeito sacou do bolso mortalhas e tabaco e fez um cigarro com destrêza sorprendente. Tinha uns dêdos esguios, compridos, tão tremulos, tão ageis e irrequietos, como as antenas de um insecto. Holmes, caládo, os seus olhares furtivos, incisivos, manifestavam-me porém o interesse que lhe incutia o nosso tão curioso companheiro.

— Presumo senhor, disse por fim; que não seria com o intuito unico de examinar a minha cáveira que me proporcionou a honra de me procurar hontem á noite e novamente esta manhan?

— Não senhor, não foi; com quanto muito me alegre tambem o ter-se-me proporcionado o ensejo a que se refere. Vim procurá-lo, senhor Holmes, porque reconheço que eu, na essencia, sou um homem nada pratico, e pelo facto de me encontrar, de subito, a braços com um problêma muito sério e não menos extraordinario. Reconhecendo, como effectivamente reconheço, que, na escala dos mais reputados peritos da Europa, o senhor occupa o segundo lugar...

— Deveras, senhor! Ousarei perguntar-lhe a quem cabe a honra de occupar o primeiro? indagou Holmes, com tal ou qual asperêza.

— Todo e qualquer individuo dotado de espirito de precisão scientifica não deixará de curvar-se, reverente, perante a obra de Monsieur Bertillon.

— Por que é, então, que o não consulta?

— Perdão, senhor, eu porém, referi-me ao espirito dotado de precisão scientifica. Mas na qualidade de homem pratico, e de intendido em questões de vida pratica, o senhor é confessadamente o primeiro. Ouso esperar, doutor, que, por inadvertencia... não terei...

— Um pouquinho, retorquiu Holmes. E quer-me parecer, doutor Mortimer, que procederia sensatamente, tendo a bondade de declarar-me, com singelêza e sem mais ambáges, qual a verdadeira natureza do problêma em favor do qual solicita o meu auxilio.

CAPITULO II

A maldição na familia Baskerville

— Trago aqui, na algibeira, um manuscrito.

— Isso mesmo já eu tinha observado, assim que o senhor entrou nesta sala, volveu Holmes.

— É um manuscrito muito antigo.

— Dos principios do seculo dezoito, a não ser uma falsificação.

— Em que se funda essa sua affirmativa?

— O senhor facultou ao meu exame uma ou duas polegadas do mesmo, durante o tempo todo que tem levado a falar. Fraco seria o perito que não pudesse determinar a data de um documento com a diferença de uma década, ou coisa que o valha. Haverá lido, talvez, aquella minha monografiazinha referente ao assunto. Attribuo esse ao anno de 1730.

A data exacta é 1742 — O doutor Mortimer sacou-o do bolso interno — Este documento familiar foi entregue ao meu cuidado por sir Charles Baskerville, cuja morte subita quanto tragica, ha três menses, tão grande sensação causou em Devonshire. Posso afirmar que fui seu intimo amigo a par de medico assistente. Era um espirito atilado, sagaz, energico, pratico, e tão pouco dado a fantasias como eu proprio, senhor. E não obstante, tomava a serio, quanto possivel, este documento que aqui vê, e o seu animo estava disposto exactamente para o mesmo fim que eventualmente veio a ter.

Holmes estendeu a mão para o manuscrito, e pôs-se a endireitá-lo sobre o Joelho.

— Chamo a tua atenção, Watson, para o emprego alternado dos ss longos e dos ss curtos. É este um dos varios indicios que me habilitaram a fixar a data.

— Olhei por cima do hombro do meu amigo para o amarelido papel e para a letra, apagada. No cabeçalho estava escrito: «Solar de Baskerville», e por baixo, em caracteres grandes, uns gatafunhos: «1742».

— Parece ser a narração de um facto qualquer.

— É, a exposição de uma certa lenda corrente na familia Baskerville.

— Mas julguei perceber que o assunto ácerca do qual deseja consultar-me seria de indole mais moderna e mais pratica.

— Modernissima. Materia summamente pratica e urgentissima, que tem que ser resolvida dentro do prazo de vinte e quatro horas.

E' breve, porém, o manuscrito e liga-se intimamente ao caso.

Se me dá licença, vou ler-lh'o.

Holmes derreou-se na cadeira, conjugando as pontas das dèdos e cerrando os olhos com uns ares de resignado. O doutor Mortimer voltou o manuscrito para a luz, e com voz estridula, de cana rachada, leu a seguinte e curiosa narrativa dos tempos que já lá vão: —

Com respeito á origem do Cão dos Baskervilles mais de uma affirmativa tem corrido mundo, e não obstante, como eu descendo em linha recta de Hugo Baskerville, e ouvi a historia da propria bôca de meu pae, que a ouviu tambem da bôca do proprio autôr de seus dias, registei-a, com a crença firme em que ocorreria tal qual a transcrevo aqui. E desejo que acrediteis, filhos queridos, em que a mesma justiça que castiga o peccado tem poder tambem para o perdoar, e em que não existe culpa, por mais pesada que seja, que mercê de preces e arrependimento sincero não possa ser expungida. Aprendei, pois, da presente historia a não temer os frutos do passado, antes a ser circumspectos no porvir, afim de que essas paixões nefastas, que tão gravemente hão atribulado a nossa familia, não venham outra vez a desencadear-se para nossa perdição.

Sabei, pois, que nos tempos da Grande Rebelião (cuja historia escrita pelo erudito Lord Clarendon eu mui empenhadamente recommendo á vossa atenção) estava de posse deste solar de Baskerville Hugo, do mesmo appellido, e não consente impugnação a affirmativa de que era um homem summamente fragueiril, profano, e nada temente a Deus. Tudo isto, em boa verdade, lhe poderiam ter perdoado os vizinhos, conscios de que santos foi coisa que jamais floresceu por estas nossas terras, éra porém atreito a uns assômos taes de protervia e crueldade que o seu nome veio a ser o espantallo de toda a região occidental. Adregou a vir o dito Hugo a tomar-se de amores, (se, com effeito, paixão negregada a tal ponto, poderá ter jus a tão formôso titulo) com a filha de um lavrador, fobreiro de umas terras, entestando com a herdade de Baskerville.

A donzèla, porém, discreta e bem reputada tentava sempre esquivar-se-lhe, receosa da pessima fama do fidalgo.

Veiu pois a acontecer, em dia de S. Miguel,

o dito Hugo, com cinco ou seis dos seus ociosos e procazes companheiros, assaltar de improviso a casa do lavrador e raptar a moça, aproveitando a occasião de estarem ausentes quer o pae quer os filhos. Carregaram com ella para o solar e encerraram-n'a em um cubiculo do sótão, ao passo que Hugo e seus amigalhaços, abancados, levaram a noite de folia, segundo seu costume. A pobre da rapariga, por pouco não ensandeceu, com aquella ingranzéu de cantigas, berraria e pragas de arripiar que, lá debaixo, do salão nobre, lhe vinham azoinar os ouvidos, pois é voz corrente que as palavras soltadas por Hugo Baskerville, quando se tomava da bebida, eram de molde a fazer ir pelos ares o individuo que as ouvia. Até que por fim, nos transes do pavôr aventurou-se a um acto que faria recuar de susto o homem mais energico e destemido, visto como, auxiliando-se das ramadas da hera que vestia (e veste ainda) a parede do lado sul da mansão, despenhou-se daquella immensa altura, e galgou de corrida até casa, através do brejo, as três leguas que vão do solar até ao casal do pae.

Quis o acaso que, lá pela noite adiante, Hugo apartando-se dos comensaes com o fito em levar de comer e de beber — e outras coisas peores, quem sabe? — á sua captiva, veiu encontrar erma a gaiola e o passaro, quero, que é delle. Então, ao que contam, ficou como se tivesse o diabo no corpo, visto como, descendo a escada de gangão, investiu pela sala de jantar, saltou para cima da mêsá, derrubando de roldão pratos, copos, garrafas e talheres, bramindo em voz de trovão, perante toda a malta, que naquella mesma noite entregaria corpo e alma aos Poderes do Averno, com tanto que lograsse haver ás mãos a cachopa. E ao passo que os alegres comensaes ficavam boquiabertos ante a furia do castelão, um delles, mais perverso, ou, quiçá, mais borracho do que os restantes, exclamou que lhe soltassem os cães na trilha. Ao ouvir isto, Hugo investiu pela porta fóra, berrando para os lacaios que lhe apparelhassem a egua, e fossem ao canil soltar a matilha, e arremesando aos cães um lenço da joven, levando-os á tréla despediu pela charneca em fóra, á luz do luar, com alarido de ensurdecer.

Os borrachões permaneceram atonitos, um bom pedaço, incapazes de perceber o alvitre, pela rapidez com que foi dito e levado a effeito. Em breve, comtudo, o embotado bestunto

lhes acordou manifestando-lhes a natureza do lance que provavelmente ia consumir-se no brejo. Foi geral a confusão, o alarido, bradava este pelas pistolas, aquelle pelo cavallo, pedia um cangirão de vinho aquelloutro. Até que por fim lhes foi alumando o dementado cerebro uns vislumbres de razão, e a malta em pêso, trêse, ao todo, cavalgou e despediu, campos em fóra, no rastro da preza. Alumeava-os em cheio o clarão do luar, e galopavam a par, á espora fita, seguindo o rumo que era mais provavel a moça haver seguido, para alcançar a propria casa.

Teriam andado uma ou duas milhas eis que topam com um dos zagaes que costumam velar de noite, no brejo, e indagaram deste, voz em grita, se acaso teria dado fé da foragida. E o pobre do homem, segundo reza a historia, tomou-se de medo tal, que mal podia articular, até que por fim declarou que com effeito tinha visto a malfadada rapariga, e os cães a seguir-lhe o rastro.

«E vi ainda muito mais do que isso», accrescentou, «pois rente de mim passou Hugo Baskerville, cavalgando a sua egua preta, e atrás delle, á desfilada, sem tugar nem mugir, uma avantesma de um cachorro do inferno, que Deus permitta eu o não veja nunca a cheirar-me os calcanhares.

Os beberrões dos fidalgotes encommendaram ao diabo o pegureiro e meteram por ali fóra. Em breve, porém, sentiram frio até á raiz do cabello, pois lhes veiu ferir os ouvidos o estrupido de um cavallo a galopar através da charnéca e a egua negra, branca de espuma, toda ella, passou rente com elles com a redea a arrastar pelo chão e a sela erma. Nisto, os tresnoitadores meteram os cavallos a par, tomados de subita quanto aguda apreensão; não obstante foram seguindo seu caminho, através da charneca, supposto cada um delles, de per si, se acaso fôra sósinho, não hesitaria em ter dado de redea ao corsel, regressando pelo mesmo caminho.

E assim foram indo a passo moderado até que toparam com os cães.

Estes, apezar da fina raça e da provada ardidéz, estavam todos em montão, a uivar no alto d'um barranco assás fundo, abrindo sobre um brejo, alguns delles recuando muito encolhidos, outros com o pello arripiado e a mirarem, com os olhos espipados, o enesgado vale na sua frente.

Teve pois a malta que fazer alto, mais es-

vaído o vapor do vinho, agora, conforme devem suppôr, de que quando partiram de abalada. Os mais delles nêm á mão de Deus Padre queriam ir por diante, uns três, contudo, ou por mais destemidos ou, talvez, por irem mais borrachos, meteram os cavallos pelo barranco abaixo, até que se acharam num descampado a meio do qual se erguiam dois penedos muitos grandes, que ainda actualmente alí se podem ver, e alí foram implantados, em eras remotas, por uns certos povos, dos quaes hoje não ha memoria. O luar, claro como se fora dia, varria a campina, e ao centro desta jazia por terra a desditosa joven, no proprio sitio em que tinha caído, morta de medo e de cançasso. E contudo, não foi a vista do seu cadaver ou a do cadaver de Hugo Baskerville, estatelado ao pé della, que fez pôr os cabellos em pé no craneo daquelles nossos três moicanos sem fé nem lei, mas sim o facto de se lhes deparar, encabritado em cima de Hugo, e filado ás guelas deste, uma coisa estupenda, uma féra, negra, de tamanho desmarcado, com a fórma de um cão, muito maior, contudo, do que todo e qualquer cão em que jamais poderá ter posto a vista em cima seja quem for neste mundo.

E elles, estarecidos, a contemplarem o monstro, acirrado a dilacerar a guéla de Hugo Baskerville, até que, voltando para elles os olhos a luzir como brasas e as fauces arreganhadas, os fez dar de esporas aos cavallos e meter á redea-solta pelo brejo, soltando gritos de pavor. E' voz constante, um delles haver espirado de terror, effeito da tremenda visão, aquella mesma noite; e os outros dois nunca mais puderam levantar cabeça nos restantes dias da vida.

Eis aqui a historia, queridos filhos, da vida do cão, o qual, desde esse dia, se tornou uma praga terrivel em a nossa família. E eu, se registei o caso, foi por considerar que o perigo ácerca do qual possuímos uma noção clara nos incute sempre menos pavor do que qualquer ameaça envolta nas sombras do mistério.

Nem sofre denegação o facto de mais de um membro da familia haver morrido de morte desastrosa, repentina, cruenta e misteriosa. E sem embargo, acolhamo-nos á infinita bondade da Providencia, a qual, por certo, não quererá tornar eterno o castigo, protraindo-o até á terceira geração, conforme rezam os Sagradas Escrituras. E eu, filhos meus, encom-

mendando-vos tambem á Providencia, aconselho-vos que andeis acautelados cohibindo-vos de transitar pela charneca a horas mortas nessas horas em que andam á solta os Poderes malignos.

«Estas régras foram escritas pelo proprio punho de Hugo Baskerville e dedicadas a seus filhos Rogerio e João, recomendando a um e outro que não revelem uma palavra sequer do teór dellas a sua irman Izabel».

O doutor Mortimer, quando concluiu a leitura de tão singular narrativa, empurrou os oculos para a testa o olhou de fito para o senhor Sherlock Holmes. Este, a bocejar, e a arremessar para o lume a ponta do cigarro.

— E dahi? emittiu.

— Não acha que é interessante?

— Para qualquer collecter de contos de fadas.

— O doutor Mortimer sacou do bolso um jornal, dobrado.

E agora, senhor Holmes, apresentar-lhe-ei coisa um tanto mais recente. Tenho aqui a *Chronica do Condado de Devon*, com a data de 14 de junho do corrente anno. E' uma breve resenha dos factos succedidos por occasião do fallecimento de sir Charles Baskerville, occorrido uns dias antes desta data.

O meu amigo debruçou-se para a frente um tudo nada, com a atenção estampada no semblante. O nosso visitante compôs os oculos e encetou:—

«A morte subita e recente de sir Charles Baskerville, cujo nome tem sido mencionado na qualidade de presumido candidato liberal pelo districto de *Mid Devon*, nas proximas eleições, lançou uma nuvem escura por sobre o condado.

Comquanto sir Charles haja apenas residido na Mansão de Baskerville durante um periodo relativamente curto, a amabilidade do seu character e a extrema generosidade tinham-lhe grangeado a afeição e o respeito de quantos o haviam tratado de perto. Nestes dias de ricosos feitos á pressa é uma consolação toparmos com um caso em que a vergonteia de uma antiga familia do Condado, sobre a qual tem pesado sorte adversa conseguiu enriquecer por esforço proprio e transferir-se com essa

mesma riqueza para a sua séde, com o fito em restabelecer o decaído esplendor da sua linhagem. Sir Charles, e quem haverá que o ignore, ganhou avultadas quantias em especulações na Africa Meridional. Mais prudente do que aquelles que porfiam até que a roda lhes venha a desandar, liquidou os seus ganhos e regressou com elles a Inglaterra.

Ha apenas dois annos que fixou a sua residencia na Mansão de Baskerville, e anda na boca de toda a gente a vastidão dos seus projectos de reconstrucção e bemfeitorias, interrompidas, aliás, pelo seu fallecimento. Não tendo filhos, era seu desejo, publico e manifesto, que toda a comarca, durante ainda a sua vida, viesse a aproveitar da sua avultada riqueza, e mais de uma pessoa terá motivos pessoaes para sentir o seu inopinado fim.

Os seus magnanimos donativos aos institutos de caridade, já locais já por todo o condado, tem sido, por mais de uma vez, registados nestas colúνας.

As circumstancias incidindo com a morte de sir Charles não se pode afirmar que hajam sido cabalmente tiradas a limpo pelo inquerito e contudo, tem-se feito o sufficiente para pôr cobro a esses boatos aos quaes tem dado incremento a superstição local. Não existe o minimo motivo para suspeitar que tenha havido protervia, ou para suppôr que a morte haja resultado de quaesquer circumstancias alheias a causas naturaes. Sir Charles era viuvo, e um homem cuja mentalidade, a certos respeitoes, se pode afirmar o ter sido um tanto ou quanto excêntrica. A despeito da sua consideravel riqueza eram singelissimos quer os seus habitos quer as suas predilecções, e o seu pessoal domestico, de portas a dentro, na Mansão de Baskerville, consistia em um casal do appellido de Barrymore, desempenhando o marido as funcções de mordomo e a mulher as de governante.

O depoimento, quer de um quer de outro, confirmado pelo de varios amigos, tende a provar que a saude de sir Charles andava, tempos havia, um tanto abalada, e insiste muito em especial numa certa affecção cardiaca, maniféstada por mudanças de côr, faltas de respiração, e accéssos agudos de depressão nervosa. O doutor James Mortimer, amigo e médico assistente do defunto, depôs no mesmo sentido.

São simples as circumstancias do caso. Sir Charles tinha por costume, todas as noites,

antes de se recolher, dar um passeio pela famosa alêa dos teixos da Mansão de Baskerville. O depoimento do casal Barrymore mostra ser esse o seu costume. No dia 4 de junho sir Charles havia declarado a sua intenção de partir para Londres no dia seguinte, e déra as suas ordens a Barrymore no sentido de lhe ter pronta a bagagem. Nessa mesma noite, saiu a dar o seu passeio nocturno habitual, durante o qual tinha o sestro de fumar um charuto. Nunca mais voltou. A' meia noite Barrymore encontrou ainda aberta a porta da sala-vaga, assustou-se e, acendendo uma lanterna, foi em procura do amo. O dia estivera humido, e as pégadas de sir Charles éram faceis de verificar no saibro da alêa. A meio caminho da dita verêda existe uma porta dando saída para a charnéca. Havia indicios em como sir Charles se tinha demorado ali durante breve espaço de tempo. Meteu então pela alêa abaixo, e foi lá no extremo da mesma que logrou encontrar o cadaver. Um facto, porém, que está ainda por explicar é o de Barrymore haver depôsto que as pégadas do amo mudavam de character desde o momento em que este transpôs o portal da charnéca, e que dali por diante dir-se-ia ter caminhado em bicos de pés. Um tal Murphy, cigano, alquilador, andava na charnéca, dali a dois passos, a essa hora, mas, por propria confissão pelos modos achava-se um tanto entrado na bebida. Declara ter ouvido gritos, mas não pôde especificar de que lado vinham. Não se encontraram sinaes de violencia na pessoa de sir Charles, e conquanto o depoimento do médico se referisse a uma distorção facial pouco menos de inacreditavel,—e a tal ponto que o doutor Mortimer, a principio, negou-se a acreditar o achar-se, na realidade, em presença do corpo do seu amigo e cliente—foi aduzida a explicação de ser aquillo um simtôma dando-se amiudadas vezes em casos de dyspnêa e de morte proveniente de exhaustão cardiaca. Esta explicação resultou da autopsie, que manifestou uma affecção organica existindo desde longa data, e o *coroner* emitiu o seu veredicto em conformidade com o parecer do facultativo. E ainda bem que assim foi, pois é obvio ser da maxima importancia que o herdeiro de sir Charles estabeleça residencia no solar e continue a boa obra tão tristemente interrompida. Se acaso o prosaico parecer do *Coroner* não vem pôr ponto final nas historias romanticas que andavam de bôca em bôca com re-

lação ao caso, é possível que houvesse dificuldade em encontrar um inquilino para a Mansão de Baskerville, E' caso assente o ser herdeiro immediato o joven Henry Baskerville, se acaso ainda é vivo, filho do irmão segundo de sir Charles Baskerville. O dito moço, segundo as ultimas noticias, achava-se na América, e anda-se procedendo a pesquisas com o intuito de o informar do afortunado lance que lhe coube em sorte.

O doutor Mortimer dobrou a gazeta e tornou a metê-la no bolso.

—São estes os factos, senhor Holmes, que vieram a publico, relativamente á morte do sr. Charles Baskerville.

—Cumprime agradecer-lhe, preferiu Sherlock Holmes, o haver-me chamado a aten-

ção para um caso que certamente apresenta alguns visos de interesse.

Eu em tempos li de corrida uns certos comentarios jornalisticos, andava, porém, a tal ponto preocupado por aquelle cásozinho dos camafeus do Vaticano que, na minha anciedade em ser agradavel ao Pápa, perdi de vista a mais de um caso interessante occorrido em Inglaterra.

Diz o senhor que este artigo contem, na integra, os factos que vieram a publico?

— Completamente.

— Queira pois inteirar-me dos particulares. Recostou-se na cadeira, voltou a conjugar

as pontas dos dedos, e assumiu a mais impassivel e judicial das suas expressões.

— Annuindo ao seu pedido, emitiu o doutor Mortimer, que principiara a manifestar sinais de uma forte commoção, vou revelar aquillo que até hoje não confiei seja a quem

fôr. O motivo que me impe-liu a retrahir-me perante o inquerito do *coroner* é a repugnancia que sente todo e qualquer homem de sciencia em perfilhar uma credence popular.

A este motivo accresce a circumstancia de, conforme o affirma o jornal, o Solar dos Baskervilles, ter certamente de ficar deshabitado, dado o caso de que eu, de algum modo, concorresse para lhe augmentar a já tão sinistra fama. Por ambos motivos pen-

sei que se justificava o eu dizer um tanto menos do que sabia, desde que dahi não podia resultar praticamente bem de especie alguma, mas com o senhor não ha razão que me induza a deixar de usar da mais absoluta franquêza.

A povoação é escassissima na charnéca, e aquelles que nella convizinham mantem mui estreitas relações. Eis o motivo porque eu me dava muito com Sir Charles Baskerville. Com excepção do senhor Frankland, do solar de Lafter, e do senhor Stapleton, naturalista, não se topa com outras pessoas cultas, no ambito de muitas milhas. Sir Charles era um homem retrahido, o acaso da sua enfermidade



E FILADO ÁS GUÉLAS DESTES, UMA COISA ESTUPENDA, UMA FÉRA, NEGRA, DE TAMANHO DESMARCADO...

pôs-nos, porém, em contacto, e a communi-
dade de interesse em favor da sciencia man-
teve a intimidade. Tinha trazido abundantes
informações scientificas do Sul da Africa, e
passámos juntos mais de um serão delicioso
a discutir a anatomia comparada do *Bushman*
e do Hotentote.

Durante os ultimos mêses foi-se-me tornan-
do cada vez mais evidente achar-se o sistema
nervôso de Sir Charles exci:ado a ponto de
ameaçar desastre. Havia tomado a peito a
lenda cuja leitura o senhor Holmes acaba de
ouvir — e tanto, que, supposto não desconti-
nuasse os seus passeios dentro dos limites da
sua herdade não havia forças que o levassem
a pôr pé na charneca, de noite. Estava sincer-
amente convencido de que sobre a sua própria
familia pesava um fado tremendo, e valha a ver-
dade, as memorias de que elle tinha noticias
com respeito aos seus antepassados não eram
lá muito de animar. A ideia da presença de uma
qualquer entidade sobrenatural perseguia-o a
todo o instante, e em mais de uma occasião
me perguntou se acaso, durante as minhas
jornadas nocturnas, eu teria dado fé de alguma
creatura de aspecto extraordinario ou se ou-
vira ladrar um cão Esta ultima pergunta fez-
m'a elle amiudadas vezes, e sempre com uma
voz a vibrar de excitação.

Recordo-me muito bem de uma tarde, em
que, indo eu visitá-lo, o vim encontrar ao
portão. Eu tinha apeado e, eis que o vejo de
olhos fitos no espaço por cima do meu hom-
bro, e lendo-se-lhe nelles o mais intenso ter-
ror.

Voltei para trás, de relance, e apenas tive
tempo de entrever vagamente um vulto que
eu futurei ser um bezerro preto, de bom ta-
manho, deslizando lá ao fundo da vereda. Era
tal a excitação, e o susto, do fidalgo, que me
impelliu a ir de corrida ao sitio em que surdi-
ra a alimaria. Sumira-se, porém, e o inciden-
te, pelos visos, produziu na mente de sir
Charles funda impressão. Passei com elle o
resto da noite, e foi nessa occasião que, para
explicar o sobresalto que manifestara, confiou
á minha discreção a narrativa cuja leitura an-
tecedeu a da noticia exarada na gazeta. Men-
ciono por incidente este episodio pois assume
uma certa importancia em vista da tragedia
consequente, e todavia, eu na occasião em que
elle se deu, persuadi-me de que o caso era

apenas trivial e que a excitação de sir Char-
les era injustificada.

Foi por conselhó meu que elle tomou a re-
solução de ir viver para Londres.

Eu sabia que elle tinha o coração affectado,
e a constante excitação em que vivia, por ch-
merica que fosse a causa, estava concorrendo
a agravar o seu estado de saude. Futurei que
a permanencia de uns poucos mêses na capital
e as distracções o fariam regressar á mansão,
refeito de todo.

O senhor Stapleton, nosso amigo ao qual
dava bastante cuidado a saude delle, perfilhava
a minha opinião. Nas vespervas da partida, eis
que surge a tremenda catastrophe.

Na propria noite em que falleceu sir Char-
les, Barrymore, o mordomo, que foi quem deu
pelo sinistro. mandou montar a cavallo o Per-
kins, moço de estrebaria, e expediu-o a avisar-
me e, como eu estivesse ainda a pé, uma hora
depois do desastre dei entrada em Baskerville.
Confirmei, restabelecendo-as em parte, as cir-
cunstancias todas mencionadas no inquerito.
Fui seguindo as pégadas em toda a extensão da
alêa dos teixos, observei o sitio junto ao portal
da charneca onde parecia haver-se detido, notei
a mudança de character das pégadas, a partir
daquelle ponto, confirmei-me em que não ha-
via outras pégadas no sitio além das de Bar-
rymore, e em conclusão, examinei detida-
mente o cadaver, no qual ninguem tinha tocado
até á minha comparencia. Sir Charles jazia de
bôrco, com os braços estatelados, os dedos
cravados no chão, contrahidas as feições do
rosto por qualquer commoção forte, e isto a
tal ponto, que eu proprio me não atreveria a
jurar sobre a sua identidade. Era evidente não
haver injuria fisica, qualquer que fosse.

E todavia, no inquerito estava exarada uma
declaração falsa por parte de Barrymore. Afir-
mava este não existirem vestigios de especie
alguma no saibro humido em redor do cada-
ver. Não dera fé de coisa nenhuma. Mas dei
eu... dalí dois passos... visiveis e recentes.

— Pégadas ?

— Pégadas.

— De homem ou de mulher ?

O doutor Mortimer olhou para nós de modo
estranho, e a voz sumiu-se-lhe quasi a ponto
de murmurar :

— Eram as pégadas de um cão gigantesco,
senhor Holmes !



Occulta no mysterio, como a vida na semente, existe uma simples verdade.

I

N'AQUELLA tarde, o teu amor, achou por bem fazer-me uma dadiva mimosa.

Até então, só indiferenças e magoas me offerecera!

— Infelizmente, n'um rapido olhar, eu poude comprehender, que não souberas o que me havias dado. . —

. . . Emfim, offereceras-me um botão de rosa, coisa bem simples e vulgar. . . ha tantos!

Apezar d'isso, a tua offerta foi um prodigio de delicadeza e de ternura para mim.

Que me importa que lhe houvesses dado o logar secundario d'um adorno na linha pura do teu peito?

Que me importa que m'o desses sem saber que me fazias a mais formosa das dadivas? . . .

Não foi n'um jarro d'oiro lavrado, — como na *lenda*, — que o colloquei, mas n'uma jarra simples, toda modesta, toda esguia e transparente.

Desde então, senti que vivia mais alguem na minha solidão, e, ebrio da maravilha perfumada e colorida a que se chama — flor — passava as horas, rapidas, a considerar essa existencia mysteriosa, que bebe um pingo d'agua e toda se abre n'um prodigio inimitavel de graça.

Já não me lembro onde escutei que as obras dos anjos poetas eram as flores da terra.

II

Até o decimo dia, conservou-se ativo e moço na fina jarra, estantia como o seu caule; mas de repente, como se fôra tocado d'um quebranto fulminador, o teu botão de rosa, o meu amigo,

o silencioso companheiro de tantas horas amargas, deixou cahir a fronte que outrora se erguia para o ceo.

A tua offerta, como vês, não foi somente um admiravel e palido botão de rosa, foi um ser vivo condemnado, foi uma angustia muda, uma agonia linda que, sem saber, trazias sobre o peito. Tocado pela morte, assignalado pelo toque divino da expressão que tem a vida a extinguir-se, dizia-me, na voz da mudez palida, a sua multipla agonia: a tortura do vergar das fibras do seu caule, a sêde infinita das agoas miraculosas da chuva, a nostalgia da terra maternal e as saudades da caricia da aragem. . . Tudo isso eu li no livro das suas petalas, sentindo intensamente todo esse mundo de magoa silenciosa. Avaro da sua belleza, sedento do seu mysterio, tocado da sua tristeza e grato pela sua presença, habituei-me a vê-lo como se fôra um grande amigo, em cujo seio continuassem as minhas proprias magoas.

Ao vel-o moribundo quiz soccorrel-o, tocar-lhe, transmitir-lhe a vida, mas, senti as mãos impuras; a suprema delicadeza pôe uma barreira de castidade entre os seres. . . hesitei adivinhando um crime occulto na realidade do contacto. Então, piedosamente, entornei sobre as mãos um frasco de perfume e sequei-as ao fogo de myrra. E, como tocaria nas tuas palpebras para as cerrar para sempre — com o tremulo cuidado da dôr sem lagrymas — assim toquei nas petalas setineas que pareciam irmãs da tua face e procurei, sondando-as, achar o vibrião maligno que as tocára. . .

Foi um momento de demencia aquelle! . . .

. . . Mas, sob os meus olhos começou então a revelar-se a delicada maravilha de estru-

ctura que tu ignoras, a abrir-se o receptaculo d'um coração, cujo amor incruento e mysterioso tu nunca sonhaste!

Sob os meus dedos tremulos, patenteava-se uma criação admiravel, cujo silencio parecia desdenhar do genio humano. Aquelle ser vivente não era mais que uma harmonia que de subito se corporizára trocando o som pela forma. As valvulas de tunicas finissimas, cobertas de ligeira pennugem, pareciam os labios, ainda tremulos, por onde se escapára a ultima nota musical. O meu olhar passava maravilhado dos lobulos das anteras aos tenues filamentos que os sustentam, como columnas microscopicas a erguer o Sonho d'um Gigante: — a Vida! — Ébrio de perfeição, emfim, pousava na origem das petalas e notava a sua mysteriosa relação com os estames! A harmonia estava escripta! Como na eterna agitação do radium, existia ali a eterna agitação do germen. A tua flor, soffria porque vivia... e vivia porque amava.

Comprehendes agora porque me deste alguma cousa de inextimavel sem saber.

Tu bem a olhaste decerto porque a formosura fascina, mas o que havia de immenso n'aquelle exiguo espaço, coutinuou irrevellado, para esse olhar que tudo revela.

III

Finalisara a busca inutil. Em logar d'um vibrão mortal apenas achei um prodigio de belleza, mas a morte lá estava occulta, incançavel na destruição. Dir-se-hia que entrára disfarçada nas primeiras penumbras da tarde e que tomava alento, na sombra crescente, para concluir o mysterio na treva.

A extensão do silencio e do desgosto, pozera entre mim e a vida uma atmosphaera de torpôr e abatimento. À noite pezava-me nas palpebras como um remorso a querer esmagar a lembrança. A sensação extinguiu se vertiginosamente. Quiz reagir; forcei a imaginação a chamar-te para junto de mim, a ver se a tua presença me libertava do extranho annel que me abraçava o cerebro. Foi tudo inutil! . . . Um instante de lucta... e mais nada... Adormecera e sonhava:

Na minha frente, illuminado e transfigurado, o admiravel botão de rosa agitava as petalas; n'um movimento rythmico, emitindo um murmurio em ondas de perfume... A flor falava!

Submisso ao seu encanto não tive um gesto de surpresa, um ai de espanto, apenas incli-

nei a frente para escutar melhor. As suas palavras, n'uma voz cujo timbre não sei evocar, desde logo me chegaram ao ouvido, nitidas, precisas.

Diziam assim:

IV

«Não sei onde nasci, nem quando nasci! Na carreira do tempo, a minha lembrança pára a poucos passos. Sei porém que venho de longe e que vou para muito longe, embora não saiba d'onde vim nem para onde vou.

A tua companhia enterneceu-me. Ouvi bater o teu coração e vi a tua alma prescrutar-me e comprehender-me. Foste a primeira creatura que soffreu com o meu soffrer. Farei por não esquecer-te nunca.

Em paga da minha afeição apraz-me contar-te a minha breve historia:

— Vivi uma estação n'um conteiro singello em frente d'uma pequena casa terrea, onde havia uma moça, cheia de belleza e de saude, que me dava de beber.

De dia, cantavam os passaros nos verdes vi-meiros do vallado e isso destrahia-me. A' noite dormia emballado por uma aragem muito meiga e ao som das cantigas d'um regato proximo, que em sonhos me fazia sêde.

Algumas vezes era despertado pela minha amiga e por alguém com quem ella conversava. As palavras que diziam eram brandas como a viração que me emballava.

Outras vezes, acordava julgando ter ouvido os passaros cantar; eram beijos.

Se acontecia passarem junto de mim, unidos n'um abraço como sempre, ella dizia, mostrando-me ao companheiro:

— Se as flores fallassem! . . .

Certa noite, lembro-me que acordei sebresaltado e em grande espanto reconheci a moça que me dava de beber, com os cabellos desmanchados e um olhar de fugitiva.

Do escuro avançava um vulto que dizia com voz arrastada:

— Mentiste! Mentiste! Mentiste!

— Nunca! Juro-te!

— Vi! disse elle; e de repente, ergueu a mão, onde brilhou como que uma luz, que foi apagar-se no peito d'ella. . .

No dia següinte, havia muita gente á porta da pequena casa terrea.

Quando se afastavam, notei que o ultimo grupo sahiu da porta trazendo um longo caixão ainda aberto, que pousou no terreiro. . .

Dentro estava a moça que me dava de beber.

Nunca mais a vi; ninguém mais me deu agoa; somente os passaros continuaram a cantar nos vimieiros do vallado, de companhia com o regato que me fazia sêde.

Depois vieram brizas mais fortes que me desfolharam; e por fim o vento levou-me.

De todo prezo pela extranha confidencia julguei por momentos, ter escutado uma historia de que eu fora o principal heroe: o homem cioso e brutal que põe o seu amor acima de Deus, para logo o afogar em sangue ao primeiro rebate de mentira! Mas não; não fôra eu porque só a ti amei no mundo e tu nada podias ter de commum com as mentiras d'elle; serias infantil mas não mentirosa. Tudo isto pensava eu no exquisito sonho que continuou assim:

«O vento levou-me...

Fui cahir muito longe nos arrebaldes d'uma grande cidade em um jardim gradeado á beira do caminho.

Visitava-me todos os dias um jardineiro que me tratava com cuidado e que me mostrava a todos com orgulho, como se eu fosse uma obra do seu engenho e não um producto natural, bello em qualquer parte do mundo onde houvesse terra propria e boa agoa.

Uma manhã, aos primeiros alvares do sol, distingui um pequeno vulto andrajoso deitado no caminho, e quasi sob o muro onde eu, então já crescido, me debruçava.

Das roupas batidas pelo sol começou a sahir

um fumo leve. O vulto, d'ali a pouco, principiou a mover-se e despertou.

Era uma mocinha impubere, com as faces roxas de frio, os cabellos mal tratados e uns grandes olhos tristes inconscientes.

Apanhou do chão o resto d'uma maçã que os animaes ja tinham roido e comeu com satisfação. Olhou depois em roda e demorou os grandes olhos sobre mim. Em seguida aproximou-se, estendeu o braço e n'um pequeno salto colheu-me. Ao fundo do jardim echoou uma exclamação de raiva. O jardineiro surprehendera-a e corria armado d'um longo ansinho.

A creancinha mal comprehendeu o perigo deitou a fugir n'uma carreira doida apertando-me sempre na mãosita gelada.

Como conseguí escapar não sei.

O sol já ia alto quando entrámos na grande cidade que ficava perto.

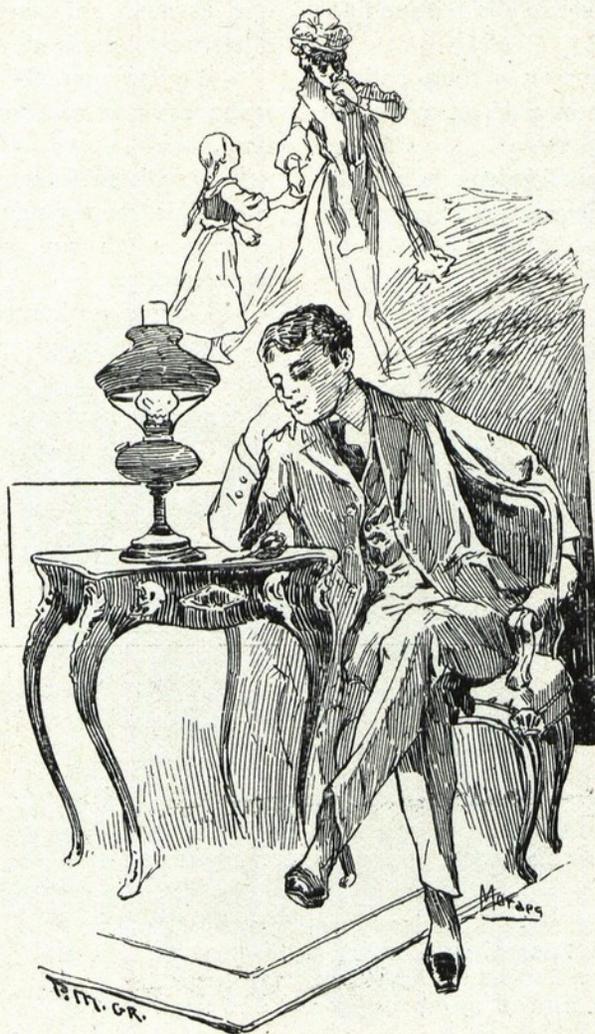
Vagueamos longo tempo ao acaso e a minha dona em vão procurou restos de maçãs pelas ruas. Tinha fome e ninguém lhe deu pão, nem mesmo a olhavam... e passava muita gente.

Subitamente ao principio d'uma comprida e larga rua toda cheia d'arvores, ouvi uma voz que me encantou e que dizia:

— Que lindo botão de rosa! E quasi a seguir uma mão muito branca, muito branca, deixou cair uma moeda na mãosita roxa da minha companheira.

—Dá-m'o, continuou a voz, e toma para bolos.

A pequena olhou-me longamente como se tivesse pena de me deixar e olhou em seguida a moeda.



VI ENTÃO AFASTAR-SE VAGAROSA

— Olha, disse a voz melodiosa, além, podes comprar pão, vae...

Vi-a então afastar-se vagarosa e perder se entre a multidão. Nunca mais a tornei a ver.

A minha nova dona prendeu-me sobre o peito e eu vi-lhe então o rosto que era o mais lindo de quantos tenho visto. Os seus olhos como dois lagos em noites sem lua, pareciam adivinhar o que ninguém adivinha e ver o que ninguém mais vê. A sua boca tinha uma voz tão fresca que nenhuma aragem a podia egualar...»

— Basta! conheço-a! exclamei eu interrompendo-o. Não pode ser senão ella porque não ha segunda sobre a terra.

Não te enganas, continuou o botão palido, foi essa que bem conheces e de quem me recebeste!»

Ao dizer isto, vi-o empalidecer ainda mais como se o alanceasse uma infinita magoa ou uma immensa saudade! — de ti por certo. —

— Soffres? perguntei-lhe.

— Soffro.

— Tens medo da morte?

— Não!

— Tens saudade d'alguem?

— Tenho!

— D'aquella de quem te recebi?

— Não, estava agora a lembrar-me que fim levaria a mocinha a quem matei a fome. Foi a creatura mais parecida commigo que encontrei. Tambem anda como eu ao sabor do vento, comprehendendo melhor a sua magoa e tenho pena.

—... Mas... nada mais te recorda d'aquella que te prendeu ao peito, cujos olhos pareciam dois lagos em noites sem lua?... perguntei ancioso por ouvir falar de ti!...

«Pouco, continuou elle, apenas me recordo que as suas amigas me fizeram elogios com olhares cubiçosos, ao que ella respondia:

— É pena que não seja artificial, porque é realmente bonito. Assim, é uma belleza d'um só dia...

— E nada mais ouviste?

— Mais duas palavras apenas: alguem lhe perguntou em que jardim se creavam tão admiraveis flores.

— Chegou-me hontem de Nice, disse ella... E nada mais ouvi da sua voz melodiosa.

.....
N'este momento, acordei angustiado.

JOÃO GOUVEIA.

CARNE

Para Alvaro Ribeiro

Ó carnes alvas, velludas, quentes,
De onde sobem perfumes delicados...
De onde correm venenos de serpentes,
E onde bramem procellas de peccados...

Vós sois, ó bellas carnes lactescentes!
Os bátrahos horríficos, gelados,
Onde tombam inermes, impotentes,
As almas sempre em flôr dos namorados...

Pairando sobre vós, andam, sedentas,
As aguias colossaes e truculentas
Da Volupia, do Amor e dos Desejos...

Andam pairando, a disputar em côro,
O excelso, o mirífico thesouro,
Dos Abraços, dos Extases, dos Beijos.



A Bibliotheca Publica do Porto

IV

CONCLUSÃO

Provido o lugar de bibliothecario, vago pelo fallecimento do erudito dr. Eduardo Augusto Allen, no sr. Antonio Augusto da Rocha Peixoto, a nova administração da livraria publica municipal portuense immediatamente se assignalou por um indefesso trabalho e dedicado zelo. Assim, o sr. Rocha Peixoto, que é um naturalista e um archeologo, vantajosamente conhecido no paiz por seus estudos publicados, empenhou-se desde logo em actualisar a bibliotheca a seu cargo, procedendo, sem perda de tempo, á aquisição de tudo quanto a dotação de que dispunha o habilitava a poder alcançar, augmentando o cabedal das obras já possuidas. Melhorou, pois consideravelmente o estado da livraria



ALEXANDRE HERCULANO

Um dos primeiros bibliothecarios

publica portuense, completando secções atrazadas e preenchendo vastas lacunas. Obteve, em remessas successivas, o escol dos modernos livros de historia, litteratura, sciencias philosophicas, economicas, moraes e sociaes, de modo que hoje em dia todos os nomes não só os illustres como até os medianamente co-

nhecidos, nos varios ramos da actividade do espirito, se encontram idoneamente representados nas estantes da bibliotheca municipal. Brevemente me consta que se começará a im-

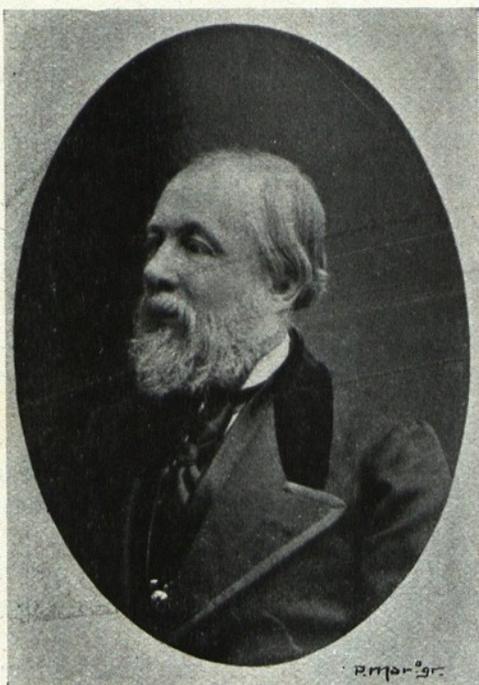
primir o catalogo suplementar, incluindo estas modernissimas aquisições, o qual conterà copiosissima somma de numeros, significando uma massa de alguns milhares de volumes. De seu exame derivará o conceito da justeza d'esta affirmativa, que não pecca por exaggerada.

No louvavel intuito que acabo de fixar, a nova administração suscitou a ampliação da verba de aquisições e promoveu a posse pela livraria portuense de obras raras, de manuscritos e de cartas geographicas.

Não só conseguiu reparar sua séde, substituindo completamente os telhados do predio, como ampliou o edificio, dotando-o com um novo salão, obra muito importante e de longa data, em lastimoso insuccesso, pretendida. Apresentava, com effeito, o edificio parcellamente um aspecto de ruina, e em tempo o caricaturista portuense fallecido,

Sebastião Sanhudo, no baixo de uma das paginas da folha satyrica, *O Sorvete*, escrevia a legenda: *O tecto da Bibliotheca do Porto*, e no alto desenhava escarninhamente o céu estrelado. O novo salão dará margem á accommodação de milhares de volumes. Não só ha necessidade de espaço para as recentes e innumeradas aquisições como de espaço se tem carecido para pôr em estantes cerca de vinte mil volumes que, do fundo primitivo, e já verbetados, não fôra possível levantar ás passadas administrações, por escassez de logar.

A administração nova procedeu a numerosas reparações nas paredes, soalhos, corrodo-



DR. EDUARDO ALLEN
Antigo bibliothecario

res, gabinetes, etc., e augmentou consideravelmente todo o mobiliario. Estabeleceu o vestiario, desaparecendo, assim, a tabella que, prohibindo rigorosamente a entrada na sala de leitura de livros extranhos ao estabelecimento, determinava que de seus logares os donos os vigiassem sobre a mesa onde á entrada eram obrigados a pousal-os, prescripção que motivara criticas pouco consentaneas com o decoro e sisudez da casa.

A nova administração estabeleceu ainda o serviço de desinfecção, as campainhas electricas, etc., e cuida actualmente do importante problema do aquecimento. O edificio é, na ver-

dade, extremamente frio de inverno e curto tempo, na estação rigorosa, é licito permanecer, lendo, escrevendo, tomando apontamentos ou estudando na bibliotheca do Porto, porque o curioso ou o estudioso provisoriamente gela. O que soffrem então os empregados, obrigados a estacionar na casa todo o tempo util da lei da organização do estabelecimento! Esta questão do aquecimento é de solução difficil, por sua mesma complexidade, visto ter de attender-se ao perigo dos incendios e haver de considerar-se a despeza, que se tem reputado excessiva, desde que se pensa no excellentissimo systema adoptado, por exemplo, na bibliotheca de Paris. Na sala redonda da casa da rua Richelieu tive, todo um inverno, ensejo de, de per mim, apreciar as inultrapassaveis vantagens d'esse systema, que é o adequado e proprio para pessoas occupadas n'um trabalho mental; aproveito o ensejo para fazer votos por que a breve trecho minha cidade natal do Douro imite, n'esse ponto, minha adoptiva então cidade do Sena.

Deixo, para que não me acoimem de nimiamente prolixo, numerosas pequenas reformas de pormenor que, de todo em todo, não importa assignalar, se bem que representem attenção e redundem em proveito; mas o que não deixarei de notar é que a nova administração activou e regularizou o serviço de requisições, fazendo cumprir a lei das remessas, e promoveu a integralidade de numerosas publicações incompletas, uniformizando o regimen e indole das publicações periodicas.

Iniciou a secção de *ex-libris*, dos quaes ha muitos, variados e interessantes exemplares. Como se sabe, este é o thema ao presente versado pelos bibliophilos e eruditos; e, com respeito aos *ex-libris* portuguezes, uma revista especial se tem publicado em Italia, dirigida e redigida pelo sr. Joaquim de Araujo, consul de Portugal em Genova.

Não só a dentro do paiz como lá para fóra para o estrangeiro a nova administração da Bibliotheca Publica do Porto tem facilitado, sem excepção, a informação bibliographica, o que é um dos serviços prestantes d'estas vastas livrarias, na correspondencia dos estudiosos e na reciprocidade dos grandes centros civilizados. Á Bibliotheca do Porto hão recorrido e n'ella tem concorrido, para informações derivadas de impressos e manuscriptos, alli existentes, estrangeiros, oppostos ou a elucidar assumptos scientificos e litterarios ou a

derimir pleitos politicos, nas dissidencias de direitos e nos conflictos de interesses internacionaes, como ainda ultimamente occorreu



ROCHA PEIXOTO

Actual bibliothecario

Redactor em chefe da «Portugalia»

binete Cartographico. N'um e n'outro se deparam preciosidades, aos olhos do visitante attento e culto.

As bibliothecas municipaes tem a nova administração da Bibliotheca Publica do Porto, como já por vezes o fizera a antiga, cedido duplicados, restantes ainda das vendas em leilão, com cujo producto a livraria municipal portuense começou, da data d'esses leilões em deante, a adquirir obras novas, da moderna livraria franceza com especialidade.

Cumpre, no lance respectivo e de passagem, deixar notado que os gabinetes de numismatica e glyptica, e bem assim as secções de epigraphia lapidar e de armorial, a nova administração os não estabeleceu completamente, por terem sido reorganizados ou creados no Museu Municipal, actualmente annexo á Bibliotheca. Este museu conservara-se longos annos na casa do seu fundador e da familia Allen, á rua da Restauração; mas foi removido de lá para o edificio de S. Lazaro.

A nova administração reformou o quadro do pessoal, determinando-se-lhe rigorosamente as suas attribuições; coordenou os serviços de estatistica e de administração; e remodelou a antiga classificação bibliographica.

Assim e por tudo, tem honrado a confiança

com Consultantes inglezes cuja estada no Porto, n'esse proposito, noticiaram na occasião os jornaes portuenses.

A nova administração iniciou igualmente o Inventario e Catalogo Geral, parallelamente aos catalogos parcellares e de especialidades. A par dos catalogos supplementares impressos, existem, da primitiva, na livraria publica portuense os catalogos manuscriptos, por nomes de auctores, em varios volumes. O de Historia consta de tres tomos; o de Litteratura, de dois; o de Jurisprudencia, de um; o de Theologia, de dois; o de Sciencias Exactas, de um; o de Sciencias Naturaes, de dois. Ha tambem um volume para Polygraphia; e accresce ainda um Supplemento geral, a estes catalogos, outrosim como elles manuscripto. E' n'esta collecção d'esses diversos catalogos manuscriptos que se encontram registradas todas as obras que provieram dos extinctos conventos e compuzeram o fundo inicial da Bibliotheca Publica do Porto.

A nova administração organisou definitivamente o Gabinete de Estampas e creou o Ga-



OLIVEIRA ALVARENGA

Conservador

Redactor principal do «Primeiro de Janeiro»

que n'ella depositou a vereação do Porto, recolhendo-a; e ao estabelecimento que lhe foi confiado ha prestado multiplos e assignalados serviços. Terminando, é-me grato em publico reconhecê-lo.

E, terminando, completarei este imperfeitissimo esboço, pela addição de algumas notas que me escaparam no primeiro e insufficiente rascunho.

Escapou-me, por exemplo, fallar da *Arte de Arithmetica*, escripta no Porto por Bento Fernandes e no Porto impressa em 1555, por



JOÃO GRAVE
Conservador

Redactor do «Diario da Tarde»

Francisco Correia. O douto portuense Antonio Ribeiro dos Santos, indicando uma edição, no Porto, por Vasco Dias Frexenal, que parece não ter visto, a refere ao anno de 1541, como d'elle Innocencio, em 1858, a trasladou. Mas Barbosa dá-a em 1555, sem que, todavia, nem um nem outro d'esses dois eruditissimos bibliographos entrassem em mais particularidades que nos habilitassem para decidir coisa alguma com respeito a essa obra, de que, pela sua parte, Innocencio não vira ainda exemplar algum nem sabia onde existisse. Até 1867, da edição do *Tratado de Arithmetica* apontada

por Antonio Ribeiro dos Santos com a data de 1541, não tinha apparecido, que lhe constasse, exemplar algum. Mas da segunda edição feita em 1555, um existia na Bibliotheca d'Evora, cuja descripção a Innocencio enviara Telles de Mattos e aquelle transcreve. Cria Innocencio, e o exara, que o fallecido rei D. Luiz possuia tambem um exemplar d'esta edição; ignorava, como se vê, todavia, que outro existe igualmente na Bibliotheca Publica do Porto. A este o examinou e do teor da obra publicou uma analyse modernamente o dr. Ricardo Jorge; o exemplar da livraria publica portuense encontra-se, porém, bastante deteriorado.

De mathematico d'outro tomo, que não o modesto Bento Fernandes, do grande Pedro Nunes tambem me escapou nomear o *Tratado da Esphera*, impresso em Lisboa em 1537, e que existe na Bibliotheca do Porto, onde o insigne sabio está grandemente representado. Com effeito, de Pedro Nunes, na Bibliotheca do Porto ha o *Libro de Algebra en Arithmetica y Geometria*, de Anvers (*Herederos de Arnoldo Birckman*), 1567; ha esse *Tratado da Esphera*, que, como se sabe, é seguido dos dois tratados que o mesmo doutor fez sobre a carta de marear, «em os quaes se declarão todas as principaes duvidas da navegação cõ as tavoas do movimento do sol e sua declinação, e o Regiméto de altura assi ao meyo dia como nos outros tempos»; ha as obras em latim: *De arte atque ratione navigandi libri duo*; *In theoricis Planetarum Georgu Purbachi annotationes, et in Problema mechanicum Aristotelis de motu navigu ex remis annotatio una*; *De erratis Orontii Finæi liber unus. De crepusculis liber unus. Cum libello Alhacen de causis crepusculorum*. A pag. 328 (fasciculo terceiro) do *Supplemento* geral impresso, referente ás acquisições posteriores á sua fundação, vem descripto o *Tratado da Esphera com a theorica do Sol e da Lua* e uma nota nos adverte que está mais completo este exemplar do que o antigo da Bibliotheca. Na pag. 225 (fasciculo segundo) do *Indice* preparatorio do catalogo dos manuscriptos vemos, em additamento 1.º a esse fasciculo 2.º, attinente aos manuscriptos que advieram á Bibliotheca desde 1859 para cá, que em 1868 lhe foram offerecidos pelo fallecido portuense José Gomes Monteiro dois volumes, em 4.º encadernados (ou brochados antes) em pergaminho, um d'elles tendo por titulo *Tratado do Uso da*

Sphera. O offerente havia lançado, sobre algumas folhas soltas que se guardam dentro d'esses codices, uma serie de observações historico-litterarias ácerca de quem seu auctor seria, das quaes se depreheende que aquelle erudito, sobre a paternidade do codice, hesitava entre Pedro Nunes, André do Avellar e outros. O outro manuscripto á Bibliotheca do Porto offertado por Gomes Monteiro intitula-se *Do astrolabio*, e o prestante fallecido dr. Eduardo Allen frisa que, entre as diversas obras que Innocencio diz que Pedro Nunes havia composto mas de que se não encontra vestigio, menciona tambem um «Tractado sobre o Astrolabio». O *Tractado do Uso da Sphera* tem, pela parte interior da pasta, em frente da guarda, um lettreiro que diz assim: «Este cartapacio e outro d'esta encadernação (é o mencionado *Do Astrolabio*), mas parece que é a letra alguma cousa diversa, e trata da Esphera e astrolabio, me vendeo em Coimbra, seria pelos annos de 1629, um livreiro que chamam Carneiro, que depois foi para Lisboa, e nunca me quiz dizer d'onde os ouvera, senão que os comprara entre outros livros em hua livraria que comprara. Oje 12 de janeiro de 1634. F. Estevão de Napoles». Segue um segundo lettreiro, que diz: «Hoje, 1842, pertence ao Barão de Prime, que o comprou a Dio-

nisio José de Loureiro, por este ter comprado a livraria da casa da Prebenda. Vizeu, 1843». Indicações analogas se deparam no codice *Do Astrolabio*.

Com respeito á *Hypnerotomachia Poliphili*, Veneza, 1499, contos então seriam larguissimos. D'esta se fez modernamente vulgarisação em Paris, editando-a o livreiro Liseux, em 1883, em 2 vol. in-8.º, litteralmente traduzida pela primeira vez, com uma introducção e notas, por Claudius Popelin, ornada de figuras em madeira gravadas a novo por A. Prunaire, e com o titulo *Le Songe de Phiphile, ou Hypnerotomachie de Frère Francesco Colonna*. Ora, quer o leitor saber como abre sua noticia a proposito o sabedorissimo Alcide Bonneau? Pois começa assim: «A *Hypnerotomachie Poliphili, Sonho de Poliphilo*, é um livro celebre entre todos, mui procurado dos amadores pelo menos em sua primeira edição, dada por Aldo Manucio em 1499, e que é mais rara do que um corvo branco, *albo corvo rarior*, diz Charles Nodier.» Mas, se o leitor, aguçado o appetite, quizer ver o resto, transfira seus olhos para as laudas 190 a 211 do volume *Curiosa*, ensaios criticos de litteratura antiga ignorada ou mal conhecida, estampado em Paris pelo mesmo editor Isidore Liseux, em 1887.

Eu é que passo já aos manuscriptos da Bi-



ARTHUR CARVALHO
Amanuense

Auctor do catalogo dos incunabulos



JOÃO DE SOUZA
Amanuense

bibliotheca do Porto, pedindo venia ao mesmo indulgente leitor para perante elle me penitenciar da falta em que incorri não mencio-



PRIMITIVO EMBLEMA

passaram para a livraria municipal. Sua enumeração não consta ainda do *Indice* preparatorio, pois o ultimo fasciculo d'esse catalogo, que a si mesmo modestamente se deu como provisório, exhibe a data de 1896 e é já mais referente a assumptos industriaes e bibliographia; o fasciculo da primeira secção (geographicos) dos mss. Chartaceos tem dez annos de antecedencia, é de 1886. Em 1891 na capella da Lapa as execquias se celebraram por motivo de serem trasladados para alli os restos mortaes de Antonio Francisco Ferreira da Silva Porto, prégando o portuense padre Francisco José Patricio o sermão que, com o titulo de *A bandeira do sertanejo*, foi publicado na occasião e se encontra hoje recolhido, com os demais, em suas obras oratorias, em Lisboa editadas pela Parceria Antonio Maria Pereira, tomo I, impresso em 1893.

As notas de Silva Porto constituem treze volumes, que comprehendem desde o anno de 1846 até o de 1889. Offerece-as o africanista «aos seus compatriotas, em testemunho de respeito» e intiula-as *Viagens e apontamentos de um portuense em Africa*, em lugar do primitivo titulo, prejudicado pela ampliação de-



CARIMBO PRIMITIVO

terminada pela demora em Africa e por se não

ando os diarios contendo as novas do heroico e benemerito sertanejo Silva Porto, por este dados á Sociedade de Geographia Commercial do Porto, d'onde, extincta esta,

ter impresso a obra primeira, cujo rotulo era *Cinco viagens ou costumes e usos gentilicos*. No verso da fo-

tempo, satisfazer aos desejos do meu amigo sr. Silva Porto, como lhe havia promettido, ao pedir-lhe os seus dez livros — Diario — da sua vida em Africa, para *trancar* ou de qualquer forma vedar a leitura dos seus actos da vida privada, com a auctoridade que me foi concedida, prohibo a transcripção de tudo que não seja de interesse para o publico, e especialmente o que fôr intimamente ligado á vida privada do meu amigo. Porto, 6 de Março de 1885. *Francisco José da Costa Jubim.* Nada obstante, até hoje transcripção alguma se ha feito, que me conste, ainda do que de interesse publico se deve conter afoutamente n'esses treze volumes, que cumpriria lêr para extracar d'elles o que de aproveitavel encerrem. Aguardam ainda quem se abalance a este patriotico afan.

Em regra e para todas as suas secções, providamente curtas são as temporadas em que a livraria publica portuense não ajunta aquisição nova a guardar ao lado das já enthesouradas.

Assim, quasi nos ultimos dias á Bibliotheca do Porto veio parar uma curiosa e valiosa collecção de noticias, parte manuscriptas, parte colhidas ou recortadas do impresso, e quasi todas á historia geral e particular do Porto referentes. Organizou essa collecção o portuense Henrique Duarte e Sousa Reis, empregado municipal que em tempos fez serviço na Bibliotheca e com amor cultivou as lettras, deixando de seus labôres vestigios em varios trabalhos insertos nas columnas de periodicos politicos e revistas litterarias.

A collecção hoje ao serviço do publico, por em poder da sua Bibliotheca, consta de vinte e sete volumes. Enumeremos os respeitantes á cidade.

Encontramos primeiro sete grossos tomos de *Apontamentos para a historia do Porto*. O primeiro é a «Descripção historica»; o segundo trata do «Commercio e governos»; terceiro e quarto (primeira e segunda parte) occupam-se do «Clero»; o quinto dos «Edificios publicos»; o sexto do «Povo»; o setimo é um «Supple-



CARIMBO ACTUAL

mento». Temos um volume de «Recordações das entradas solemnes dos bispos do Porto na cidade»; e temos uma «Memoria das Aguas do Porto». Com motivo da «Festividade e procissão de *Corpus Christi*» ha cinco volumes. Um existe sobre a «Origem das procissões da cidade do Porto»; um contendo «Programmas funebres na morte de diversos soberanos e com especialidade na de S. M. F. a rainha a senhora D. Maria 2.^a»; ha um de «Documentos officiaes relativos ao coração e á estatua de D. Pedro 4.^o»; e outro de «Documentos relativos aos actos publicos e solemnes em obsequio de D. Pedro 5.^o». Na collecção se depara com um «Índice chronológico»; bem como alli se topa ainda com uma «Descripção historica das Arcas, Fontes e Aqueductos da cidade do Porto. Encontramos um livro de «Programmas e descripções de festejos publicos» e damos com uma «Vida de D. Manuel de Santa Ignez, vigario particular, governador e bispo eleito do Porto», pelo «seu secretario privado, Chanceller e Distribuidor do mesmo bispado», escripta em 24 de janeiro de 1854.

Apparece-nos o tomo I de uns «Apontamentos para os annaes municipaes do concelho do Porto desde 1832 até 1839», e logo nos surge uma «Descripção historica da antiquissima Villa Nova de Gaya», feita pelo referido H. D. Sousa Reis em 8 de Março de 1849.

Este indefesso official maior da Secretaria da Municipalidade do Porto

de seu punho escreveu em 1857 uma «Collecção de leis relativas á administração municipal, e com especialidade das que dizem respeito á do Concelho do Porto, selecta na legislação portugueza até ao anno de 1855, egualmente organizada alfabeticamente».

Elle, em 1873 até 1875, elaborou «por estudo e recreio, compilando tudo quanto se tem publicado a respeito d'este infeliz príncipe», uma «Chronica de D. Antonio de Portugal, prior e administrador do notavel priorato do Crato, filho natural do infante D. Luiz e de D. Violante Gomes, denominada *A Pelicana*»; e em 1856 redigiu uma «Numismatographia portugueza ou descripção de todas as moedas, antigas e modernas, do reino de Portugal e suas conquistas, na Europa, Asia, Africa e America, com a citação de todas as leis e mais disposições regias que ordenaram seus cunhos, preços, pezo e metaes de que foram fabricadas, desde o principio da monarchia até aos nossos dias».

Receio largamente enfatiar mais do que é permittido aliás n'este genero de escriptos, de si tão deleitosos para os iniciados como aridos para os profanos. Assim, limitandome ainda a indicar a existencia na Bibliotheca do Porto, de raridades *modernas*, como o inencontravel *Bico de gaiz*, de Camillo Castello Branco, ponho ponto, o que para mais de um leitor, emfim desoppresso, já não será sem tempo.

J. Pereira de Sampaio
(Bruno).



EMBLEMA ACTUAL



QUANDO o José começou a andar á caça dos gigantes era ainda um fedelho. Estava na idade em que os rapazes só pensam em ir aos ninhos ou em apanhar borboletas; mas elle só queria aquella faina, pois sabia o mal que os gigantes faziam a toda a gente.

Estreou-se com um a quem tinham posto a alcunha de Tubarão, porque engulia as pessoas e os bichos tão facilmente como aquelle grande peixe engole os peixes mais pequenos e até gente, e tambem porque nunca se fartava, por mais comida que mettesse para o estomago.

A's vezes o Tubarão sahia de sua casa, situada n'uma rocha muito alta, e, conforme costumava dizer, ia ás compras. Não se julgue, por isto, que comprava o seu sustento. Isso sim! Deitava a mão a tudo o que ia encontrando, e depois de papar o que mais lhe appetecia, levava o resto para a despensa.

A' volta para casa é que mettia maior pavor. Com uma das manapulas segurava pelos cabellos a meia duzia de homens e mulheres, que levava cahidos para traz das costas, e que não paravam de berrar e barafustar; com a outra agarrava pelos rabos em outras tantas vaccas e bois, que formavam uma cambolhada.

Já se póde imaginar araiva de morte que lhe teria o povo, mas o gigante não se importava com isso e só tratava de comer bem e beber ainda melhor.

O copo, que despejava muitas vezes ao dia, era do tamanho de um barril. Punha-se d'um lado da meza e dizia: «Lá vae á sua, só Tubarão!» e vassava o copo de um trago. Passava para o outro lado, enchia outra vez o copo e dizia: «Muito obrigado! Lá vae á sua!» E mandava outro copasio á pá do bucho.

Depois de apanhar algum fartote dos maiores, ficava em casa uns tres ou quatro dias, a esmoer a comida, como faz a giboia.

O José soube que o gigante acabava de apanhar uma das taes pançadas e tratou de caçal-o. Para isto excavou no meio do caminho, que ia dar ao castello do Tubarão, um poço da altura de tres ou quatro homens e tapou-o com galhos de pinheiro. Por cima d'estes pôz uns saccos velhos de serapilheira e espalhou terra e pedras, de modo que ninguem diria que por baixo houvesse uma cova.

Quando acabou a obra, subiu até ao castello e bateu com torça á porta principal, gritando:

— Salta cá para fóra, meu grande fracalhão! Quero mostrar que és um cobarde. Anda d'ahi, Tubarão d'uma figa, e verás a grande sova que apanhas!

O gigante espreitou da janella e quando viu que era um garoto de quinze annos quem ia assim provocal-o, ainda mais se enfureceu.

— Espera que eu já te arranjo, meu patife! exclamou. Verás o que eu costumo fazer a quem me incomoda quando estou dormindo a sesta.



DEU COM ANCIA UMA PANCADA NA MOLLEIRA DO GIGANTE

— Bem sei onde te espero, disse José com os seus botões. E' para além do poço.

E desatou a correr com quantas pernas tinha pelo monte abaixo, seguido de perto pelo gigante, que fazia um berreiro de ensurdecer. Por um triz que não encontrava o lugar do poço, mas sempre conseguiu descobri-lo, e parou um pouco mais abaixo. D'ali a um instante ouviu-se uma grande estalada e a bulha de um corpo pesado que se despenhava de grande altura. O Tubarão estava no fundo do poço.

— Então, gigante de má morte! Em que ficaram as tuas farroncas? Vaes ahi morrer á fome.

Mas o perigo ainda não tinha passado, porque apesar de o poço ter aquella altura, não impediu que d'ali a pouco surgisse na borda a cabeça do Tubarão.

Vendo isto, o José agarrou no alvião com que tinha aberto a cova e deu com tanta ancia uma pancada na molleira do gigante, que logo o matou.

Depois de se certificar de que elle estava bem morto, desceu ao poço e cortou uma porção de cabello do gigante para offerecer á mãe.

E o caso é que a boa mulher teceu um tapete, que muito lhe serviu de inverno.

— Deixe vocemecê estar, disse-lhe o rapaz, que havemos de arranjar tapetes eguaes para todos os quartos da casa.

O povo dos arredores ficou tão grato ao José pela morte do gigante, que lhe offereceu uma bella espada de Damasco, de certo muito mais propria do que um alvião para dar cabo de gigantes, e um cinturão, tendo na frente uma chapa de oiro, com estas palavras gravadas:

«Sou eu o destemido valentão,
Que deu morte ao gigante Tubarão.»

O grande cadaver ficou sepultado no poço, que o povo encheu de terra e cobriu de pedregulhos, como se tivesse medo de que o Tubarão resuscitasse e viesse cá para fora.

*
* *
*

Pouco depois o José pôz-se em campo novamente, á caça de gigantes, e foi dar a um lindo bosque muito sombrio, no meio do qual havia uma fonte de agua fresquissima e crystallina. Tendo mitigado a sede — o dia estava bastante quente — deitou se na relva macia, para descançar e pensar. E era tão agradável estar ali deitado, respirando o ar fresco e sadio do bosque, ouvindo o murmurio da agua, o cantar dos passarinhos e o zumbido das abelhas, que o rapaz, quando mal se precatava, adormeceu.

Ora n'aquelle bosque sombrio é que ficava o castello de gigante Gargamalo, o mais feroz e cruel de todos os que ao tempo existiam. Como estava com calor, Gargamalo foi passear pelo bosque e aproximou-se da fonte, para matar a sede.

— Brrrr! grunhiu elle, quando viu o José. Quem será?

N'isto leu as palavras gravadas no cinturão e deitou uma das mãos em roda da cintura do rapaz, levantando-o ao ar como se fosse um bonequito.

— De que maneira te hei de torturar com toda a perfeição, antes de te matar? dizia Gargamalo comsigo mesmo, quando ia, a grandes passadas, direito ao castello.

E enquanto dava voltas ao miolo, no que levou muito tempo por ser coisa tamanha, deixou o José fechado n'uma torre muito alta e medonha, que ficava mesmo por cima da porta de entrada.

Apenas se viu ali preso, o rapaz tratou de examinar o sitio onde estava, não deixando em claro o cantinho mais excuso, para ver o que poderia aproveitar para fugir. Encontrou diversas ossadas humanas, muitos ratos e dois sapos, mas

nada d'isto lhe servia. Felizmente n'um canto descobriu uma corda muito forte e comprida. Soltou um suspiro de satisfação.

No muro da torre havia uma fresta gradeada. José conseguiu trepar até lá, e, deitando a cabeça de fóra, avistou Gargamalo andando pelo campo em direcção ao castello, de companhia com outro gigante ainda maior do que elle, e mais medonho e mal encarado.

— Bom! pensou José. Se não aproveito esta felicidade inesperada, posso dizer adeus á vida.

E mettem mãos á obra, valendo se da corda.

Deve dizer-se que, desde muito pequeno, elle tinha aprendido com os maritimos a fazer toda a qualidade de nós, taes como o nó de galera, o nó de ancora, o nó de dois cotes, o nó de tecelão, o nó de artifice. O peor é que nenhum d'estes nem os outros, que tambem sabia dar, lhe serviam para o fim que tinha em vista.

Já os dois gigantes, de braço dado, vinham chegando á porta do castello e era preciso aproveitar immediatamente aquella occasião unica, aliás estava tudo perdido.

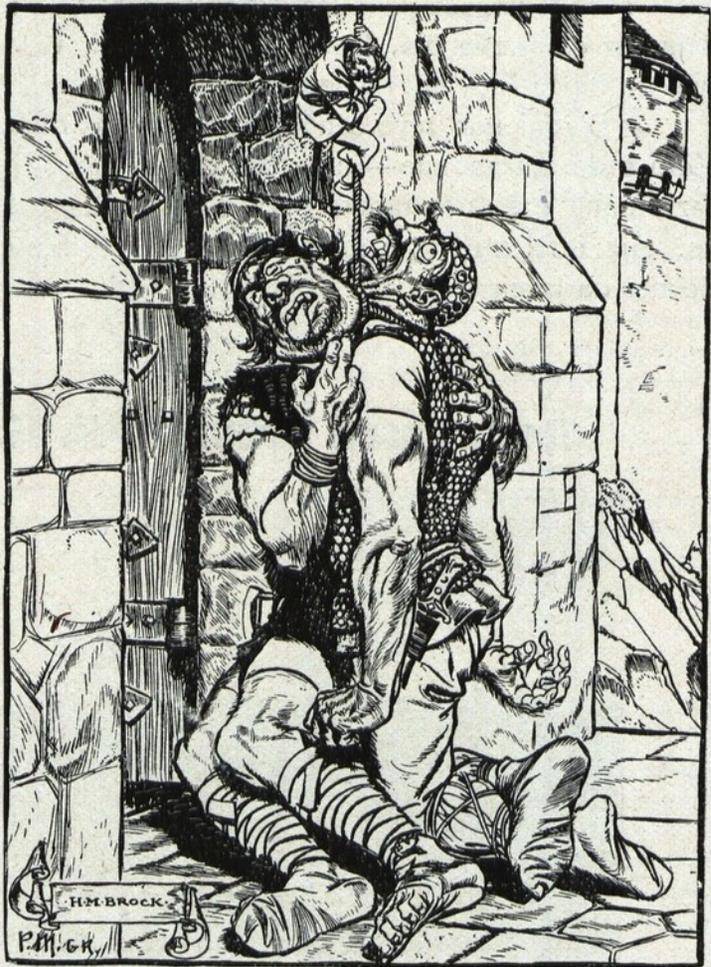
Que fez então o José?

Inventou um nó absolutamente novo e original, semelhante ao nó allemão, com o feitio de um 8 e formado de duas laçadas corredias, que se podiam apertar puxando pela outra ponta da corda. Encostou a cara á grade da fresta, estendeu o mais que pode o braço direito para fora, tomou á farta a respiração e ficou esperando. Os gigantes já estavam ao pé da porta, por baixo exactamente da fresta gradeada e pararam um instante, entretidos a conversar.

O rapaz, calculando tudo com o maior cuidado, deixou cahir a corda.

Táte!

Cada uma das laçadas enfiou-se pela cabeça de seu gigante, e ainda a corda lhes não tinha tocado nos hombros quando o José a retesou fortemente, pendurando-se n'ella com todo o seu peso. As laçadas apertaram-se logo em volta do pescoço dos gigantes. Os dois brutamontes bem quizeram soltar-se, mas o



O RAPAZ DESCEU PELA CORDA

mais que fizeram foi grunhir: Grrô! Grrô! Grrô! E o rapaz puxou a corda com quanta força tinha. Puxou até sentir os musculos dos hombros quasi a estalar. Puxou até esburacar com os pés o rebôco da parede. Puxou até que as mãos lhe ficaram a arder, como se as tivesse posto em cima de um ferro em braza. Puxou até deixar de haver movimento do outro lado da corda. Puxou até já se não ouvir o ultimo «Grrô!» Puxou até os dois gigantes ficarem pendurados, inertes, sem acção, como um par de fantoches.

Amarrou então á grade a ponta por onde tinha puxado, escoou-se, como engua, por entre as barras de ferro e desceu pela corda abaixo.

Tendo deitado a mão á adaga de Gargamalo, pôz em breve os dois gigantes em completa impossibilidade de lhe fazerem mal, se acaso não estivessem bem mortos.

No castello encontrou tres damas muito lindas, presas a uma grande arca pelos seus formosos cabellos e que os gigantes tencionavam assar no fôrno para o jantar d'aquelle dia. Entregou-lhes as chaves do castello, dizendo que tudo o que ali havia lhes ficava pertencendo.

— D'aqui não levo senão a grenha dos dois mostrengos, continuou o rapaz. Com a do Gargamalo — uma das damas tinha-lhe dito como elle se chamava — faz minha mãe um tapete para a nossa casa de jantar, e com a do companheiro, que infelizmente é mais rala e está muito embaraçada, arranja outra para deante da lareira.

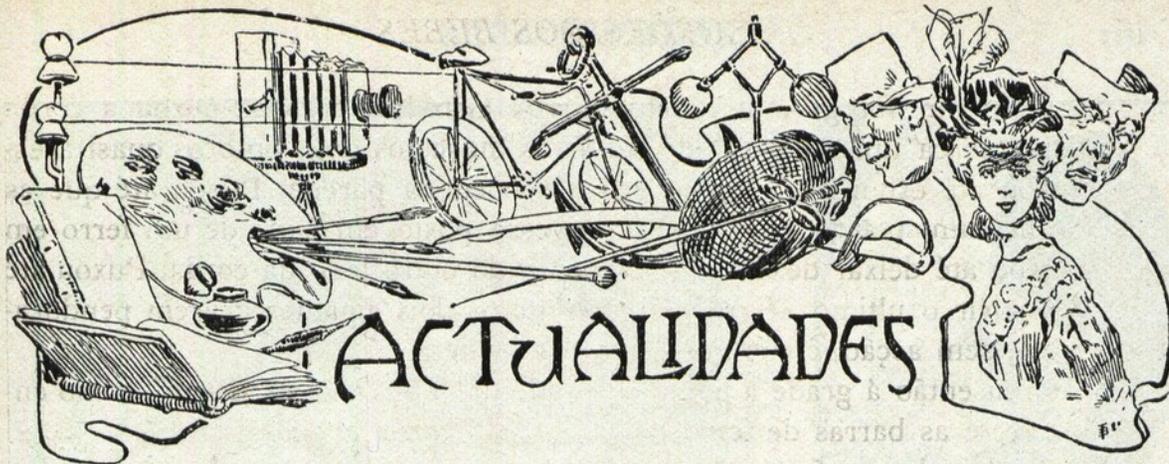
(Conclue no proximo numero.)

Terceiro concurso photographico dos SERÕES (Menção honrosa)



«MÁGENS DA RIBEIRA DE SITIMOS»

Photographia do sr. Thiago Silva, Alcacer do Sal

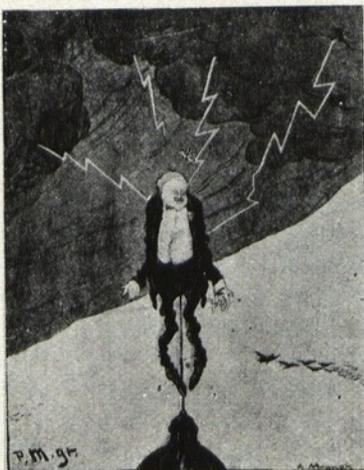


Grandes topicos

O novo Reichstag **P**osto em cheque pelo Reichstag, que lhe recusara os creditos necessarios para proseguir a campanha colonial, o chanceller principe de Bulow resolveu dissolver o acto continuo. E assim fez — manifestando claramente que dava esse golpe para pôr um dique á influencia sempre crescente da social-democracia e, sobretudo, para se liberar da tutela do Centro catholico que, sendo no parlamento o partido mais forte, e, por isso indispensavel á acção governativa, abusava d'essa situação fazendo exigencias cada vez mais intoleraveis. Supunha o chanceller que, apelando de novo para o sufragio, o povo aprovaria a sua politica, e os dois grandes partidos seus rivaes sairiam da lucta eleitoral gravemente feridos. Não era essa a opinião geral e muitos dos proprios amigos do chanceller tentaram fazer-lhe comprehender que laborava em erro. Mas elle nada quiz ouvir: dissolveu o parlamento e convocou as eleições.

Logo ao primeiro esrutinio se viu que os planos de Bulow tinham em parte fallhado, e quando se concluiu o esrutinio de desempate reconheceu-se que o chanceller apenas conseguira acertar n'um dos alvos: o socialista. Com effeito, eis a constituição do novo Reichstag, comparada com a do anterior.

Centro catholico, tinha antes 104 deputados e tem agora 105; socialistas, 79, 43; conservadores, 80, 86; nacionaes liberaes, 51, 55; radicaes, 36, 46; agrarios, 15, 23;



O PÁRA-RAIOS

da residencia imperial de Berlim

Do «Wahre Jacob»



TRES CÃES A UM OSSO

O osso — a alliança com a Russia — foi todo ruido pelo urso russo. Os tres cães que o disputam são a França, a Inglaterra e a Allemanha.

Do «Wahre Jacob»

polacos, 16, 20; alsacianos-lorenos, 9, 7; diversos, 7, 12.

Vê-se, portanto, que o principal partido de quem o chanceller queria descartar-se, o centro, não só conservou as suas posições como as melhorou. O mesmo succedeu aos outros partidos de opposição, excepto ao socialista. Mas as perdas d'este são exclusivamente parlamentares e não politicas, porquanto, apesar de obter menos 36 deputados do que nas eleições de 1901, conseguiu reunir mais 250 mil votos do que então. De resto, essas perdas não veem alterar profundamente a situação do governo no Reichstag, e, por isso, á hora a que escrevemos ainda nem sequer se calcula quaes sejam os elementos de que o governo pôde lançar mão para constituir uma maioria.

A futura Duma **P**ARECE que se realisam os nossos vaticinios que, de resto, eram os de toda a gente que mais ou menos conhece as coisas da Russia. Iniciado o periodo eleitoral em fins de janeiro com as eleições do primeiro grau, notou-se a breve trecho que apesar dos esforços mais ou menos legitimos, empregados pelo governo para que a nova Duma fosse um organismo absolutamente seu, os partidos avancados e, sobretudo, os democratas constitucionaes iam obtendo votações muito apreciaveis. Passa-se ás eleições do segundo grau, e essas votações augmentam por tal fórma que suplantam as dos partidos do governo. No momento



A AGUIA NEGRA

KAISER — *Visto que o gallo os empurra para fora, eu os metto debaixo da minha aza.*

Do «L'Asino»

em que escrevemos estão-se realizando as eleições do terceiro grau — as definitivas — que devem terminar em principios de março. Pois os resultados conhecidos accusam já uma maioria tão grande para os partidos avançados que será muito difícil senão impossível ao governo atingil-a sequer.

Póde, portanto, dar-se como certo que a futura Duma será a digna sucessora da que iniciou na Russia uma nova era. Repetir-se-hão n'ella, fatalmente, as scenas de que a primeira foi theatro. Que fará o governo em presença d'isso? Naturalmente, o que prometeu — dis-

solvel-a. Mas depois? Depois... terá ja palavra o povo russo.

A Igreja e o Estado em França

DEPOIS de uma lueta de longos mezes, o Papa resolveu-se a transigir. Ordenara elle aos sacerdotes francezes que não se sujeitassem á ultima lei Briand, estabelecendo a nova organização dos cultos. Contava, para poder resistir, que os catholicos da França fossem em auxilio da Igreja, com os fundos necessarios para ella poder organizar o culto privado. Enganou-se, e a desilusão que soffreu parece ter sido completa, porquanto o seu apello quasi não teve echo. Assim, Pio X apressou-se a communicar ao episcopado francez que, em harmonia com a lei, fizesse os indispensaveis arrendamentos de igrejas para a continuação do culto publico tal como até agora tem sido exercido.

Póde, portanto, considerar-se o conflicto como virtualmente terminado.

Lords e commons PÓDE dizer-se afoitamente que as duas camaras inglezas nunca se entenderam muito bem; mas a sua rivalidade começou a tomar um aspecto mais grave a partir da segunda metade do seculo XIX, assumindo então nos ultimos tempos as proporções de um sério



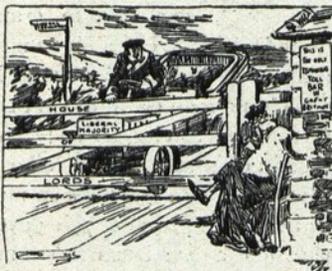
A CONCORDATA

O gallo francez está a desfazel-a em pedaços, enquanto as auctoridades do Vaticano olham com pezar para os destroços.

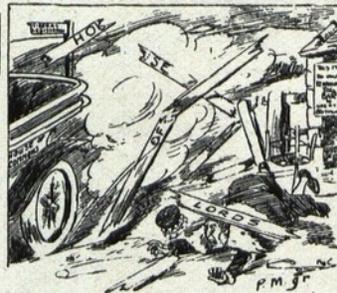
De «Il Fischiette»

conflicto. Tudo isto porque? Porque a camara dos lords vem systematicallyamente rejeitando todos os projectos rasgadamente liberaes aprovados pela camara dos commons. Os ultimos atingidos por essa sanha reaccionaria foram o *Plural voting bill*, que estabelecia o principio «um homem, um voto», e o *Education bill*, que proclamava a neutralidade religiosa no ensino.

Esta verdadeira anomalia no Estado mais democratico da Europa, não podia deixar de irritar o espirito publico e, consequentemente, o governo que tão bem o tem representado. Assim, quando a lei do ensino foi rejeitada, o primeiro ministro Campbell Bannermann resolveu logo acabar de vez com semelhante situação, absolutamente intoleravel. E o facto é que no discurso da corôa lido na abertura da nova sessão legislativa veem já annunciadas as medidas que o governo tenciona tomar n'esse sentido. Não se sabe por ora quaes sejam essas medidas, mas os politicos affectos ao gabinete dão a entender que, não sendo possivel desde já áquelle acabar com a camara alta, vae propôr aos commons que lhe supprimam o direito do veto.



Morning Leader.



A QUESTÃO DA CAMARA DOS LORDS

O CHAUFFEUR — *Emquanto os senhores não abusaram dos seus privilegios, ainda os toleramos, agora excede, o que é insupportavel.*

E' preciso abrir caminho, por onde possa prevalecer a vontade do povo. (Trecho de um discurso do primeiro ministro inglez).

«Do Morimag Leader»



O GIGANTE CHINEZ

«Ao acordar, sacode todas as outras nações de cima da sua colcha»
Do «Illustrated London News»

Estados Unidos e Japão **A** camara americana acaba de votar um projecto de lei interdizendo a immigração de *amarellos* sem passaporte. Representa isto, nem mais nem menos do que a aprovação pelo parlamento da atitude tomada contra o Japão pelo estado da California. Com effeito, se aparentemente o conflicto derivou da frequencia illegal das creanças japonezas nas escolas publicas d'aquelle estado, a sua causa verdadeira foi a extraordinaria im-

migração que se vem acentuando, pelas costas do Pacifico, de trabalhadores japonezes que, uma vez em territorio americano, faziam baratear a mão d'obra, d'onde resultava uma séria perturbação economica. A questão das creanças foi simplesmente um pretexto, justificado embora. E assim, veremos como, promulgada a lei, os californienses se acalmam logo, deixando mesmo, porventura, que os pequenos japonezes continuem a frequentar as escolas do estado, impondo apenas para isso algumas condições. Quer dizer: os Estados Unidos realisam o seu *desideratum* e, como o conseguem por uma forma absolutamente legitima, o Japão tem de se calar.

A não ser que surja algum novo incidente que deite tudo a perder.



JAPÃO, AO TIO SAM

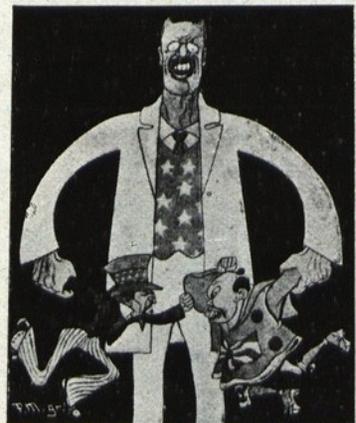
«Olhe lá, ó tio! A sua barba vae crescendo demais. Não era mau tosquial-a um pouco.»

Do «Tokio Puch»

Em Hespanha **A**s velhas desintel ligencias entre os diversos agrupamentos liberaes hespanhoes mais uma vez originaram uma crise ministerial e a subida ao poder dos conservadores que, alias, não se supunha podessem tão depressa lá voltar.

A ambição d'uns e o despeito d'outros fizeram com que a ultima tentativa de governo liberal fracassasse e que Vega de Armijo cedesse o passo a Maura, isto é, que a li-

berdade fosse substituida pela mais caracterizada reacção. Esta, é claro começou logo a manifestar-se e manifestar-se-ha, sem duvida, mais intensamente com o andar dos tempos. Não é crível, porém, que o seu dominio se mantenha, porquanto quando uma nação como a Hespanha se lança resolutamente no caminho do Progresso, não lhe é facil parar e muito menos voltar atraz. Assim é que os partidos avançados, inclusivè os liberaes, que durante o consulado d'estes se haviam quasi desorganizado, iniciaram já um forte movimento tendente a oppôr um dique á onda reaccionaria. Os liberaes, comprehendendo finalmente o erro da sua politica anterior, acabam de dualisar a sua fusão n'um partido unico, sob a chefatura de Moret, deixando apenas de entrar n'essa combinação Canalejas e Lopez Dominguez que se propõem constituir um novo partido com os amigos d'estes e os antigos democratas que, capitaneados pelo primeiro, formavam a ala esquerda dos liberaes. Por seu turno os republicanos, ultimamente bastante divididos em virtude da aliança que alguns haviam feito com elementos monarchicos da Catalunha, estão á hora a que escrevemos procurando uma formula de accordo que garanta a subsistencia da União, unico meio de poderem com vantagem luctar com os partidos monarchicos.



A CALIFORNIA E OS MENINOS JAPONEZES

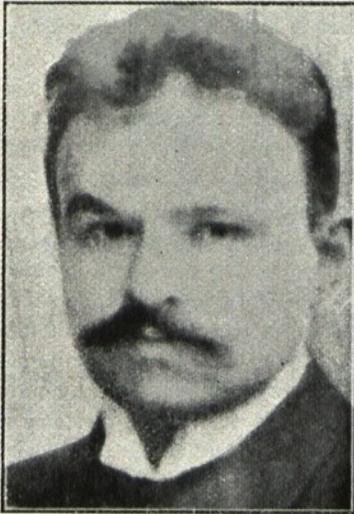
ROOSEVELT — Juízo, rapaziada! Então já se esqueceram do meu premio da paz?

«Do Pasquino»

Vida na sciencia e na industria

A Photographia
telegraphica

O dr. Korn, de Munich, continua a aperfeiçoar o seu invento de transmissão telegraphica da photogra-



DR. KORN

Inventor da transmissão telegraphica das photographias — Retrato transmittido pe'lo seu apparatus.

phia, ao qual nos referimos n'um dos numeros anteriores dos Serões.

Funda-se a invenção na propriedade especial do selenio, metal que transforma as variações da luz em variações da corrente electrica. No apparatus do professor Korn, as variações de densidade de um ne-

gativo são transmittidas exactamente como o som no telephone. Esse apparatus é semelhante com effeito a um telephone ou a uma installação telegraphica. Consiste n'um transmissor e n'um receptor, ligados por arames, que se podem empregar em usos telegraphicos ou telephonicos. Nas experiencias, o dr. Korn substitue pela distancia uma resistencia que a ella equivalha. Por esta forma, precisa de doze minutos para transmittir uma photographia.

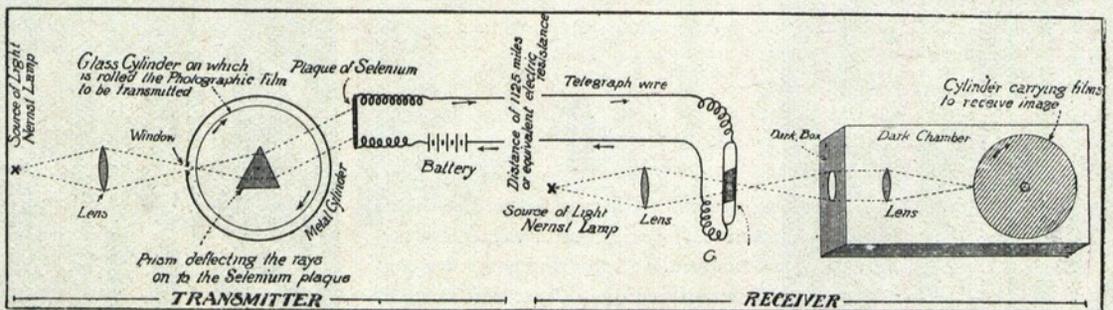
Mais tempo demandaria a transmissão, se fosse feita por um cabo submarino, que augmenta a resistencia. O transmissor consiste n'um cylindro interior de vidro, em que se enrola a pellicula negativa da photographia, e o qual está incluído n'outro cylindro de metal, com uma fenda a todo o comprimento. N'essa fenda projecta-se um feixe de luz de uma lampada Nernst. O cylindro de vidro gira, e a luz passa atravez do negativo e depois

por um prisma que reflecte os raios sobre uma chapa de selenio. Esta chapa, a que se ligam os fios telegraphicos, transforma as variações



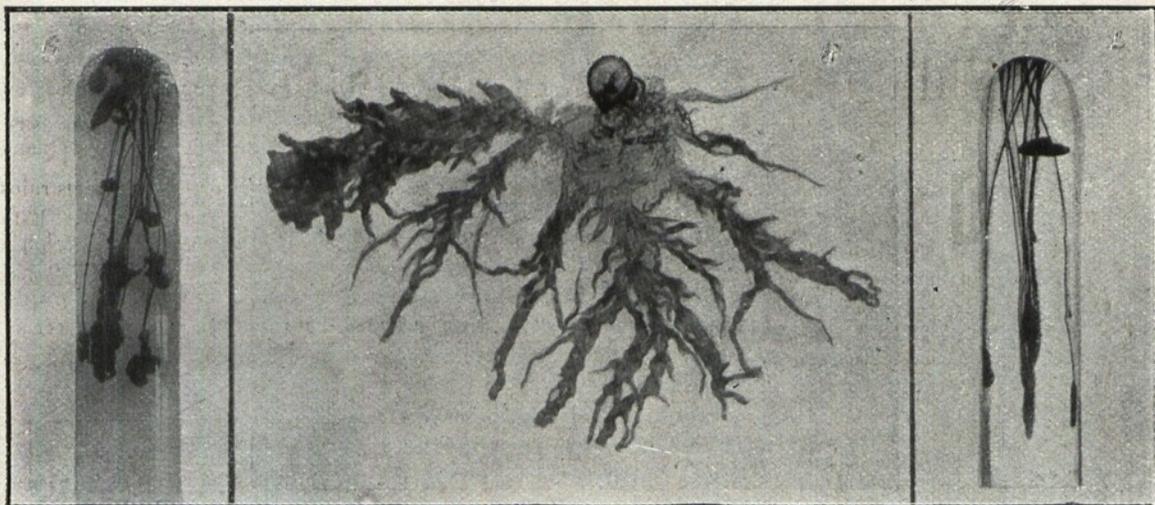
Retrato transmittido pelo apparatus do DR. KORN

de luz em variações electricas, que são de novo reproduzidas pelo receptor. Este consiste n'uma camara escura, em que está um cylindro girante, com uma pellicula que deve



SCHEMA DO APPARELHO DO DR. KORN

À esquerda, o transmissor. Vê-se, a começar da esquerda, a origem da luz; a lente; a fresta; o cylindro de vidro em que se enrola a pellicula photographica; o cylindro de metal que o envolve; o prisma reflectindo os raios na chapa de selenio; essa chapa. Segue-se a bateria. Depois ha o fio transmissor com a extensão de 1125 milhas ou equivalente resistencia electrica. À direita o receptor, com a origem da luz; a lente; a caixa de madeira onde está a camara escura; o cylindro com as pelliculas para receber a imagem.



PLANTAS FEITAS PELO HOMEM

A esquerda, cultura de uma semente artificial n'um tubo de prova; ao centro alga artificial completamente desenvolvida; á direita, cogumellos artificiaes.

receber a imagem transmittida. Fóra da camara está fixada uma lampada Nernst, cujos raios são projectados por meio de uma lente sobre um tubo de Geissler ao qual estão ligados os fios telegraphicos. O feixe de luz passa por uma fenda no tubo, depois por meio de uma lente na camara escura é projectado sobre o cylindro girante, e a pellicula sensibilizada recebe a impressão photographica.

Organismos vivos
creados
pelo homem

O dr. Stéphane Leduc, professor da escola medica de Nantes, conseguiu realisar prodigiosas formações chemicas, analogas a tecidos vegetaes. Para fazer uma semente, toma elle duas partes de saccharose ou de assucar e uma de sulfato de cobre, pulverisa-as e mistura-as. Molha uma pitada da mistura em agua. Prepara uma solução de cultura, composta de agua, com ferrocyaneto de potassio, chloreto de sodio e gelatina. N'um tubo de prova deita um pouco d'este liquido em que mergulha a semente. Esta começa logo a inchar como se fora producto natural. Em seguida grela e alonga uma a vinte hastesinhas, que dentro de poucas horas attingem 25 a 30 centimetros de altura, desenvolvendo umas

como folhas, tal qual uma planta aquatica.

Quando a cultura se faz n'uma vasilha mais larga, as apparencias são differentes. Toma a forma de alga ou de cogumelo. «Não ha n'isto vida», diz o dr. Leduc, «nem vestigio de protoplasma e da sua complexidade de albuminoides. É puramente uma manifestação de productos chemicos.

A planta artificial é, comtudo, como a verdadeira, sensivel á acção dos toxicos, e a temperatura tem uma influencia consideravel no seu crescimento. Essas plantas, embora não vivas, estão sujeitas á morte. Envelhecem em cousa de 48 horas. Cessa o crescimento, e desfazem-se».

Com outras formulas, o dr. Leduc obteve cellulas liquidas n'um meio liquido, que apresentam os phenomenos de segmentação, de divisão em cellulas ainda menores dentro da cellula primitiva, como succede com um ovo durante a incubação. As experiencias são de grande interesse para a sciencia, por mostrarem a correlação entre a forma da planta e o seu ambiente physico.

Estação
radio-telegraphia
movel

É a ultima applicação do invento de Marconi. Adapta-se o aparelho de te-

legraphia sem fios a um carro automovel o qual pode ser usado para tracção, ou para gerar energia electrica para os effeitos telegraphicos. Dentro de dez minutos a estação fica prestes a entrar em actividade para uma distancia até 90 milhas; mas para pequenas distancias pode prestar serviço quando em movimento, a meia velocidade. Um só vehiculo transporta o poste, o alternador, o aparelho e os officiaes.

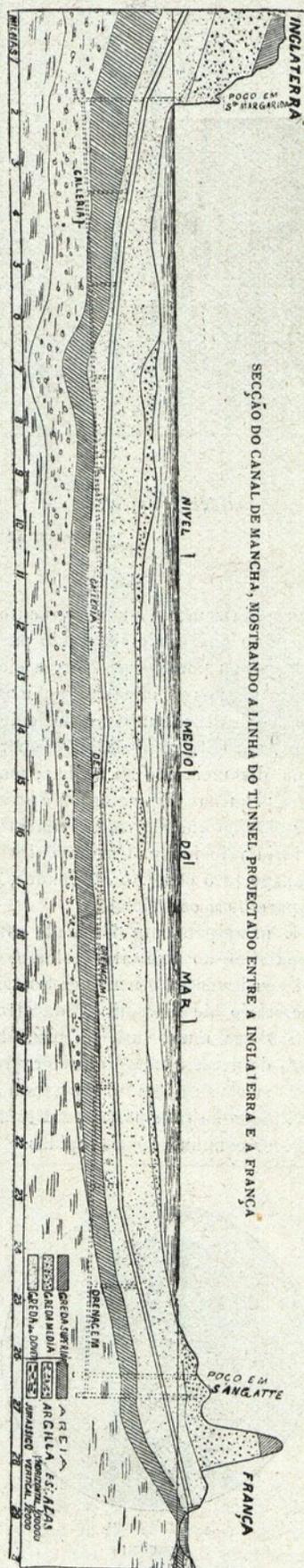
É principalmente destinado este aparelho ao exercito italiano, e foi seu inventor o Marquez Solari, secretario de Marconi. Pode alem d'isso ser muito util na paz, em caso de desastres em linhas ferreas.

A sua vantagem é sobretudo a facilidade de transporte, para estabelecer communicações rapidas.



MARCONI

O inventor da telegraphia sem fios



SECÇÃO DO CANAL DE MANCHA, MOSTRANDO A LINHA DO TUNEL PROJECTADO ENTRE A INGLATERRA E A FRANÇA

O tunnel da Mancha **G**RAÇAS á entente cordeale, resurge com mais força o projecto de perfuração do tunnel da Mancha, apesar da opposição do partido militar inglez que receia o perigo de uma invasão subita. Formou-se uma importante companhia anglo-franceza, em que entram personalidades importantes dos dois paizes, na sciencia, na industria, no commercio, na marinha.

A natureza, ao contrario dos homens induzidos por preconceitos de raça, tem facilitado o trabalho dos engenheiros, porque os terrenos que vão de uma a outra costa são facéis de excavar e impermeaveis. A maxima profundidade do tunnel será de 100 metros abaixo do nivel do mar, ou cerca de 50 metros abaixo do fundo.

O comprimento total das excavações será de 30 milhas. Haverá dois tunneis com o diametro de 6 metros e desviados 15 metros um do outro, communicando entre si por galerias. O poder motor dos comboios será a electricidade. Ha dois principaes planos para inutilisar temporariamente o tunnel do lado da Inglaterra: ou enche-lo de gazes deleterios ou obstruir a saida pela entrada do mar. Mas as formidaveis baterias de Dover são um elemento consideravel de defeza. O custo total calcula-se em 16 milhões de libras, metade levantadas na Inglaterra, metade na França. Calculam-se as receitas n'um milhão de libras por anno; mas é mais que provavel que elle exceda estas previsões. A obra pode completar-se dentro de sete annos. As vantagens d'ella são incalculaveis para o commercio e industria, tanto de Inglaterra como do Continente, alem de contribuir para o estreitamento de relações pacificas entre os povos da Europa.

O medico do Papa **O** dr. Laponi, nascido em 1851, falleceu em dezembro de 1906. Foi em 1888 escolhido por Leão XIII para seu medico particular, e aos seus desvelos se atribue a manança d'esse poderoso espirito dentro de

um corpo debil durante tantos annos. A despeito dos interesses contradictorios sempre presentes no Vaticano, o dr. Laponi gozava de affeição de todos os partidos. Quando o cardeal Giuseppe Sarto, depois do patriarchado de Veneza para o throno pontificio, não hesitou em consagrar a escolha feita pelo seu antecessor. A morte prematura do habil medico foi uma perda sensivel para a sciencia.



O DR. LAPONI
Medico do Papa

Um remedio infallivel **Q**UANTAS pessoas, padecendo de uma bronchite chronica, perderam a esperança de se curar! É porque ignoram que o xarope de hypophosphito de soda de Swann (Dr. Churchill) é o melhor remedio para aquella enfermidade e que produz effeito ainda nos casos em que todos os outros se mallogram. Experiencia de larguissimos annos tem-n'o indicado como gozando da immensa vantagem de impedir que a doenca degenerem em tuberculose. É o unico medicamento do genero que offerece estes beneficios.

O seu deposito é na pharmacia Swann, 13, rue Castiglione, Paris, e encontra-se á venda em todas as pharmacias.

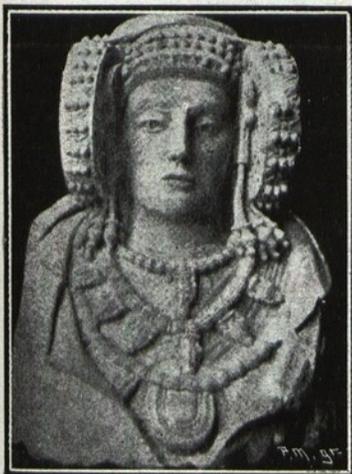
Vida na arte

Fernando Brunetièr
FALLECEU em França, com 56 annos de idade, este abalizado critico, que durante muitos annos exerceu grande influencia,



FERNANDO BRUNETIÈRE

não só sobre a litteratura do seu paiz, mas ainda sobre os espiritos cultos de todo o mundo. Era director da *Revista dos dois mundos*, facto que representa um alto testemunho do seu grande valor intellectual, pelo escrupulo que sempre tem havido na escolha dos directores e collaboradores d'aquella importante publicação. O espirito conservador de Brunetièr procurou sempre conciliar as tradições religiosas com as aspirações scientificas dos tempos modernos.



EXEMPLAR DE ARTE GRECO-PHENICIA

Roubo
 de obras de arte
HA um tempo para cá que os guardas do Museu do Louvre procuravam descobrir o paradeiro de uma estatueta de marmore, representando a deusa Isis, de cerca de meio metro de altura. Custava-lhes a crer que ella houvesse sido roubada, e attribuiam o seu desaparecimento a extravio por occasião de uma limpeza geral do Museu. Os humoristas affirmavam que a deusa devia ter fugido com algum ratoneiro, e os guardas já estão dispostos a admitir essa triste hypothese.

Pouco depois d'este roubo, outro se praticou tambem no Louvre, tendo por objecto uma figurinha de chumbo, exemplar da arte greco-phenicia. O seu principal interesse era a sua parecença com um lindo busto de terra cotta descoberto em Elche (Hespanha). As duas figuras eram complementares, identificando uma d'ellas a outra.

O tumulto de Ibsen
UM simples obelisco de pedra negra do Lavrador se erigiu a 12 de dezembro sobre a supultura do grande dramaturgo Henrik Ibsen. Custou esse monumento 400.000 kroners. Sobre o obelisco vê-se uma coroa de louro, de cobre, deposta pela Sociedade de Autores Italianos. Sobre uma das faces está gravado o martello symbolico do deus Thor, emblema da força.

Salvador Marques
NA pessoa de Salvador Marques perdeu o theatro portuguez um entusiasta esclarecido e um cultor distincto. Pelo theatro, a que consagrou a vida inteira, abandonou elle a carreira scientifica que o reclamava. Não lhe foi porem grata a arte dramatica, porque morreu pobre, apesar de ter sido muitos annos empresario e director de varios theatros de



SALVADOR MARQUES

Lisboa. O seu drama *Os Campinos* basta para o consagrar como um escriptor de grande merito.

Tinha alem d'isso uma rara facilidade, augmentada por larga experiencia, para a adaptação de peças theatraes estrangeiras ao palco portuguez. São testemunha d'isso muitissimas obras que, sósinho ou de collaboração com escriptores distinctos, arranjou para diversos theatros. A sua reputação litteraria, espalhando-se n'um meio restricto, não deu ao seu nome o prestigio que merecia.



ESTATUETA DE IRIS

Terceiro concurso dos SERÕES

MENÇÃO HONROSA



P. Marinho ph. 35

CARTA INTIMA

Photographia do sr. Bergamim — Porto



Os Serões das Senhoras

Serões n.º 20

FEVEREIRO, 1907

Chronica geral de modas

Novidades de meia estação

COM o declinar do inverno, todas as senhoras pensam naturalmente nas modas da primavera que se aproxima.

Não é facil, d'um instante para o outro, arranjar toilettes bem combinadas: é preciso sonhal-as, planeal-as e finalmente executal-as. Apesar de ser um tanto difficil calcular o que a elegancia decretará como supremamente chic nas modas de meia estação, vamos tentar dar uma ligeira ideia de novidades de Paris, que certamente servirão de guia para as modas futuras.

MATERIAES

PARA A PRIMAVERA

Para as toilettes de meia estação é a sarja o tecido mais apropriado, e entre os novos padrões, appareceu ultimamente um, em riscas diagonaes bem accentuadas, que parece será muito chic esta primavera, havendo no

entanto as sarjas finas quasi sem riscas, tambem muito modernas e elegantes.

Crêmos que os panos inglezes conhecidos por *herring-bone* estão tambem em moda, assim como os tecidos mixtos, para confeccionar toilettes *tailleur* de uso pratico.

O *tailleur* mais chic depende da qualidade do pano, que deve ser



FIG. 1

FIG. 2



FIG. 3

finissimo e extremamente macio; as ultimas producções dos panos modernos dão o effeito de ter á superficie uma especie de *peau de suède*.

Tanto nos tecidos de lã como nos de seda, a moda requer flexibilidade e brandura, no entanto os *surahs* e as sedas ás riscas apparecem em qualidades mais fortes nas modas de primavera.

Voile de seda com effeitos de *moiré*, é uma outra novidade das modas de meia estação, e juntamente com os novos *ninons* de seda, despertarão furor para toilettes de luxo.

Chiffon-taffetas, com pequenas manchas e estrellas, promettem successo, assim como tambem a seda maravilhosa.

Os novos setins brilhantes e molles, usam-se bastante, para confeccionar bluzas, em tons

muito finos, turqueza pallida, carmim desmaiado, réséda, e verdes pallidos, juntamente com guarnições de rendas.

As sedas mais pesadas, incluindo *poult de soie* em qualidade muito macia, apparecerão provavelmente em casacos curtos, assim como em saias.

Os brocados antigos voltam agora a usar-se para toilettes de cerimonia, e apparecem mais em vestidos á *Directorio*.

Os brocados, tecidos em ouro e prata, são apropriados a toilettes de reuniões e soirées.

O branco continua predominando em pano e *mousseline* de seda, e este anno vêem-se bastante estes dois tecidos misturados.

CASACOS E MANTOS DE ABAFO

A escolha d'um abafos para viagem, depende da forma da viagem; quer dizer, uma senhora que viaja em sitios de luxo, e divertimentos, tem certamente de possuir casacos claros, capas luxuosas ou mantos ricamente guarnecidos; mas uma senhora que viaja em comboios ou omnibus com certeza necessita abafos mais praticos e confortaveis.

Para theatro são tão modernos os casacos como as capas, e as côres claras são as mais usadas, por exemplo,



FIG. 4

biscuit, cream, bleu-pastel, são tons que entram immensamente na composição de casacos, e segundo a regra da moda, os *manteaux*

de pano, são geralmente guarnecidos de velludo. Um modelo de casaco de Paris em pano *biscuit*, feito em tres ordens de capinhas, tinha um cabeção de velludo azul claro bordado a trança de ouro, e um outro modelo de pano *cream*, tinha cabeção de velludo *cerise* sobre seda preta, todo guarnecido de pontos. As mangas largas acabam com canhões dizendo

com o cabeção, e o casaco é abotoado com grandes botões de madre perola circundados de ouro.

CHAPEUS ELEGANTES

Os chapéus são bastante exagerados e geralmente extravagantes. Quasi todas as fôrmas teem a aba curtissima adeante, e usam-se muito inclinados para a frente.

A combinação mais chic para meia estação, é palha misturada com *chenille*. As modistas parisienses teem copiado chapéus de diferentes epochas, todos de fôrma pequena, parece, no entanto, que o modelo que se tem tornado mais popular é o *Incroyable*, formando a mais encantadora toque, quer em velludo ou palha, com a inevitavel guarnição dourada ou prateada, alguma renda, e geralmente qualquer flôr do campo. Ainda é cedo para prophetisar se as toques e guarnições de flôres serão muito usadas esta estação. Os chapéus de renda e os chapéus de bellas plumas e enormes *paradis*, estão sempre em moda, especialmente para acompanhar toilettes

de cerimonia. Os vestidos simples de sarja, e as *toilettes tailleur*, pedem chapéus mais praticos e de menos luxo, e para verdadeira elegancia é necessario harmonisar bem os chapéus com as toilettes.

Além das toilettes, os chapéus devem acertar com as cabeças e typos; assim, a pequenina e chic forma tricorne, o *Incroyable*, ou qualquer outra forma pequena pede um typo *mignon*, e um penteado de apparencia simples mas bem estudado.

Ha ainda diversos modelos, uns muito altos com um *pouf* de plumas, outros de forma *cloche*, e tambem se veem chapéus muito estreitos, contrastando com o *Incroyable*, pequeno e largo. Os chapéus de primavera attrahem sempre as senhoras elegantes, e as mais praticas em assumptos de toilette preferem despende bastante dinheiro n'um lindo modelo, que n'uma *toilette* de meia estação.

OS NOSSOS

FIGURINOS

Fig. 1 — E' d'uma extrema graciosidade este modelo de bluzza. *Chiffon* verde claro com renda creme e passadeiras de setim do mesmo tom do *chiffon* formam esta encantadora bluzza, que se presta a toilettes de cerimonia usada com saia de seda ou *grenadine* tambem verde. Os botões que prendem as passadeiras são dourados, e os laços á frente são de setim verde, como as passadeiras.

Fig. 2 — Linda bluzza de renda creme para traje de teatro ou concerto. As guarnições são galões de prata, setim



FIG. 5



FIG. 6

em tom carmim, e botões d'esse mesmo setim.

A' frente como remate, forma laço e cae em pontas, uma gravata tambem de setim e galões e borlas prateadas.

Delicados *revers* de setim com renda *Valenciennes* á borda, cobertos com uma imitação de renda de Irlanda em lindos desenhos, formam o decote, pois esta bluzza é apropriada a decote, assim como tambem pode ser usada com peitilho, como vem na gravura.

Fig. 3 — Toilette simples e elegante, em panno cazimira

azul escuro, com peitilho de renda.

O chapéu que completa esta toilette de passeio é em seda *ottoman* guarnecido de rosas côr de rosa e cinzentas, e folhagem de velludo.

Fig. 4 — Este corpo ficará elegantissimo confeccionado em velludo azul saphira. *Guipure* creme guarnece todo o corpo o qual é decotado, e remata por um *chou* de fita de setim no mesmo tom do velludo.

A' frente é enfeitado por um *jabot* de renda crème, bastante fina; essa mesma renda apparece por dentro das mangas.

Para toilette de interior, o feitio gracioso e commodo d'este corpo certamente agradará a todas as pessoas que procuram vestir com simplicidade e bom gosto.

Fig. 5 — Vestido para senhora nova em mouseline de seda branca, enriquecido com renda de Irlanda bonita e grossa. Fita larga ás riscas

cerise e brancas, segue á roda da saia, e no largo decote da bluzza de renda, a qual leva por dentro uma *chemisette* alta, rematada no pescoço por uma tira larga bordada a perolas. As mangas curtas levam folho de renda. E' uma toilette apropriada a casamentos, *five ó clocks*, e festas.

Fig. 6 — Toilette artistica e notavel pela sua originalidade.

A saia, extremamente comprida, é confeccionada n'um tecido transparente *gris*. O corpo tem a particularidade de não levar costuras nos hombros, moda inspiradora das mangas em estylo *Kimono*.

Este corpo é composto de rendas, rebordos de seda, *passementerie*, e borlas em cordão de seda, as quaes caem á frente do cinto de seda. A seda em côr *cerise* ficará perfeitamente.

Fig. 7 — Esta encantadora toilette ficará



FIG. 7



FIG. 8

FIG. 9

muito chic confeccionada em taffetas côr de canella com padrão dourado.

O cinto é feito de setim preto, e o corpo em fórmula de bolero, une á frente com um *chou* composto de seda côr de salmão n'uns poucos de tons. O chapéu de sol é em tecido dourado e renda com lindo cabo de ebano antigo.

E' uma toilette de cerimonia verdadeiramente chic, e d'um *ensemble* harmonioso, tornando-se notavel a fórmula das mangas, e o feitio da saia que é um primor de elegancia.

Fig. 8 e 9 — São duas toilettes deliciosas, e que apresentam grande novidade.

Qualquer tecido inglez é extremamente adequado para as confeccionar. A fig. 8 é elegantissima, formando uma jaqueta larga com coleto abotoado. Esta jaqueta serve perfeitamente de abafio, podendo vestir-se sobre qualquer camisola. A gola é alta, em velludo, e não chega á frente, e os grandes botões que ornamentam a frente são tambem de velludo.

O corpo da fig. 9 é todo guarnecido de galões muito largos, os quaes circumdam toda a forma original do casaco, assim como a saia, onde se veem de espaço a espaço em quatro ordens. Os galões devem escolher-se n'um tom bastante escuro ou preto de forma a sobresahirem bem no tecido.

Como o corpo da outra toilette, este



N.º 1



N.º 2

N.º 3



N.º 4

tambem serve de abafo, sendo grande a sua commodidade.

MODELOS DE CHAPEUS

N.º 1 — Este chapéu é em velludo *bleu-pastel*, enfeitado com grande pluma assombreada no mesmo tom do velludo; sendo a borda de setim, tambem, n'esse mesmo tom. A' frente, é guarnecido com uma rosa e folhagem.

Em feltro leve de côr crême, com a pluma em qualquer tom moderno, como violeta, *bleu-royal*, etc., produzirá certamente um effeito tambem muito chic, e extremamente moderno.

N.º 2 — Lindo modelo de chapéu, confeccionado em velludo *marron d'or* com guarnições de fitas de tecido dourado, e pregueadas de tulle, rematando com uma roseta do lado esquerdo, onde uma enorme *ai-grette paradís* cae para fóra da aba; atraz leva tambem um *cache-peigne* de tulle. Este modelo, apresenta grande novidade e fica perfeitamente ao parecer.

N.º 3 — Um chapéu chic de forma completamente nova, é o que apresentamos aqui.

Poderá ser de feltro molle ou de velludo de côr, com fitas contrastando bem com tom do velludo ou feltro. Essas fitas são arranjadas em laçadas compridas atraz, debaixo da aba formando *cache-peigne*.

Um veu muito fino é usado com este chapéu; este veu pode escolher-se harmonizando com a côr do chapéu, e a borda é rodeada por uma fina renda toda pregueada.

N.º 4 — Lindo modelo de chapéu, de palha preta, ricamente adornado d'uma comprida pluma assombreada de preto e verde. Os espetos usados com este chapéu original, devem ser com bolas de perolas pretas e esmeraldas.

N.º 5 — Chapéu modelo d'uma das melhores casas parisienses; confecciona-se em palha verde, e é guarnecido ao lado por uma grinalda de trez rosas de differentes tons — chá, amarella, e mordoré. A' roda da copa é enfeitado com pregueados de tulle verde, e debaixo da aba umas laçadas de fita artisticamente arranjadas, assentam sobre o cabello.

QUANTO PESA UMA ROSA

Uma rosa de casta pequena pesa, com o calice, a haste e algumas folhas, umas 5 gr. As rosas grandes chegam a duplicar este peso.



N.º 5

A NOSSA FOLHA DE MOLDES

VESTIDO BORDADO

Esta deliciosa toilette de meia estação, além de ser d'uma extensa elegancia pode divertir as nossas leitoras com a sua confecção.

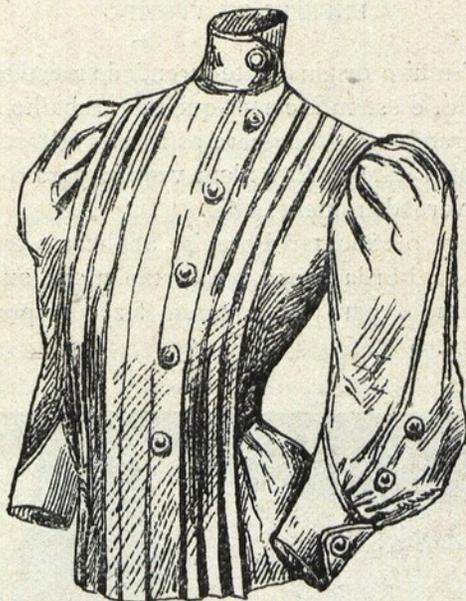
O desenho do bordado que vem na nossa folha de moldes não é dos mais complicados.

Pode-se bordar em bastidor, mas como ha-de haver alguma das nossas leitoras que o não tenham, ou para o tornar mais facil, pode-se applicar um cartão, que seja molle, por baixo do vestido que se está bordando.

Passa-se primeiro uma linha contornando



VESTIDO DE MEIA ESTAÇÃO



CASACO DE TRAZER POR CASA

todos os riscos do desenho, e borda-se depois a ponto chato.

Este vestido pode ser feito em pano muito leve *gris* ou *beige* com o bordado em branco ou no mesmo tom do panno.

Para as saias qualquer molde serve, applicando o bordado conforme mostra a gravura.

CASACO PARA TRAZER POR CASA

Este modelo de casaco é d'uma grande commodidade para as senhoras doentes que querem estar á vontade sem apertar a cintura.

A' frente leva uma grande prega e trez de cada lado como está marcado no molde, abotoando, tambem como a gola, um pouco ao lado com grandes botões.

A manga é d'uma grande novidade com a costura atravessada, e para tornar esta costura mais visivel, guarnece-se a borda com um debrum de seda, assim como a gola e punhos.

Em baixo nas mangas e punhos pregam-se uns botões como mostra a nossa gravura.

Este casaco pode ser feito em flanela azul escura ou castanha se fôr para inverno, e se fôr para verão em qualquer *voile* de côr clara.

Os botões podem ser de madre perola ou então forrados do mesmo panno.

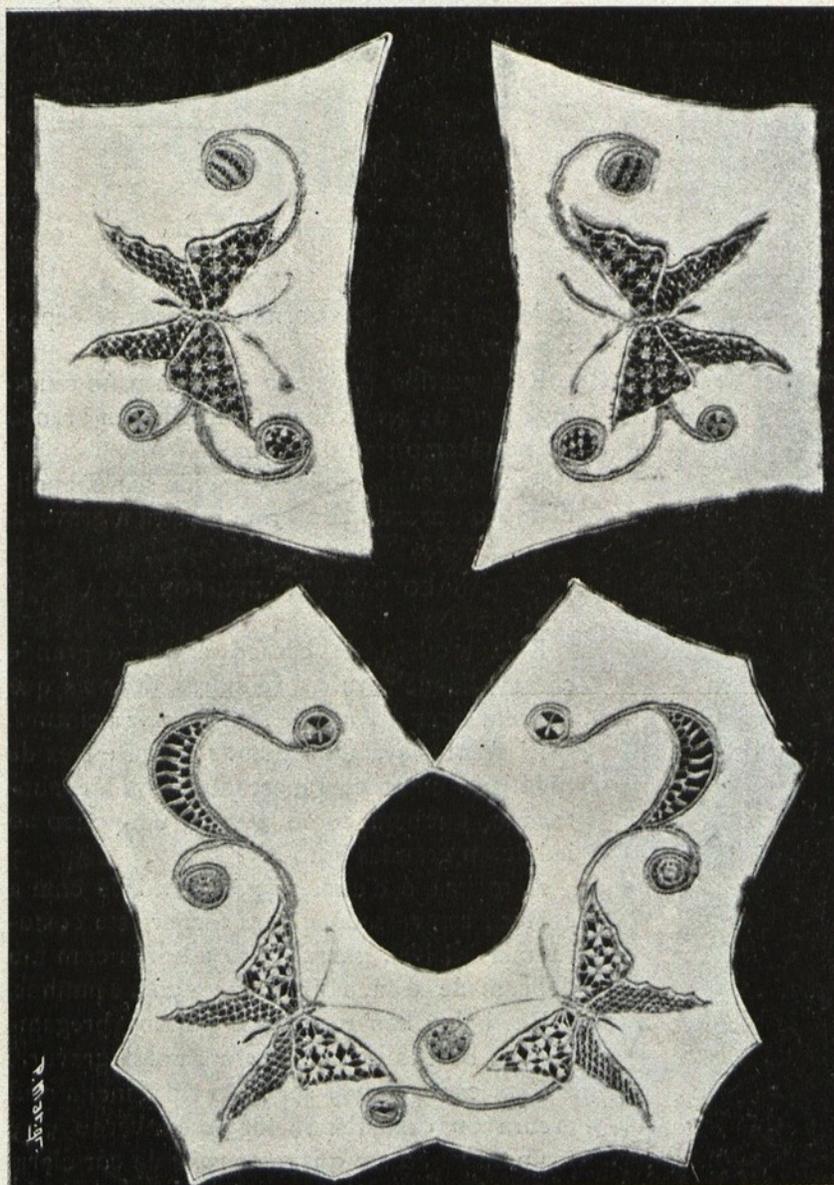
LA VORES FEMININOS

ENFEITE DE VESTIDO

E' muito original este arrendado mettido no tecido, e estamos certos que este trabalho será de grande novidade para as nossas leitoras.

Basta este enfeite n'um vestido para o tornar verdadeiramente chic.

Para o executar é preciso applicar o tecido que se borda sobre um cartão molle ou um encerado, para se poderem fazer os pontos à jour.



ESPELHO E PUNHOS PARA VESTIDO

Se as borboletas forem bordadas com sedas de côr, o effeito é ainda mais exquisito.

O contorno de todo o desenho é feito com *soutache* de seda, e as côres das sedas teem de ser muito escolhidas para que não destoem muito umas com as outras.

LINDO CESTO BORDADO

Este cesto que é d'uma grande originalidade, enthusiasmará por certo as nossas leitoras.

O desenho arte nova é muito gracioso com as suas flores de phantasia.

Faz-se o bordado n'uma tira de *étamine*, bordando-se as flores a côr de fogo com o olho mais claro, e as folhas verdes, contornando todo o desenho um ponto preto.

Arma-se depois o cesto, fazendo na aza uma graciosa *ruche* da mesma côr das flores, tambem nos dois tons.

Damos o debuxo em grande para se poderem contar os pontos facilmente.

ALMOFADA

PARA BOUDOIR

Esta graciosa almofadinha, sendo muito facil de fazer, é deveras encantadora talvez mesmo pela sua simplicidade.

Sobre linho branco borda-se a fita n'um cambiante azul, côr de rosa ou amarello.

O bordado é a ponto chato mettendo-lhe os tons claros e escuros para dar relevo á fita.

A' roda da almofada, depois de armada, leva uma franja da mesma côr do bordado.

CAPACHOS PARA VASOS

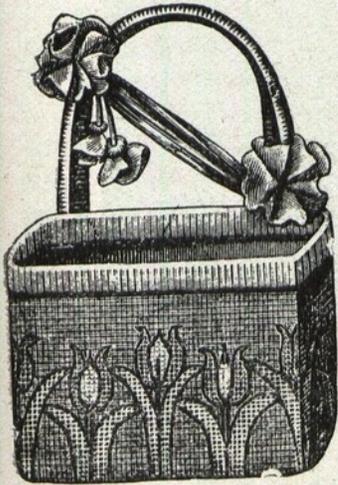
Estes graciosos tapetinhos, muito proprios para pôr debaixo dos vasos, são feitos sobre eta-

mine grossa com ponto de cruz.

O primeiro é um elegante cestinho de flores. O cesto deve ser em lâ castanha fazendo-se as flores em cores variadas, e as folhas verdes.

O modelo que damos em grande, mostra bem a divisão das côes.

O outro é mais gracioso ainda, com flores de trevo.



CESTO BORDADO A LÃS

Deve-se escolher uma côr arroxada para as flores e para as folhas um verde que dê bem a côr natural do trevo. Os pontos de phantasia á roda devem ser tambem verdes para imitar relva.

CHEMIN DE TABLE

E' difficil encontrar desenho mais artistico e rico do que o d'este *chemin de table*.

Qualquer senhora que o queira executar precisa armar-se de paciencia, porque, se este trabalho é d'um effeito surprehendente depois de prompto, é á força de muito trabalho e muito tempo. Pode ser feito em linho muito fino, e bordado a branco, com linha de algodão, se querem ter menos trabalho, ou seda se querem que fique mais rico.

O bordado é feito a ponto de relevo, ponto *pé de flôr*, nósinhos e com o ponto *à jour* que mostra a nossa gravura.

Para o ponto *à jour* faz-se primeiro o contorno da folha com ponto de caza e só depois de recortada é que se passam as linhas pelo meio.

Este bordado deve ser feito sobre um encedrado por causa dos pontos *à jour*.

Fructa saudavel

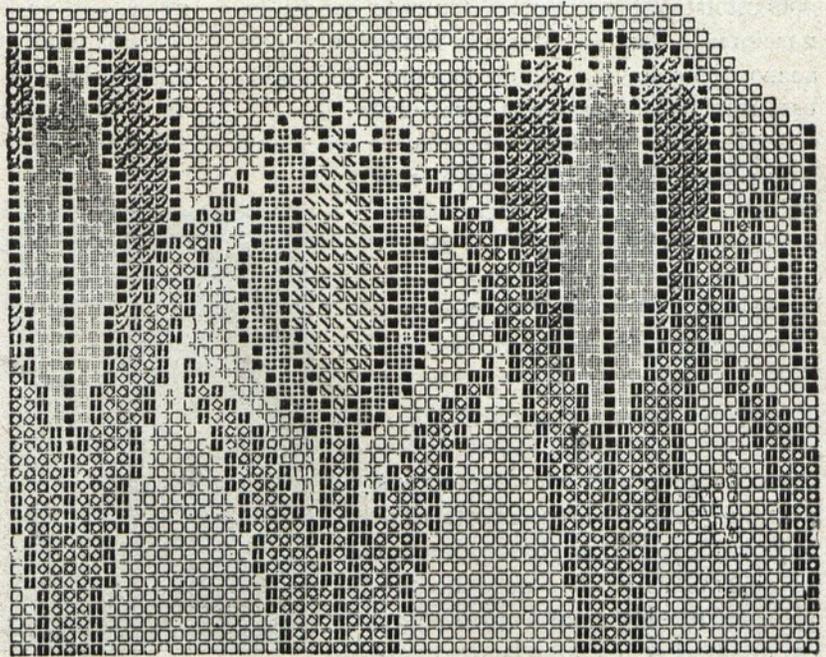
Não ha fructa mais bem escolhida para dieta, do que a maçã. N'uma cidade ha quasi todo o anno esta fructa, a qual dá um optimo resultado para a saude. O maior inimigo da belleza d'uma senhora é sem duvida a má digestão. Comendo-se uma maçã á noite, e uma ao almoço, ou mesmo em jejum, sentir-se-hão immediatamente grandes melhoras. As insomnias tambem se curam, comendo-se uma maçã antes do deitar.

Entre marido e mulher :

-- Raul, tenho absoluta necessidade d'uma toilette nova.

— Bem quereria ceder aos teus desejos, mas, minha querida, com os tempos que correm...

— Sei perfeitamente; por isso mesmo, pensei que seria melhor falar-te no vestido primeiro, e nada te dizer por enquanto a respeito do chapéu, que necessariamente tenho de comprar para a toilette nova.

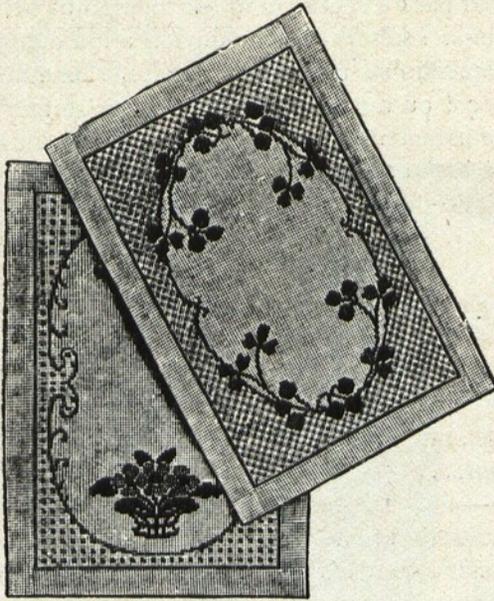


BORDADO DO CESTO

Nascimento de príncipes

Nos nascimentos de creanças reaes, é costume assistirem um ou dois ministros como representantes do povo. Esses homens do Estado e grandes dignitários, estão alli para impedirem alguma substituição, e para darem a certeza ao povo que a creança a cujo nascimento veem de assistir, é verdadeiramente filha d'uma senhora real.

Nos paizes onde a monarchia é constitucional, isto é mesmo requerido pela lei do paiz.



CAPACHOS PARA VASOS

O ministro, logo immediatamente depois do nascimento, faz um attestado official, e se por acaso tiver havido algum engano ou fraude, esse ministro é demittido e castigado.

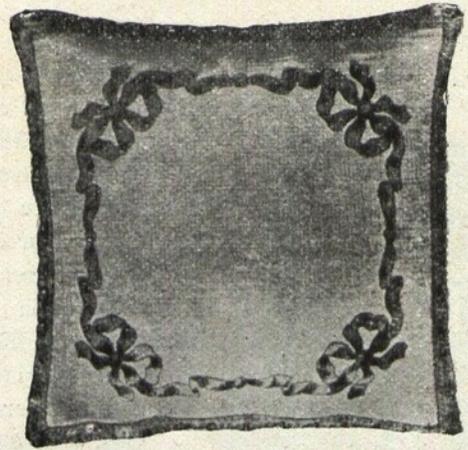
Na Russia e nos Grão-ducados de Mecklenburg-Strelitz e Mecklenburg-Schwerin, grandes dignitários estão presentes ao nascimento das creanças, não por lei, mas porque os soberanos o requerem, para protegerem a dynastia de calumnias.

Não mais agouros

As superstições n'estes tempos praticos, teem evidentemente desaparecido, ou assim parece, quando se observa as pennas de gallo tão airosamente dispostas á moda sobre os chapéus, e os anneis de casamento guarnecidos de pedras ou-

tr'ora tão fatidicas, como a opala, por exemplo.

O verde é uma côr muito usada nos casa-



ALMOFADA PARA BOUDOIR

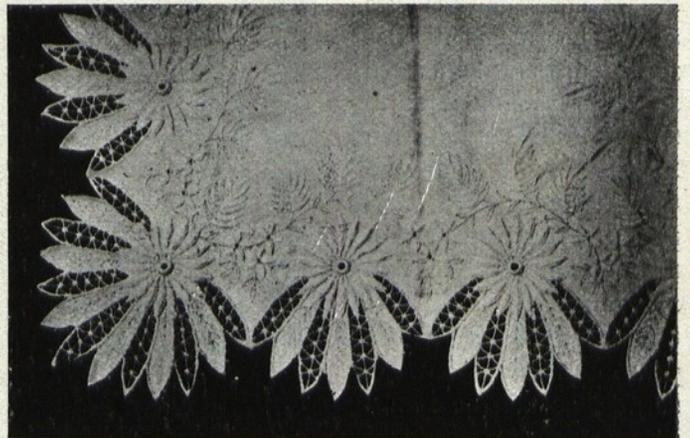
mentos, para vestuários, pintura de casas, etc. Vêem-se por toda a parte predios verdes e brancos. Mesmo a antiga mania, de que os casamentos em maio não traziam felicidade, desapareceu, pois não só o proprio casamento do rei de Hespanha se effectuou em Maio, como tambem um sem numero d'outros, o que faz crer que as raparigas do tempo presente desafiam ousadamente as antigas manias supersticiosas.

Nada desperdiçado

Os francezes utilizam tudo, não estragam nada.

Os sapatos velhos são vendidos em lotes aos ferro-velhos, os quaes os vendem ás fabricas onde são feitos em pasta.

Essa pasta transforma-se por sua vez n'uma



CHEMIN DE TABLE

imitação de couro muito parecido com o marroquim mais fino. Sobre esta especie de couro estampam desenhos, e forra-se com elle as paredes das casas, cobrem-se bahus, e serve para manufacturar artigos d'este genero.

Uníversalmente detestada

Nenhum passaro, animal, ou reptil, pode tocar no mamoneiro ou planta do oleo de ricino. Parece que deita veneno em todos os animaes.

Uma cabra morre logo, mesmo antes de trincar uma folha da planta, e um cavallo funga e volta logo a cabeça contra a planta, como se sentisse o cheiro mais detestavel do mundo. Os gafanhotos fogem tambem da planta, apezar de comerem qualquer especie de herva; e não ha melhor maneira de afugentar toupeiras de qualquer campo do que plantar um pouco de mamoneiro entre as outras hervas.

Os perfumes fóra da moda

Ha sem duvida alguma uma grande reacção na sociedade contra o uso exagerado de perfumes, e presentemente são considerados pouco chics os aromas fortes.

Qualquer perfume que se use deve ser fraco e fino. Um *sachet* cheio d'um delicado aroma mettido entre a roupa é sufficiente para muitas senhoras, de mistura com uma ou duas gotas de qualquer essencia. Os cheiros fortes são considerados pelos medicos como perigosos para a saude; alem de estragarem o olfato e o paladar, affectam o cerebro; assim a moda faz uma boa obra banindo o uso excessivo de aromas.

O ideal em belleza

Um celebre sabio allemão, que fez um estudo da vida e belleza das mulheres, de todas as nações chegou á conclusão que as japonezas são as mulheres de formas mais perfeitas e harmoniosas.

O seu ideal de proporções differe um pouco do modelo de belleza deixado pelos gregos, e dá a seguinte norma de proporções, de perfeição de figura, deduzida do termo medio das medidas de muitas:

«A altura deve ter sete vezes e meia o comprimento da cabeça, dez vezes o comprimento da cara, nove vezes o comprimento da mão, e

a perna quatro vezes o comprimento da cabeça.

Os hombros devem ter a largura de duas cabeças, e as pernas para serem perfeitamente desenvolvidas, estando-se de pé, devem tocar nos joelhos, e nos tornozellos.»

Ha, no entanto algumas outras medidas as quaes os artistas geralmente reconhecem como regra classica de belleza. A extensão do dedo pollegar e dedo do meio devem medir justamente o comprimento da cara; os pollegares e segundos dedos devem fazer um circulo exacto ao pescoço, emquanto o pollegar e dedo do meio devem rodear exactamente o pulso.

Com os braços estendidos ao nivel dos hombros, a mulher perfeita deve medir exactamente a sua altura, d'uma extremidade do dedo meio ao outro, emquanto que os braços caidos devem chegar justamente a meio caminho dos lados.

Com respeito a outros caracteres distinctivos de belleza ideal, é interessante notar que muitos pintores consideram que o cabello que é abundante, comprido e mais ou menos lustroso, transforma muitas raparigas de typo vulgar dando-lhes um grande encanto.

Por outro lado os olhos que são muito pequenos ou muito grandes demais, muito unidos ou muito desunidos, redondos demais, ou que tenham um certo estrabismo, diminuem muito a belleza. Os olhos bem formados não devem ser nem muito abertos, nem fechados demais.

Olhos proeminentes ou enterrados são imperfeições que diminuem bastante a belleza das physionomias.

Falta de tacto

Uma actriz de Baltimore, tendo os dentes em muito mau estado, foi ter com um dentista, o qual lhe tirou todos os dentes, substituindo-os por uma dentadura. A actriz reconhecida e encantada com a belleza dos seus dentes, recompensou largamente o homemsinho, mas qual não foi a sua colera e espanto, quando, alguns dias depois, passando pela casa do dentista, viu n'uma vitrine duas photographias, as quaes a representavam antes e depois da operação.

O dentista, orgulhoso da sua obra, tinha aproveitado aquella occasião para um brilhante reclame.

A actriz é que não gostou nada da graça, e fez condemnar o seu dentista, a uma multa de 5.000 francos.

A AMPULHETA

Mais alguns lustros passados, e a ampulheta certamente não existirá senão nos alfarrabios empoeirados, onde se fallará d'ella como d'um objecto autidiluviano.

Graças aos aperfeiçoamentos da sciencia, graças aos progressos da electricidade, certos *bibelots* estão destinados a desaparecerem completamente. A ampulheta servirá ainda nas aldeolas distantes, para regular a cocção dos ovos? Talvez.

Este aparelho é antiquissimo. Alguns auctores attribuem a sua invenção aos Chinezes, mas é provavel que não viesse até nós, do Extremo-Oriente; os Egypcios [conheciam-n'o e ensinariam o seu uso aos gregos, que lhe preferiram a clepsydra (relogio de agua).

O poder da queda de agua

EM VIENNA

Um americano fez uma aposta com um athleta, em como este ultimo, não poderia aguentar a queda d'um quartilho de agua na mão, gota a gota, só d'uma altura de trez metros.

O athleta tinha uma mão enorme, de pelle grossissima, e todos os espectadores acharam uma doidice da parte do americano tal aposta.

Mas, depois d'uns trezentos pingos terem caido, mudaram de opinião.

O athleta não dizia uma palavra, mas pela sua physionomia congestionada e modos afflictivos, era bem evidente que estava soffrendo grandes dôres. Aos quatrocentos e vinte pingos desistiu, declarando não poder aguentar tal tortura.

A palma da mão estava enchadissima e muito inflammada e n'alguns sitios a pelle tinha estalado, havendo bocados em carne viva.

Gargantua moderna

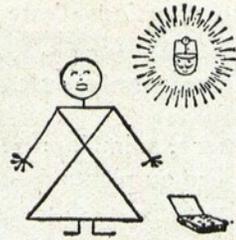
Calcula-se que um homem chegado aos 70 annos, para se sustentar, tem absorvido mais de 20 wagons de alimento, quer dizer, 80.000 kilos de comida!

E depois d'isto espanta-se a gente das dilatações de estomago!

Uma historia de amor

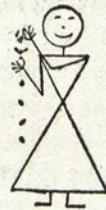
(Tragedia em cinco actos)

ACTO I



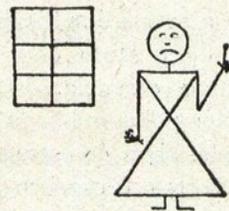
A sua vida encheu-se de luz e alegria desde o seu primeiro encontro com o lindo alferes. Pois não era sempre o garboso official que apparecia em todos os seus sonhos?

ACTO II



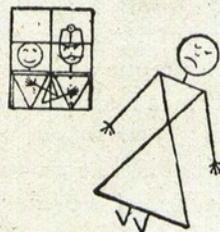
«Amar-me-ha elle?» perguntava a si propria; e muitas florinhas innocentes foram desfolhadas na esperanza de que a anciosa pergunta obtivesse propicia resposta.

ACTO III



«Lá está a casa d'elle!» dizia ella comsigo, de uma vez que lá passou. «Descança, meu coração alvoroçado, descança! Talvez o veja á janella.»

ACTO IV



ACTO V



Effectivamente E o funebre desen- viu-o; mas, oh! desdi- lace não se fez espe- ta! Com outra. Que rar!!! admira que des- maiasse?



Consultorio de Luiza

Conversando

.....
Mas não é tanto assim...

A falta de gosto na toilette nem sempre depende do poder gastar muito ou pouco dinheiro. Ha pessoas ricas, riquissimas que não pensam absolutamente em si! Vestem-se por necessidade de andar vestidas e nada mais!... Antes gostam de *poser* em *figurino antigo*, no penteado, nos casacos, no andar, em tudo. São modos de pensar e de gostar que nada teem com o espirito das pessoas. Ha mesmo quem no seu fato, aparente um desleixo e um exagero de economia que muitas e muitas vezes é a opposição completa ao modo de proceder em tudo mais!

Ha muitos annos já, existia em uma aldeia uma grande senhora de preclarissima estirpe! Era solteira e vivia, apenas, com uma creada. Ninguem sabia ao certo dos seus meios de fortuna que tinha disseminados por differentes terras do paiz.

Quasi todas as noites de inverno levava o pequenino cesto de serão, a antiga capa a cobri-la toda e a envolver-lhe a cabeça numa grossa manta de lã. A creada seguia-a e o serão passava-se agradavelmente na confortavel sala de uns seus parentes que recebiam bem e onde havia com uma bôa roda de pessoas amigas, muitas meninas, filhas da casa! Todas eram boas; mas não resistiam a entreolhar-se sorrindo, ao vêr apparecer a prima D. Albina sempre com o mesmo vestido já tirando para verde. E uma vez cuidaram de estalar de riso,

ao vel-a trazer um regalo todo feito de bacadinhos de velludo que mais parecia um tapetinho de pôr o castiçal.

N'esse anno houve uma invernã rigorosa! Os pobres morriam de fome e por baixo d'agua dizia-se que de fora vinham esmolassem se saber de quem! E uma noite em que o prior mais amargurado estava com a miseria que de todos os lados chorava junto d'elle, pensou em ir de porta em porta esmolar o pão de cada um.

Dias depois n'essa mesma sala quando a D. Albina ás suas horas regulamentares sahiu, seguida pela sua creada e com as flexiveis e pallidas mãos escondidas no regalo de retalhinhos, o prior seguiu-a com a vista...

E ao vel-a desaparecer disse com os olhos cheios de lagrimas: Sabem quanto aquellã antinha deu hontem para os meus pobres?

Trezentos mil réis!

E sempre a sorrir com aquellã doçura humilde quasi que a pedir perdão de mostrar a sua generosidade!...

Todos ficaram passados...

E ninguem tornou a rir-se do regalinho de retalhos!

Não se pôde pois dizer do feitio de cada pessoa, bem nem mal!

Ha surpresas assim. O melhor é respeitar os gostos, os modos de pensar, e as fraquezas que não incommodam ninguem!

A mim fazem-me pena se tornam a pessoa ridicula e encantam-me quando são innocentes e engraçadas!

Respostas

Julia. — Dou mais pelo apaixonado tímido, respeitoso e que falla pouco ou... nada!

Esses taes juramentos creio sejam feitos de bôa fé, mas não me admiro nada, se não estiver na sua mão sustentar as promessas que faz.

Comtudo: — não se pôde ser juiz em causas taes!

Viscondessinha. — A corôa bordada na roupa fica muito bem. Acho melher tudo branco. E em casa o menos possivel de tapeçarias.

São tudo quanto ha de menos hygienico.

A roupa em linho.

A seda é muito bonita, mas não se compara á

cambrata de linho bordada! Não se compara em riqueza nem em elegancia!

Sobre as visitas de noivado, o mais correcto é, tendo ido para fóra, fazel-as apenas regresso a casa! E não sahindo da terra, então evitar apresentar-se em publico, theatro ou *soirée* antes de cumprir esse acto de delicadeza.

A duração de cada visita não deve exceder um quarto de hora.

D. Maria Amelia. — S. Thiago — Acho preferivel deixar o que está.

Alice. — Muita pena tenho de todas as suas amarguras e creia que sinceramente lhe agradeço tantas e tantas amabilidades.

Essa novidade de armar as flôres sêccas em ramos artisticos em quadros é encantadora.

Póde V. Ex.^a enviar a explicação que as leitoras dos *Serões* muito agradecerão.

Gosto muito do seu coração.

Roxane. — Não tornei a saber d'esta bella amiga!

Albertina. — Porto — O vestido liso. Em velludo bom quanto menos enfeitado melhor.

O chapéu como V. Ex.^a diz fica optimo.

Luvras brancas e altas.

Maribell. — Abrantes — Usam-se effectivamente muito as *postiches*, mas em uma senhora nova como V. Ex.^a nada vale a simplicidade.

Maria Helena. I. F. — Aqui não ha nada nesse genero, pelo menos que eu saiba. O mais que posso fazer é perguntar e responder pelo correio.

O cordão de ouro é bonito mas muito delicado e artistico embora antigo.

Mariquinhas—A renda ingleza é linda; mas muito bem executada.

Só n'estas condições a deve applicar na blusa. Tenho visto por ahí bordados!...

Josephina. — Faro — Acho linda a ideia. O tulle branco é insubstituivel!

Sapato e luva de pellica branca.

Virginia — O casaco forte e em claro. Mas irreprehenivel no corte. O mais simples possivel.

Ilha—Africa—Menina—Vi o seu lindo retratinho e tenho saudades de todos do grupo.

Maria Magdalena—Não confie V. Ex.^a muito n'essas cousas.

O muito dinheiro ás vezes dá volta ao miolo!

Dinheiro ou posição.

Esteja sempre disposta para o que der e vier!

De uma creatura sei eu que acreditava immenso na amabilidade de um sujeito. E quando elle foi ministro, transformou-se de um modo que ella só tornou a parecer-lhe a mesma pessoa, depois de passado o tunnel... *ministerial!*

A vida é, com raras e honrosissimas excepções... isto, e... *só isto!*

Carmencita—Acho preferivel V. Ex.^a pôr de parte a ideia. Para mim tudo quanto ha de mais immoral é comprar uma cousa sem saber d'onde ha de vir o dinheiro para a pagar. Não siga V. Ex.^a esses conselhos. E tenha sempre em vista arranjar uma grande paz de futuro.

Privações d'essa ordem não são privações!

Segure o seu espirito agora e lembre-se sempre d'este conselho, que eu recebi de quem tinha muito espirito e já não existe:

Não ha prazer que valha um minuto de paz!

Disponha V. Ex.^a sempre do meu nenhum valôr.

Mimi. Braga.—Tudo na mesma. E cada dia que passa maior desalento. Veremos o que Nosso Senhor faz.

Emilia—Rio de Janeiro.—Previna V. Ex.^a do tempo em que vem. E terá satisfeito o seu pedido.

LUIZA.





Notas de dona de casa

BRANDE DE BACALHAU SIMPLES

PRATO DE ALMOÇO

Coze-se um bom bocado de bacalhau, em seguida tira-se-lhe as pelles, e as espinhas. Põe-se ao lume em fogo brando, e vae-se batendo o bacalhau, e deitando continuamente um fio de azeite como se fosse para molho de mayonnaise. Junta-se um copo de leite, depois do bacalhau estar desfeito, e uma batata esmagada para o bacalhau unir bem.

EMPLASTOS PARA FRIEIRAS

Um excellente remedio para frieiras, faz-se da seguinte forma :

Tira-se o miolo d'um nabo cosido, junta-se uma colher de sopa de azeite, uma de mostarda e outra de rabanete ralado.

Põe-se esta mistura n'um trapo macio e applica-se.

DÔRES DE OUVIDOS

Nunca devemos pôr dentro dos ouvidos nenhum remedio, sem ordem do medico.

A melhor maneira de alliviar uma dôr de ouvidos, é aquecer um ferro ou um tijolo, enrola-lo n'uma flanella dobrada em duas ou tres dobras, e espalhar por cima agua quente.

Se o ouvido estiver mesmo com a flanella em cima, o vapor penetrará dentro, e isto alliviará a dôr.

REDES DE DESCANÇO

Quando começa a convalescença de qualquer doença, o doente quasi sempre soffre de desasocego, o qual é geralmente um symptoma d'esse periodo da doença. Uma rêde pendurada servindo de cama, dará um bem estar admiravel ao doente, quando este estiver cansado de qualquer outra posição.

CURAS PELO SAL

Os effeitos do sal nunca foram estudados como deveriam ser. Para olhos inflammados e doridos, é d'um grande allivio laval-os com agua e sal.

Para dôres de garganta nada ha melhor que gargarejos da mesma agua. Os mais obstinados incommodos intestinaes curam-se radicalmente por um persistente uso de meia colher de chá de sal n'um copo de agua tomado antes de nos deitarmos, e assim que nos levantarmos.

BORBULHAS

As pessoas que soffrem de borbulhas, devem comer bastantes agriões. Não ha melhor purificador de sangue. Os agriões teem muito ferro, por isso são muito bons para as pessoas anemicas.

CURA DE NEURALGIAS

Um remedio simples para neuralgias, é applicar rabanetes ralados sobre as fontes, quando as neuralgias são na cabeça ou na cara, e nos pulsos quando as dôres são nos braços ou hombros.

FLORES EM QUARTOS DE DOENTES

As flores sempre tão agradaveis á vista, nunca se devem pôr, quando muito cheirosas, em quartos de pessoas doentes, e devemos ter o cuidado de as tirar sempre á noite, porque absorvem e corrompem o ar.

SABÃO PARA QUEIMADURAS

A melhor maneira de tratar queimaduras é cobri-las com uma cataplasma de sabão um pouco grossa, de maneira que não deixe entrar o ar. Uma applicação de farinha ou pó de gomma posto logo em cima da queimadura, tambem é recommendado.

UM BOM SEDATIVO

Um sedativo dos mais efficazes é feito com olhos de papoulas. Bastam quatro onças, as quaes se cortam em bocadinhos meudos, sem sementes, deitam-se em quatro quartilhos de agua, e fervem durante cincoenta minutos.

Passa-se a agua por um pano, e usa-se em seguida para fazer fomentações quentes.

REGRAS DE HYGIENE

Para termos saude é necessario seguir o mais possivel as seguintes regras:

Nunca dormir nem permanecer n'um quarto fechado.

Dentro de casa, procurar sitio bem ventilado onde dê o sol, e se fôr possivel, sem tapete.

Ter pelo menos uma janella aberta no quarto de cama.

Dormir, sendo possivel, n'um quarto sózinho e n'uma cama só.

Deitar cedo, e dormir pelo menos oito horas.

Evitar a humidade, poeira e fumo.

Conservar sempre os pés quentes e secos.

Ter intervalos de descanso entre o trabalho.

Evitar comer emquanto o corpo ou o espirito estão cançados, ou quando se está excitado ou nervoso.

Comer alimentos são e bem feitos.

Evitar excessos de assucar, dôces e folhados.

Nunca tomar banho senão duas horas depois das refeições.

Comer fructa antes das refeições.

Nunca comer em intervallos irregulares.

COMO SE LAVAM OS TECIDOS PRETOS

Para lavar as cachemiras e todas as lãs pretas, faz-se um cozimento durante uma hora de fel de vacca ou de hera. Lava-se a fazenda com este cozimento e passa-se por outra agua limpa, engommando-a depois, ainda humida, do avesso.

A seda preta, crepe, ou grenadines tambem se tornam lindas e brilhantes pelo mesmo processo. Lavam-se com as costuras descosidas, passando com uma esponja.

O velludo e a belbutina podem ser limpos

de diversas maneiras; um dos systemas é passar uma esponja com benzolina pelo tecido, e depois applicar pelo avesso uma gomma arábica muito fraca. Depois d'isto estical-o n'um bastidor, e engomar do avesso, em cima d'um panno humido.

Como o velludo não pode ser engomado como os outros tecidos, o melhor meio é esticar o panno humido no avesso do velludo, e depois passar os dois pelo ferro, que deve estar voltado para cima.

Se o velludo estiver pouco amarrotado, fica engomado, caso se estique sobre uma bacia de agua a ferver. Nодоas podem tirar-se com therebentina, e esfregadas com flanela até secar. A belbutina, especialmente as côres fortes, pode bem lavar-se em lavagem ordinaria, que dá bom resultado.

Uma saia de sarja empoeirada, ficará perfeitamente limpa, escovando-se bem com uma escova grossa, molhada em agua quente. Depois pendura-se a saia n'uma corda, até toda a humidade ter desaparecido.

REMENDOS INVISIVEIS NAS CORTINAS

Corta-se um bocado do tamanho requerido d'uma cortina velha, e mette-se em gomma. Depois assenta-se na cortina com um ferro quente, e o buraco ficará perfeitamente remendado, até ao dia em que se tenha de mandar lavar.

As cortinas não se devem engomar, porque quebra os fios; em logar d'isso, franzem-se e puxam-se muito bem; se ainda ficar alguma prega, depressa desaparecerá depois de se pendurarem.

VERRUGAS

Uma verruga é um crescimento da epiderme. Pode extrahir-se com fricções; no entanto ha verrugas que não saem facilmente, e veem em grande numero, provindo de causas internas.

Encontram-se particularmente em creanças fracas até aos dezesseis annos. Magnesia calcinada em pequenas doses, desfeita n'agua, tomada diariamente muitas semanas ou mezes, é um remedio efficaz para nos vermos livres das verrugas.



Musica dos "Serões"



Pas de quatre

PARA PIANO

POR

Henrique da Rocha Pinto



O nosso collaborador musical sr. Henrique da Rocha Pinto distingue-nos com mais uma manifestação de talento artistico, que será apreciada pelas nossas amaveis leitoras durante as "sauteries,, da primavera, em que o "pas-de-quatre,, é um elemento gracioso de diversão.

«SERÕES» N.º 20, Fevereiro de 1907

Pas de quatre

por HENRIQUE DA ROCHA PINTO

$\text{♩} = 72$

The first system of music consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. The key signature has two flats (B-flat and E-flat). The time signature is 4/4. The tempo is marked as quarter note = 72. The music begins with a rest in both staves for the first measure. In the second measure, the upper staff has a half note G4 with an accent (>) and a fermata. The lower staff has a half note chord of F4 and B-flat4 with an accent (>). The third measure has a half note G4 with an accent (>) in the upper staff and a half note chord of F4 and B-flat4 with an accent (>) in the lower staff. The fourth measure has a half note G4 with an accent (>) and a fermata in the upper staff, and a half note chord of F4 and B-flat4 with an accent (>) in the lower staff. The dynamic marking *f* is placed above the first measure of the second system.

The second system of music consists of two staves. The upper staff has a half note G4 with an accent (>) and a fermata in the first measure, followed by a half note G4 with an accent (>) in the second measure, and a half note G4 with an accent (>) in the third measure. The lower staff has a half note chord of F4 and B-flat4 with an accent (>) in the first measure, followed by a half note chord of F4 and B-flat4 with an accent (>) in the second measure, and a half note chord of F4 and B-flat4 with an accent (>) in the third measure. The dynamic marking *p* is placed above the second measure, and *f* is placed above the fourth measure.

The third system of music consists of two staves. The upper staff has a half note G4 with an accent (>) and a fermata in the first measure, followed by a half note G4 with an accent (>) in the second measure, and a half note G4 with an accent (>) in the third measure. The lower staff has a half note chord of F4 and B-flat4 with an accent (>) in the first measure, followed by a half note chord of F4 and B-flat4 with an accent (>) in the second measure, and a half note chord of F4 and B-flat4 with an accent (>) in the third measure. The dynamic marking *mf* is placed above the second measure, and *f* is placed above the fourth measure.

The fourth system of music consists of two staves. The upper staff has a half note G4 with an accent (>) and a fermata in the first measure, followed by a half note G4 with an accent (>) in the second measure, and a half note G4 with an accent (>) in the third measure. The lower staff has a half note chord of F4 and B-flat4 with an accent (>) in the first measure, followed by a half note chord of F4 and B-flat4 with an accent (>) in the second measure, and a half note chord of F4 and B-flat4 with an accent (>) in the third measure. The dynamic marking *p* is placed above the second measure, and *f* is placed above the fourth measure.

First system of a piano score. The right hand features a melodic line with accents and slurs, including a triplet. The left hand provides harmonic support with chords and single notes. Dynamics include *f* and *mf*.

Second system of a piano score. The right hand continues the melodic line with accents and slurs, including a triplet. The left hand provides harmonic support. Dynamics include *f* and *mf*.

Third system of a piano score. The right hand features a melodic line with accents and slurs. The left hand provides harmonic support. Dynamics include *mf* and *f*.

Fourth system of a piano score. The right hand features a melodic line with accents and slurs. The left hand provides harmonic support. Dynamics include *p* and *f*.

Fifth system of a piano score. The right hand features a melodic line with accents and slurs. The left hand provides harmonic support. The system concludes with a double bar line.